

Passos perdidos em várias antecâmaras?

Ernâni Lopes à espera da prenda de Natali

Pág. 13



Lorenzo Natali

Nome de ditador substitui nome de santo

O ditador morreu historicamente antes do seu regime ter sido derrubado, e, antes de morrer fisicamente, tinha tido morte política. A História, implacável, rejeita a memória do regime.

Não trema a Democracia por ser lembrado, referido, enaltecido por fiéis e saudosistas, o nome do ditador. Nem merecem censura pública as fidelidades que persistem nas costas do povo, à margem da realidade nacional. Saudosismos são saudosismos. Reacções contra o tempo novo que se toleram, que se compreendem, que se condenam, mas não devem suscitar ruidosa polémica ou intolerante ataque. Os restos do «Estado Novo» são, apenas, restos, sombras de um passado morto.

Mas são diferentes, e merecem atenção, as atitudes que representam um desafio, e mais do que um desafio uma afronta, ao povo que aderiu à Revolução de Abril e abraçou as instituições democráticas. E uma dessas atitudes de desafio e de afronta acaba de ocorrer, com provocatória publicidade e escandalosa aquiescência das autoridades, na cidade de Bragança.

Um lar para rapazes mudou de designação. O nome de Santo António foi substituído pelo nome de ditador: Dr. António de Oliveira Salazar. Que reacções saudosistas preferiram o nome do ditador ao nome do santo, é sinal de raiva contra a liberdade e de contestação da vida democrática, triste lição para os rapazes na casa recolhidos e educados. Atitude de desafio, afronta a Abril, que não carece de longos comentários da Imprensa. Ao Governo compete o comentário.

Com a nova arrumação do tráfego

Peões cercados nos Restauradores



Foi rodeada por uma certa confusão a entrada em vigor do novo esquema de circulação de autocarros pelas vias centrais da Praça dos Restauradores, em Lisboa. Entre o «era ontem» e «já não era», as regras adoptadas pela Câmara de Lisboa entraram mesmo em funcionamento, com a colocação de sinais de paragem para os autocarros nos passeios que ficam entre as fixas laterais e as centrais. Abre-se, provavelmente, um novo ciclo na história dos atropelamentos da capital, com os utentes da Carris em permanentes atravessamentos a partir de (ou para) os passeios totalmente destinados à circulação dos peões. E enquanto esperam, ficam rodeados de carros por todos os lados. Mas não é tudo, em matéria de alterações de trânsito, na capital, já que ainda ontem os vereadores aprovaram mudanças no estacionamento de autocarros no Parque Eduardo VII.

Pág. 9

Esta D. Branca chama-se Guilhermina ...e já voou

Chamava-se Guilhermina, abria «escritório» na Avenida Duarte Pacheco, em Lisboa e pretendia, claramente, suceder a «D. Branca», que se encontra na Cadeia das Mónicas. As queixas contra D. Guilhermina já apresentadas na Polícia Judiciária dão conta de que eram pura fraude os

10 a 12 por cento mensais oferecidos pela «banqueira». É que a nova «prestamista» desapareceu, ao que se sabe, sendo portadora de 8300 contos que lhe tinham sido confiados.

Os clientes da «nova D. Branca» sentiram-se burlados quando

venceram os prazos estipulados na altura dos depósitos, sem que os juros devidos lhes fossem pagos. Segundo confessaram à Polícia Judiciária, ainda aceitaram alguns adiamentos... mas D. Guilhermina acabou por desaparecer.

Dos seis queixosos, um deles

representava um pequeno grupo de investidores que, só pela sua parte, entraram com sete mil contos.

O intermediário era um reformado que também terá investido todas as suas economias. Outros cinco investidores terão depositado importâncias modestas, pouco

mais de mil contos, no seu conjunto.

A PJ não revelou mais elementos sobre a identidade de D. Guilhermina. Mas tudo indica que, depois da publicação destes factos, sejam apresentadas mais queixas por suspeita de burla.

Censura CDS em marcha esta tarde

Fragilidade do Governo testada na Assembleia

Pág. 5

Se os jovens pudessem...



Madalena, 25 anos, empregada de comércio

“Tudo é política”

- Porque escolheu essa profissão?
- Não escolhi, foi o que arranjei.
- Sente-se realizada?
- Não, mas é preferível a estar sem emprego.
- Foi difícil consegui-lo?
- Foi bastante difícil, estive muito tempo à espera até que uma amiga me arranhou este. De qualquer modo não sei por quanto tempo, porque estou com contrato a prazo.
- O que pensa das chamadas cunhas?
- Claro que não concordo, mas quando está em jogo um emprego não se pode pensar se está certo ou não. E no meu caso, que entrei por intermédio de uma amiga e estou com contrato a prazo, deixa-me sem hipótese de protestar contra qualquer situação que não me agrade.
- Acha que os contratos a prazo são uma forma de manter o trabalhador passivo perante uma situação de injustiça?
- Com a crise de emprego que se vive actualmente, um trabalhador tenta preservar o seu posto de trabalho, sujeitando-se a certas situações. Se está com contrato a prazo isso ainda é mais acentuado porque quanto menos «ondas» fizer mais possibilidades tem de se manter lá.
- De quem é a culpa de uma lei dessas ainda se manter?
- Acho que é do Governo que permite uma situação destas, mas também das pessoas que o não obrigam a acabar com ela. As pessoas reagem cada vez menos.
- Interessa-se por política?
- Tudo é política.
- O que pensa da nossa classe política?
- É uma miséria. Este Governo já devia estar na rua.
- O que é que está pior em Portugal?
- Os sucessivos aumentos, o desemprego, os contratos a prazo.
- E o que é que está bem?
- Não há nada que esteja bem.
- Desesperada?
- Não, mas muito desiludida.
- O que é que você mudaria se estivesse no Poder?
- Criava mais habitações e acabava com os contratos a prazo.
- Como faria?
- Não sei, talvez fazendo habitações sociais e obrigando os empresários a manter os postos de trabalho.
- O que costuma fazer nos tempos livres?
- Não tenho muitos tempos livres, porque se não estou a trabalhar arrumo a casa, trato do meu filho, essas coisas que uma mulher tem sempre que fazer. A minha distração costuma ser o cinema.
- Gosta de cinema português?
- Gosto, mas não costumo ver muito.

tem a palavra o leitor

Profissionalização em exercício

Américo Dias

Qualquer coisa está podre no Ministério da Educação. A profissionalização em exercício assenta numa doutrina que se baseia na aposta da Escola como grande centro de formação de professores, formação que tem como primeira etapa a profissionalização.

O arranque não foi fácil. Mentalidades esclerosadas de professores que já tudo sabiam, constituíram a primeira barreira. Contudo a aposta dos que viam neste processo inovador a hipótese de dar aos professores a actualização profissional que o Ministério da Educação nunca deu, foi suficiente para aguentar o primeiro impacto. Os professores em profissionalização à medida que chegavam às escolas, que funcionavam como polo da sua formação, foram abanando a estrutura, os Conselhos Pedagógicos viram-se obrigados a organizar-se de modo a que a escola pudesse funcionar realmente como centro de formação de professores.

O processo vai entrar no seu quinto ano. As grandes dificuldades iniciais vão-se vencendo. Nas escolas os professores vão aderindo. Milhares de professores participam anualmente em acções de formação organizadas pelas escolas em que estão colocados. Os tecidos esclerosados vão amolecendo. A dificuldade, a grande dificuldade, era conseguir professores dispostos a assumir, na escola, a responsabilidade de formar e avaliar os professores em profissionalização. Mas, ano após ano, as resistências foram diminuindo e os professores aderindo.

Os professores tomam-se mais conscientes. Discutem o nosso Sistema Educativo, saem

da escola para conhecer o meio que a rodeia, tentam intervir na solução de problemas e descobrem que os apoios ministeriais falham sempre.

O retrocesso

Seabra ascende ao paraíso ministerial no momento em que a profissionalização começa a consolidar-se. O ministério de Fraústo apostara no processo. Abriram-se, finalmente, alguns Centros de Apoio Pedagógico, começou a organizar-se a formação de Orientadores Pedagógicos, tudo foi feito na tentativa de garantir aos professores em profissionalização os apoios necessários a uma formação inicial.

Com Seabra, a investida começou! O ano lectivo de 1983/84 viu nascer o primeiro instrumento de avaliação de professores elaborado à margem dos intervenientes no processo. Viu despachos surgirem para regulamentar o número de deslocações dos orientadores pedagógicos às escolas. Despachos que, na prática, serviam para conter despesas pois impediam as deslocações fixando números exageradamente baixos. Paradoxalmente aumentavam-se as responsabilidades dos orientadores na avaliação daqueles professores que não podiam apoiar. O instrumento de avaliação era complexo, as dúvidas imensas e para as dúvidas as Direcções Gerais não tinham resposta... o poder central parira um filho que não entendia!

A formação de Orientadores Pedagógicos foi esquecida. Reivindicada por aqueles a quem por lei era garantida, ia sendo adiada mês após mês, até já não valer a pena.

O número de vagas para

acesso à profissionalização foi drasticamente reduzido. Centenas de professores viram o seu ingresso na profissionalização adiado. Centenas de professores viram que terão que continuar à espera da oportunidade para profissionalizar, para subir de letra, para começar a conquista da tão desejada estabilidade profissional.

As Equipas de Apoio Pedagógico cessaram funções em 30 de Setembro de 1984. As novas equipas constituíram-se com base nos resultados dum concurso cujo aviso de abertura data de 30 de Abril de 1984. Concurso que se tem arrastado de tal modo que não se sabe quando terminará a colocação de orientadores. Concurso com requintes que deixam dúvidas no espírito dos mais crentes. Concurso que decorreu sem que fossem dadas respostas às inúmeras reclamações. Concurso que viu a lista definitiva graduada de candidatos publicada em 10/8/84, o despacho de colocação de orientadores pedagógicos, que nalguns casos não respeitou a lista definitiva, datada de 6/9/84, a uma lista de alterações à lista definitiva, que justifica o desrespeito pela primeira, datada de 11/9/84 e publicada em 20/9. Podem não ter sido feitas escolhas, pode não ter sido afastado alguém mais inconveniente, mas as dúvidas sobre a legitimidade do processo são muitas... e para ficar.

A (in)competência

Por fim, os critérios de colocação de Orientadores Pedagógicos por zonas. Em 17/9/84 pretendiam representantes das direcções-gerais, onze dias após a assinatura do despacho de no-

meação de orientadores, definir os critérios de colocação de orientadores por zona. Critérios que, segundo as colocações efectuadas, são diferentes de disciplina para disciplina. Critérios que parecem feitos a pensar em pessoas desejáveis e indesejáveis. Critérios em que se encontra apenas um ponto comum - a ausência de critérios.

E com os orientadores colocados, os delegados à profissionalização eleitos ou destacados e os professores em profissionalização nas escolas, pareceria que a profissionalização iria funcionar em pleno. Só que as equipas não estão dimensionadas de acordo com as necessidades. As direcções-gerais revelaram-se incapazes de fazer, em tempo, um levantamento eficaz da situação que permitisse a colocação atempada de todos os orientadores pedagógicos necessários.

Alertadas pelas equipas de apoio pedagógico para a deficiência de colocação, só muito tarde assumiram o compromisso de corrigir situações escandalosas. Correção que se vai processando dum modo burocraticamente lento.

As equipas continuam a aguardar que os seus quadros estejam completos, algumas escolas esperam que as equipas possam dar resposta às suas solicitações enquanto alguns professores aguardam o destacamento que lhes permitirá ingressar nas equipas de apoio pedagógico. Prejuízos para muitos numa situação em que a responsabilidade é de muito poucos. Responsabilidade daqueles a quem o mínimo que devemos exigir é que sejam competentes. (se é que se trata de incompetência).

Um diálogo interrompido

Alice Nicolau

ESTAVAM os coreanos num interessante processo de degelo, depois de alguns passos relevantes dados por Pyongyang e parcialmente acolhidos por Seul. Estavam, mas agora deixaram de estar ao menos temporariamente.

Prosseguindo os seus objectivos prioritários de reunificação da pátria, os norte-coreanos procuraram, nos últimos tempos, as vias possíveis de conciliação, ainda que com quebra de alguns princípios, que, sendo importantes, não eram medulares. Uma viragem significativa produziu-se quando Pyongyang propôs negociações tripartidas (com inclusão de Seul) para converter o armistício no regulamento definitivo da paz na península. Dando mostras de grande flexibilidade, Pyongyang fez este pequeno salto acrobático, mas não encontrou eco.

Nem por isso a RPD da Coreia desanimou. Inundações catástrofes assolaram o Sul. O Norte ofereceu auxílio humanitário. Espanto dos espantos! Seul aceitou. Assistiu-se então a um acontecimento histórico: por intermédio da Cruz Vermelha, os irmãos do Norte tocaram directamente na vida dos irmãos do Sul. Para uma pátria dividida, que amargamente se ressentia do isolamento total onde famílias inteiras se encontram desde a guerra, foi uma exaltante novidade, um estímulo que as populações do Sul sentiram e puderam transmitir ao governo.

Esse estado de espírito levou Seul a aceitar outro contacto histórico: o diálogo económico com Pyongyang. Sentiu-se então que, apesar das divergências de

perspectiva, apesar da aceitação constrangida de uma parte, e da entusiástica entrega da outra, Seul e Pyongyang se encaminhavam por uma via promissora, doze anos após a declaração mútua de reunificação, solenemente assinada e nunca concretizada devido à obstrução dos EUA.

Estavam as coisas neste pé quando os deuses da guerra lançaram a cizânia. Tudo se passou por causa de uma divisória colocada no exterior e no interior de um modesto conjunto de edifícios de um só piso, na zona de demarcação militar de Panmunjon.

Uma delegação anfitriã da RPD da Coreia deslocou-se à zona, no passado dia 23 de Novembro. Estas visitas, habituais dos dois lados da linha divisória, conseguem-se normalmente depois de um certo regateio em Pyongyang quando o convite não surge espontaneamente das autoridades. As vezes a pessoa interessada tem de manter um diálogo prolongado, cortês, asiático, com algum alto funcionário para conseguir autorização. Dizem que o local é perigoso, que é preciso evitar incidentes, que qualquer falha pode desencadear um incêndio de alarmantes proporções.

Perante estes argumentos, o visitante sente-se, de repente, um factor histórico, o que, não deixando de ser lisonjeiro, é perturbador. Depois, quando a autorização chega, o visitante lá vai até Panmunjon, normalmente integrado numa delegação e sempre escoltado por militares. Já se sabe que os estados de tensão não voam como as borbo-

letas, por isso resultam bastante inapreensíveis. Tudo depende da pessoa que vive as situações.

Se é timorata, tem medo das próprias sombras que os edifícios projectam no cimento. Se não é, até chega a achar a situação pelo menos estimulante. Imagina-se um grupo de edifícios de um só piso, alinhados e todos iguais, com a única sala dividida por uma fitinha larga, de pano, de cor debitivamente azul, de janelas largas, com militares «inimigos» a passearem por ali atarefados à volta da torre asiática que em coreano promete o paraíso da liberdade, sob tutela yankee. A visita desdobra-se em várias etapas, uma das quais é a entrada num dos edifícios, com uma longa mesa e cadeiras, onde se conversa um pouco. A tensão só se torna visível (tornou-se no meu caso) quando de repente uma sombra se projecta no tampo da mesa: um soldado negro dos EUA, mascarando uma pastilha elástica com a expressão inteligente do gorila de maior Qi do Jardim Zoológico de Lisboa, encontra, esbarrando a cara na vidraça, contemplando-nos e apontando uma máquina fotográfica. Compreende-se que um dia os nervos cedam e que um incidente possa surgir. Mas isto é como a guerra nuclear: todos acham que é possível e ninguém quer acreditar nela.

Ora o que aconteceu no dia 23 de Novembro foi aquilo em que ninguém acredita. Um visitante da RPD, por inadvertência, ignorância, ou qualquer outro motivo passou a linha externa de demarcação. Acto contínuo, tornou-se «presa» dos soldados

norte-americanos, que não hesitaram em disparar quando a escolta norte-coreana tentou reaver o hóspede. Do incidente resultou a morte de três membros da escolta da RPD e a retenção até hoje do visitante distraído.

E resultou também a anulação do encontro marcado para dia 5 deste mês no âmbito do diálogo económico e uma violenta troca de comunicados, onde Seul e Pyongyang se acusam mutuamente de causadores do incidente.

Estará tudo definitivamente estragado? Não nos parece. Pyongyang nunca desiste e Seul não pode manter-se eternamente surdo aos anseios da população sul-coreana nem explorar por muito tempo este incidente.

Poderá perguntar-se se este diálogo, num clima de confrontação global como é aquele em que vivemos, tem alguma possibilidade de frutificar. Tudo depende da perspectiva. Não se vislumbra neste momento a possibilidade de os EUA abrirem mão da ocupação militar da península coreana (onde têm bombas de neutrões e projectam instalar mísseis Pershing-2) quando tão afanosamente edificam o chamado eixo Washington-Tóquio-Seul, ao qual talvez um dia se junte Pequim. Mas se o degelo intercoreano se concretizar, é evidente que esse será um passo importante para o desanuviamento. Dados os malefícios que para todos advém do estado de confrontação, é bom que se vão criando zonas de desanuviamento. Pouco a pouco, quem sabe? Talvez o desanuviamento alastre até se tomar total.

As presidenciais em debate

Um candidato nos antípodas da mediocridade

O debate sobre as candidaturas presidenciais para 1985, pretensamente congelado pela renovação do acordo PS-PSD, e por outros partidos condicionado à prévia demissão do Governo PS-PSD, está, não obstante, aberto. De candidaturas e de candidatos se fala. Há candidaturas em marcha — admitidas, afirmadas, propostas, defendidas. As opiniões de Nuno Bragança, Porfírio da Silva, Pina Cabral, António de Sequeira Zilhão, vem juntar-se a de um leitor do «DL». As nossas colunas acolherão as diversas opiniões. O debate das candidaturas interessa a todos os cidadãos.

A situação portuguesa é preocupante. Quem poderá negá-lo?

Mas, diferentemente do que se passa noutros pontos do globo em que há preocupações de um determinado cariz (económico-financeiras, sociais, morais, sanitárias, educacionais...) em Portugal a situação é preocupante sob todos os pontos de vista e não se enxerga um, ao menos por excepção, que se apresente promissor de melhores dias.

Os sucessivos governos, de há já demasiados anos a esta parte, têm-se encarregado de agravar a situação talvez, ou sem dúvida, porque, munidos — dir-se-ia — de viseiras que só os deixam ver um inimigo e só lhes permitem enxergar um caminho de salvação, se devotaram estoicamente à conquista da CEE.

Quando penso em certos indicadores económicos que nos caracterizam relativamente ao Mundo e à CEE em particular, não posso deixar de ver com extrema preocupação o caminho difícil, pleno de escolhos que, com teimosia, continuam a fazer-nos trilhar: o consumo nacional de energia por habitante situa-se em Portugal, aproximadamente, em metade da média mundial (que reflecte a influência ponderada do Terceiro Mundo cujo consumo «per capita» se situa à volta de 1/5 daquela média mundial); o produto nacional bruto por habitante varia, em relação ao dos países da CEE, entre pouco mais de metade da Grécia, cerca de 1/4 do da França, da Alemanha ou da Bélgica e menos de 1/5 do da Suécia.

Podia ir buscar mais indicadores, económicos ou não, mas não vale a pena sobrecarregar com eles a paciência do leitor. Pense-se só, à passagem, como nos situaríamos no que respeita à taxa de analfabetismo, ao consumo de papel, à densidade da

rede ferroviária e à velocidade média dos comboios, ao estado das estradas, às desigualdades regionais... e já agora porque é actual e gritante, recordemos o baixíssimo nível dos salários, a constante desvalorização da moeda, os salários não pagos, a desnutrição das nossas crianças, a degradação das nossas escolas!

Não somos pobres, tenho-o dito e repetido imensas vezes, mas estamos tão empobrecidos, estamos tão indigentes quando nos comparamos com os outros países da Europa, o nosso atraso é tão grande por culpa dos homens que nos têm governado que é caso para perguntar o que iríamos nós fazer no seio de tão abastado clube... Tudo isto me faz lembrar a velha fábula da «Rã e o Boi» e temer o destino que nos propõem.

Que outros remédios poderíamos encontrar para os nossos males?

Não sei dar cabal resposta a esta pergunta, mas talvez possa indicar, em curtas considerações, alguns sintomas, algumas causas e alguns caminhos (pelo menos, sobressairão alguns que não deveriam ser trilhados).

As economias ditas ocidentais e, entre elas, a nossa estão muito dependentes da política financeira americana e não encontraram ainda maneira de se livrarem dos malefícios do dólar. Não vou estender-me sobre este assunto, que toda a gente conhece. É raro o dia em que as Agências Noticiosas não alertam o mundo com nova subida do dólar, com as variações demenciais das taxas de juros nos Estados Unidos, com todas as perturbações financeiras, ou simplesmente comerciais, que daí advêm. Isto é particularmente verdade para o Mercado Comum Europeu, vespeiro onde, à força, os nossos políticos em acção querem introduzir Portugal.

Portugal, que talvez tenha tido

uma oportunidade impar de dar um exemplo que a Europa toda pudesse seguir em vez de sermos nós, agora sem projecto próprio, sem ideologia, sem entusiasmo e sem esperanças a atirarmo-nos teimosamente ao mar encapelado de uma economia dependente!

Portugal, dentro de cujas fronteiras havia um imenso e entusiasmante trabalho a desenvolver com recursos próprios, Portugal que acabava de viver uma longa noite de opressão mas que não tinha os cofres vazios nem incomportáveis dívidas ao estrangeiro, poderia e devia ter sido objecto de admiração e local onde outros viessem, procurando imitar-nos, colher os frutos da experiência de uma Revolução ímpar!

Mas os portugueses foram pequenos em face da grandeza do gesto libertador. A Revolução foi maior do que nós! Não sabemos acolhê-la, continuá-la, engrandecê-la com as honras que merecia.

Em vez de trabalho como, devotadamente e clarividentemente, houve quem procurasse incutir dele a vontade ao povo que entusiasmado respondia presente por toda a parte de Norte a Sul, tivemos a breve trecho uma legião de encomiastas exaltando por esse mundo fora a acção revolucionária que em nada lhes coubera e outra de pedintes, chapéu na mão, solicitando esmolas a torto e a direito. Gestos alheios à dignidade, à grandeza moral, à honra de um povo que acabara de abraçar, ele sim, a liberdade reconquistada.

E ficou-lhes o jeito da viajata em vez do amor ao trabalho. E ficou-lhes o vício de pediresmola em vez do apego a realizar com esforço próprio. Ficou-lhes o verbo fácil e pesado o braço. Ficou-lhes a prática da discursata oca e o apetite da comezaina que não pagam!

É o espectáculo deprimente que diariamente é oferecido ao povo. E, entretanto, o povo sofre da escassez de tudo o que já foi pago e não foi feito. Quem será capaz de prestar contas ao povo? Quem virá dizer-lhe porque é que há alunos sem escolas e escolas sem alunos nem professores; hospitais a abarrotar de doentes sem meios para os atender e outros, novos, prontos a funcionar e que não funcionam; dezenas de milhares de portugueses sem casa e tantas, tantas casas desabitadas; toneladas

e toneladas de alimentos importados e tanta terra inculta?!

Quem terá a ombridade de vir explicar ao povo a espécie de justiça que se pratica quando se lhe oferece o lamentável espectáculo de ver um juiz julgar o recurso da sua própria sentença; quando se vêem pessoas detidas nas cadeias sem se saber porquê e outras, com culpas perfeitamente conhecidas, serem postas em liberdade; quem se deterá um dia, antes de tomar o avião para Bruxelas, a explicar cabalmente aos portugueses por que motivo hão-de à força fazer parte da CEE?!

E tanta, tanta coisa mais importante do que conferências, colóquios, seminários, congressos que pululam por esse país fora — e fora dele — tanta coisa por explicar, por esclarecer, por justificar.

Acumulam-se os erros e as dívidas, atropelam-se os caminhos, sobem-se encostas «de espuma», erguem-se «torres de areia» e não se pára um instante a pensar que todo o edifício se esboroará um dia se continuar esta cavalcada de inconsciência, e que o cadáver apanhado nos escombros entre restos de banquetes e desencantos de CEE tem por nome Portugal!

O meu voto irá no sentido de contribuir para que se não chegue tão longe e tão baixo. O meu candidato será aquele que tiver credibilidade bastante para convencer o povo de que é capaz de inverter a marcha dos acontecimentos, candidato sem mancha, candidato que se erga à altura «dos fados grandes» do povo português mostrando-lhe sem temor e sem hesitação o caminho da honra e o exemplo da isenção e do respeito pela herança — privilégio desta geração — da Grande Revolução que foi a do 25 de Abril de 1974. Um tal candidato tem de situar-se nos antípodas da mediocridade.

Eu queria que fosse uma pessoa de um novo tipo, saída das fileiras e, por isso, mais próxima das realidades, menos sujeita a imperativos de classe, menos encerrada — para não dizer manietada — por subitismos não menos exigentes preconceitos a cuja obediência os medíocres tudo sacrificam. Numa palavra, o meu candidato será pessoa de ciência aprendida em contacto com a realidade da vida e dela emergida por mérito próprio.

A. Alcântara Carreira

ponto a ponto

DAS saudações recebidas por motivo da quadra natalícia e do próximo Ano Novo, queremos destacar, antes de outras referências, os votos que nos enviou a actriz Beatriz Costa que é uma amiga do «Diário de Lisboa». Amiga que há muitos anos, a jovem Beatriz Costa celebra a nossa «juventude» e deseja-nos «Festas Felizes e tranquilidade para 85». Bem haja.



O primeiro volume da «Biblioteca Diplomática» foi, ontem, apresentado numa cerimónia que contou com a presença do ministro dos Negócios Estrangeiros que decorreu no Palácio das Necessidades, «Estudos Históricos», de Luís Teixeira de Sampaio, diplomata que de 1929 a 1945 foi secretário-geral do Ministério dos Negócios estrangeiros, foi a obra escolhida para inaugurar esta «Biblioteca Diplomática», criada por despacho ministerial de 1983. Na cerimónia de apresentação de «Estudos Históricos» estiveram presentes Adriano Moreira e os embaixadores António Faria, Calvet Magalhães e Franco Nogueira.

O prémio Adelino Amaro da Costa a atribuir no próximo ano será subordinado ao tema «Regionalização, Desenvolvimento Regional e Integração Europeia», anunciou ontem o Instituto Fontes Pereira de Melo. O prémio, no valor de 75 contos, foi instituído em Dezembro de 1980 em homenagem ao dirigente democrata-cristão, Adelino Amaro da Costa. O prazo para a entrega dos trabalhos termina em 31 de Dezembro do próximo ano. Para 84, a recepção dos trabalhos subordinados ao tema «Monografia concelhia» termina no dia 31 de Dezembro.

MÁRIO Soares recebeu, ontem, em Lisboa o coordenador do Solidariedade Jerzy Niewski, que agradeceu ao secretário-geral do PS o apoio concedido à luta daquele sindicato no quadro da Internacional Socialista. Na audiência concedida por Mário Soares, o coordenador do Solidariedade fez-se acompanhar pelo secretário internacional da UGT, Henrique Coelho.

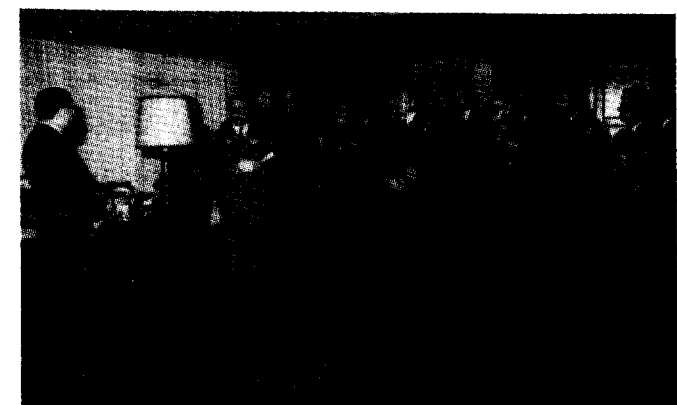
O prof. eng. Laginha Serafim, profere hoje, pelas 18 horas uma conferência nos salões da Sociedade Geográfica de Lisboa. O tema é sugestivo e oportuno: «Uma viagem à China». Por motivo da situação de Macau, presente e futura, e tendo em conta a visita do presidente da República Popular da China ao nosso país, a Cinha, em Portugal, está na ordem do dia.



UMA mensagem do Presidente da República saudando o «Jornal Português» da Califórnia, culminou o ciclo de três edições que este semanário dedicou ao seu nonagésimo sexto aniversário. Na mensagem, o general Ramalho Eanes diz que este jornal, que se publica em San Pablo, tem contribuído para «que se mantenham vivos e actuaes os laços afectivos e culturais», «geradores de uma cada vez maior aproximação entre todos». Eanes salienta que o «Jornal Português» é visto pelos seus leitores como «um veículo da maior importância para a expressão dos valores tradicionais que formam a nossa identidade nacional junto da comunidade portuguesa radicada em terras da Califórnia».



O Ministério da Indústria, através do Laboratório Nacional de Engenharia e Tecnologia Industrial (LNETI) deverá assinar até ao final do ano um protocolo de cooperação com a Força Aérea e 14 empresas do Norte. Uma fonte do Ministério revelou à NP que os protocolos estão prontos a assinar, mas que por falta de tempo, alguns deles só deverão ser rubricados em Janeiro. O âmbito de cooperação dos protocolos a assinar com 14 empresas do Norte incide sobre o desenvolvimento industrial nos sectores da construção e equipamentos, têxteis, trabalhos em Madeira, bolachas, e metalomecânica.



O chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, general Leões Ferreira, recebeu ontem, no edifício do CEMGFA, os adidos militares acreditados em Portugal, que lhe foram apresentar votos de Boas Festas.

Crónica agrícola

A peripneumonia e o encerramento das feiras

Alexandre Ramos

N O Norte do país, particularmente nos distritos do Porto, Braga e Viana do Castelo centenas de agricultores, mesmo milhares — caso de Paredes — têm-se reunido, nos dias tradicionais de mercado, sob patrocínio da Confederação Nacional de Agricultura — CNA — para reivindicar justas pretensões e ainda protestar contra certas medidas do Governo como é o caso do encerramento das feiras por razão da peripneumonia.

É deste caso que vamos falar hoje porque nos parece que avultados prejuízos têm recaído sobre os agricultores por culpa e responsabilidade do Governo.

Foi em 18-1-83 que no matadouro de Monção se detectou o

primeiro foco da doença o que, de nenhuma maneira, nos permite afirmar que esse seria o único caso existente no país. Deve antes admitir-se que, nessa altura, já existissem mais animais doentes particularmente em Trás-os-Montes, de larga e permeável fronteira com a Espanha, de onde, pressupostamente, terá sido importada.

De imediato a Direcção-Geral da Pecuária alertou o Governo e propôs um certo número de medidas que deveriam ser tomadas para liquidar os focos existentes e evitar a expansão da doença que sendo provocada por um microplasma é bastante contagiosa, contágio que se efectua através da respiração dos animais, donde todo o contacto directo do animal portador da do-

ença com outros animais são deverá ser evitado. A concentração de animais, quer nas feiras, quer nas salas de ordenha, aumenta fortemente a probabilidade de expansão da malina. Daqui decorre que se imponha não só o sequestro do animal suspeito, como o abate, também imediato, do animal doente e dos seus coabitantes. Em consequência, a indemnização total do valor do animal ao proprietário respectivo, como ainda o pôr-lhe à disposição determinado quantitativo que pudesse acorrer à falta de receitas pelos abates dos animais, eram medidas que se impunham.

À medida que o tempo avança, com as colheitas de sangue, se poderiam ir afirmando os métodos de trabalho que evitassem

muitos abates desnecessários. Mas, no início era preciso actual em força mesmo que às cegas.

Mas que se passou ao nível de Governo?

A Direcção-Geral de Pecuária fez, a tempo, os avisos necessários e preconizou medidas, mas competia ao Governo alertado para o assunto, pôr à disposição as verbas com que se pudesse proceder às indemnizações, como à montagem dos serviços de urgência que a situação reclamava.

Mas não. O Governo começou por nomear uma comissão como

Continuação da pág. 4

Demite-se o chefe de Gabinete do ministro Rosado Correia

O chefe de Gabinete do Ministério do Equipamento Social apresentou ontem de manhã a sua demissão devendo vir a ser substituído pelo jornalista Djalma Neves, ligado à RTP-Porto.

Ricou Peres, que foi em tempos administrador do «Record» terá apresentado, como justificação para abandonar a chefia do Gabinete de Rosado Correia, discordâncias de fundo em relação aos métodos de trabalho do ministro do Equipamento Social.

Como é mais ou menos do conhecimento público, Rosado Correia é um dos membros do Executivo de Mário Soares mais contestados pelo PSD, parceiro dos socialistas na coligação.

Debates sobre «Independência nacional»

«Portugal: independência nacional em questão» é o tema de um ciclo de debates que a direcção do sector intelectual de Lisboa do PCP promove esta semana. Na Casa da Imprensa (Rua da Horta Seca, 20 ao Camões).

O calendário é o seguinte: amanhã, «A história, a cultura, a identidade», com Ruben de Carvalho e Álvaro Mateus (PCP); Natália Correia e António Vitorino de Almeida; dia 20, «A economia, a tecnologia, o progresso», com Carlos Carvalhas e Frederico de Carvalho (PCP); Armando Caeiro e José Manuel Rolo; no dia 21, «A política externa, a guerra fria e a paz», com Carlos Aboim Inglês e Rogério de Carvalho (PCP) e Fernando Piteira Santos e major Vinício de Sousa. As sessões começam às 21 e 30.



Vitor Crespo, Tito de Morais, David Almeida, Manuel Alegre e Vasco Lourenço, no Bom Sucesso

Manuel Alegre na Associação 25 de Abril

Um poeta exilado na política

O poeta Manuel Alegre e o artista plástico David Almeida estiveram, ontem à tarde, na sede da «associação 25 de Abril» para oferecer, num gesto simbólico, o álbum «Aicha Conticha» — poesia de Manuel Alegre, gravuras de David Almeida que, na semana passada, tinha sido apresentado ao público na Galeria 111.

A cerimónia de entrega do álbum «Aicha Conticha» decorreu com grande simplicidade, tendo Manuel Alegre e David Almeida, que eram acompanhados por Manuel Tito de Morais, sido recebidos pelo tenente-coronel Vasco Lourenço e pelo almirante Vitor Crespo.

No álbum — seis gravuras e seis poemas — evoca-se uma lenda portuguesa do Norte de África. A história daquela a que os moiros chamaram Aicha Conticha:

A armada deixa Arzila. Sobre as naus
Brilham uma última vez as armas portuguesas.

Quando os moiros chegarem verão apenas
uma mulher de negro pelas ruas.
Não resta mais de Portugal: só esse luto
Na cidade deserta e abandonada.

Os moiros lhe chamarão Aicha Conticha
E enquanto a armada se despede lentamente

Ela só e a senhora da cidade.

Amanhã, quarta-feira, pelas 18 horas, no edifício Chiado, em Coimbra, com a presença de Manuel Alegre, a Professora Dr.ª Clara Crabée Rocha apresentará um outro livro de poemas do autor da «Praça da Canção». Intitula-se «Chegar Aqui».

Aqui? Onde? A poesia passando além da política? Ou, apenas, um exercício demonstrativo de que as musas não fazem mal aos deputados?

Em causa a marinha mercante

Transportes que temos não garantem independência nacional

Um relatório, concluído num seminário feito no Instituto Nacional de Defesa, afirma que «a independência nacional não é, neste momento, assegurada pelos transportes que temos».

Esta conclusão — divulgada pela ANOP — incide principalmente sobre os transportes marítimos e resulta de um seminário sobre «transportes exteriores e liberdade de acção de Portugal», realizado de 22 a 26 de Outubro passado.

Os quatro grupos de trabalho que elaboraram o relatório são unânimes em considerar que «os transportes exteriores são um factor essencial para a sobrevivência nacional», momento quanto ao «desenvolvimento e à segurança».

Todavia, o estudo conclui pela «subordinação marítima» de Portugal e faz depender «o seu poder negocial da liberdade de acção de que o continente puder dispor, relativamente à Espanha, e da coesão entre ele e os arquipélagos da Madeira e dos Açores».

A situação da capacidade própria de transportes marítimos constitui, segundo aqueles especialistas, «uma fraqueza e um risco» em normalidade, e um «desastre» em caso de conflito.

No relatório explica-se que «as necessidades nacionais são asseguradas apenas em pouco mais de 10 por cento pela nossa frota», quando mais de 90 por cento do tráfego, corresponde ao comércio externo português, usa a via marítima, do que resulta «uma balança de transportes altamente deficitária e a drenagem de divisas».

O relatório defende que o pessoal do mar deve fazer serviço militar na Marinha de Guerra, e que o Ministério de Defesa «deve ser ouvido na aquisição de novos navios de comércio, a fim de se considerarem as necessidades da sua eventual aplicação militar».

O acento tónico em matéria de transportes, segundo aquele documento, deve ser o de «especial prioridade ao transporte marítimo», por ser «o que garante maior liberdade de acção».

Soares prepara nova viagem ao Médio-Oriente

A Comissão da Internacional Socialista para o Médio Oriente, reunida ontem, em Lisboa, sob a presidência de Mário Soares, decidiu preparar uma missão que se deslocará brevemente à região.

No decurso da reunião, que teve lugar na sede do PS no Largo do Rato, foi analisada a situação política no Médio Oriente, tendo estado presentes representantes de dois partidos

israelitas e de um libanês.

A reunião foi presidida por Mário Soares e nela estiveram presentes Rui Mateus do PS, o secretário-geral da Internacional Socialista Pentti Vaaenaenen, Alain Chénal do PSF (França), Ivanka Corti do PSI (Itália), Peter Jankovitch do SPO (Áustria), Nils Gunnar Billinger do SAP (Suécia), Riita Korhonen do SDP (Finlândia) e Anni Jansen do SPD (RFA).

A peripneumonia e o encerramento das feiras

Continúa na pág. 3

reclamam as boas regras burocráticas, e, como não podia deixar de ser, ministros e secretários de Estado envolveram-se em desordem mental, a respeito de poder e competência. Tudo isto aliado à falta de sensibilidade do senhor Ministro das Finanças para compreender a economia agrícola resultou que só em Outubro de 1983, foram desbloqueadas as verbas para enfrentar a situação.

Verdade seja que o vazio só não foi total graças à acção da Direcção-Geral de Pecuária que, entretanto, para ir empaleando a situação foi deitando mão a alguns fundos em que podia intervir.

Entretanto, os primeiros proprietários a quem foram abatidos os primeiros animais esperavam e desesperavam pelo dinheiro dos abates. Sem os animais e sem as receitas que lhe provinha da exploração dos animais a vida tornou-se-lhes insuportável.

António, lá para as bandas de Vila do Conde, emigrante regressado com algum dinheiro que aforrara e outro que pedira emprestado, ao IFADAP comprou terras, ajelito estábulo e alindara os coréltos onde nascera. Ainda não ia com dois anos de manança do vício da lavoura — vício de raiz — quando a maldita lhe entrou portas adentro. Foi um zozoiro.

Com as ilusões perdidas e impossibilitado de em anos próximos satisfazer os compromissos, apanara abalou com a mulher e voltou novamente para as terras. Mas, já suas conhecidas, e já que a terra maldita onde nascera não lhe comeria os

ossos — nem os dele nem os da família.

Muitos outros pequenos e grandes dramas se foram desenrolando.

Durante o ano e 1983 foram abatidos 5941 animais, pertencentes a 2025 explorações com o efectivo de 19 162 dando lugar a 1609 focos.

Com estes abates despendeu-se a verba de 29 200 contos a que há que acrescentar mais 53 000 que, por falta de verba, transitaram em dívida para o ano seguinte.

Em 1984, até 31 de Maio tinham sido examinados 180 205 bovinos, com 1033 casos positivos e 373 duvidosos, e foram abatidos 1421 infectados e coabitantes correspondendo a 485 focos.

A comparação destes números, com os de 1983, parece levar à conclusão que se encaminhava para o domínio e controlo da doença e que as medidas tomadas, embora tardiamente, estavam a ter sucesso.

Mas, Fulano, agricultor da Torreira/Murtosa, com mais ou menos quarenta vacas teve, em 1983, 4 casos de peripneumonia. As vacas foram abatidas de acordo com o proprietário que resignadamente esperou meses pelo pagamento. Poucos meses depois foram-lhe detectadas mais 18 vacas. O proprietário recusa-se a abatê-las e nem deixa que lhe tirem sangue às outras.

Neste momento, tanto na Beira Litoral como no Entre Douro e Minho parece estar a dar-se uma expansão da doença e há responsáveis, que afirmam que as actuais medidas já não bastam e se entrou numa

situação incontrolável, tanto mais que, por razões de baixa política e de irresponsabilidade de alguns dos serviços afectos à saúde animal em algumas direcções regionais funcionam pessimamente.

Estamos, assim, numa das nossas situações clássicas de inoperância, em que, mais uma vez, vem ao de cima, o não funcionamento do Estado, e dos serviços.

No caso concreto, os oito meses que mediam entre a detecção do primeiro animal doente, em Janeiro de 1983, e o desbloqueamento de verbas para pagamento dos animais abatidos, da inteira responsabilidade do Governo e, em particular, do senhor Ministro das Finanças, teve e terá as mais graves consequências. A indemnização corresponde ao valor do animal, como se fora abatido para carne. Ora, entre o valor carne e o valor zootécnico, particularmente nos bovinos leiteiros em produção e nos novilhos, a diferença pode variar do simples para o dobro. Uma vaca leiteira de média qualidade, em produção de 4 a 5 anos, vale qualquer coisa, como 120 contos, enquanto que o seu valor em carne não ultrapassa os 60 ou 70 contos. É como se fora um valor residual. O animal abatido é pago a 467\$000 kg a que se descontam 25%, pelo que o preço real é de somente 350\$000.

Nestas condições o proprietário sofre prejuízos reais muito importantes.

Mas não só a carne, também

aqueles prejuízos que resultam do vazio pecuário, que provoca a falta de receitas quotidianas.

Basta o exame sereno destas realidades para verificar que elas deram origem à situação a que se chegou, porque criaram, e com razão, no criador a ideia de que o abate dos animais o colocaria numa situação de prejuízos graves e, talvez, irrecuperáveis.

O tempo de demora da indemnização, o baixo valor desta e a não compensação da perda de receitas colocou os donos do gado numa posição de retranca e desconfiança que avançou rapidamente para um estado de espírito não colaborante.

Um das outras medidas tomadas — o encerramento das feiras — ninguém pode duvidar de que, ao princípio, e no conjunto das medidas foi uma medida acertada.

Diga-se, em abono da verdade, que foi acolhido pelo agricultor com boa vontade. Também muitos pensaram que o encerramento teria um carácter transitório. Todavia, agora, o encerramento das feiras é fortemente contestado. Centenas de agricultores nas últimas semanas se têm reunido protestando e exigindo a reabertura das feiras.

E porque fazem isto? Fazem isto porque estão a ser violentamente agredidos na sua economia.

— Você, que conheço há muitos anos, e é negociante de gado desde que nasceu, como está o negócio com esta coisa de peripneumonia?

A resposta veio rápida e firme. — Nunca ganhei tanto dinheiro.

Eles às vezes, abrem a boca, mas têm de a fechar na semana seguinte, porque não podem ir à feira.

Aí está a razão fundamental da contestação. O encerramento das feiras ocasiona um circuito alternativo de comércio de gado — digamos um circuito clandestino.

Este circuito clandestino funciona como um canal de distribuição e espalhamento da doença, além de constituir uma fonte de lucros ilícitos. Torna-se um instrumento da mais intensa exploração porque, o criador, na impossibilidade de levar o gado à feira, ou na perspectiva de um abate ruinoso, foje com ele vendendo-o à sorrelfa, procurando um preço superior ao do abate para carne.

Numa vila dos arredores do Porto por colheita de amostra de sangue foram detectadas duas vacas doentes.

A troco de 10 contos por cabeça o veterinário municipal aceitou a mudar os brinços dos animais doentes por outros.

O lavrador ficou, assim, com os mesmos animais com outra identidade.

Também se relata que um dos comerciantes de gado conduzia perto de Monção uma camioneta de animais com uma guia passada no Algarve.

As medidas tomadas para acabar com a peripneumonia não surtiram efeito.

Porque? 1.º Foram implantadas tarde e a más horas e não tiveram em

conta o valor real dos animais e a perda de receitas, criando no agricultor um estado de espírito não colaborante e, mais contestatário em relação ao encerramento das feiras e à tomada de sangue para análise, o que compromete e torna ineficaz todo o processo de rastreio.

2.º Criaram circuitos de trânsito e comerciais ilícitos que conduziram à construção de edifícios malfeitos e de corrupção. Se não se atarem a tempo brotarão palácios sobre ruínas dos carduchos dos agricultores.

Então que fazer? Combater a sério a peste ou viver com ela? Para a combater a sério é preciso:

- 1.º Montar serviços sanitários que deem resposta total.
- 2.º Indemnizar pelo valor zootécnico, compensar a falta de receitas e pagar a pronto.
- 3.º Ao fim e ao cabo ganhar a confiança do agricultor e torná-lo colaborante.

Custa-nos a acreditar que isto possa ser conseguido. Vamos, pela certa, viver com a peripneumonia.

Acrescentaremos mais esta ao rol das três que já temos — a tuberculose, a aftosa, a brucelose.

Com mais esta enriqueceremos o nosso Museu. Vamos negociar com a CEE este Museu? A Europa da CEE terá aqui, ao vivo: o Museu de Patologia Animal.

Só que a economia e a saúde humana pagá-lo-ão por nosso preço.

Poupar tostões para ganhar milhões é um acto da melhor gestão.

O Austeridade a quanto obri-gas!

assembleia da república

Censura do CDS acentuará "fragilidade" do Governo?

O Governo ver-se-á confrontado esta tarde, na Assembleia da República, com uma moção de censura apresentada pelo CDS.

Uma intervenção de Lucas Pires, presidente do partido, a que se segue uma outra do Primeiro-Ministro, abrirá os debates.

O líder centrista fará, como se espera, uma profunda crítica à actuação do Executivo, mas se bem que Lucas Pires não tenha querido desvendar o teor do seu discurso «para lhe não tirar o impacto», afirmações de vários dirigentes do CDS proferidas nos últimos dias permitem levantar um pouco do véu.

Assim, numa entrevista concedida ao "DL", Gomes de Pinho fundamentava a apresentação da moção de censura na «constatação da gravidade da situação política e a nossa convicção de que este Governo não deve continuar, já que se mostra completamente incapaz de encontrar soluções para os grandes problemas nacionais e está paralisado pelas suas próprias contradições».

Por sua vez, Nogueira de Brito, ex-líder parlamentar, em declarações a «O Jornal», falava de «um equívoco programático» a propósito da recente crise dos partidos da coligação, equívoco que não foi sanado, pelo que preconizava a possibilidade de, daqui a algum tempo, se voltar a cair em nova crise. Esta instabilidade, geradora do «vazio» da paralisação das instituições permite, como referiu, o não cumprimento de preceitos constitucionais, como, por exemplo, a não apresentação do Orçamento na data legalmente estabelecida o que acarretará inevitáveis problemas a todos os níveis da gestão dos diversos departamentos do Estado.

Por outro lado, é exigida «uma classificação da própria atitude política dos partidos», conforme sublinhou um outro influente dirigente centrista, Azevedo Soares, em entrevista à Antena 1. Isto pressupõe uma crítica evidente à prática política de dois partidos da coligação consubstanciada no

«espectáculo» da divisão que foi a crise superada (?) pela renegociação do acordo.

Estes serão, porventura, os aspectos fulcrais sobre os quais incidirão os ataques dos centristas. De qualquer forma, a actuação do Executivo durante o debate terá algum peso sobre o conteúdo final da moção como, ainda hoje, frisou Lucas Pires.

Taco a taco

Mário Soares responderá «taco a taco» às questões levantadas pelos centristas. De acordo com uma fonte do gabinete do Primeiro-Ministro «nada ficará por responder», mas não nos quiseram dar pormenores da intervenção do chefe do Governo.

De qualquer forma, Soares não deverá deixar de responsabilizar, também, os centristas pela actual situação. Não foram também eles protagonistas do Governo da AD?

Da parte dos partidos da coligação, sendo certo o apoio incondicional do PS à intervenção de Mário Soares, existe alguma expectativa quanto à actuação do PSD, partido que se mostrava bastante preocupado pela moção anunciada pelos centristas.

A oposição não deixará de aproveitar qualquer «fragilidade» do debate e as fricções das várias sensibilidades em presença.

Para já, o MDP fará depender a



Lucas Pires: um discurso de impacto



Mário Soares: responder taco a taco

sua votação da «evolução do próprio debate», segundo declarações de um deputado daquele partido à ANOP. A mesma fonte sublinhou que existem divergências «em muitos pontos», sobre-

tudo nas políticas sectoriais, mas há também consonância na «atitude perante o Estado, designadamente em questões de independência nacional e económicas».

O Governo não irá cair, certamente, amanhã, na Assembleia da República. Resta apenas saber até que ponto ficará mais frágil.

A.S.



Em Monsanto

Pára-quedistas celebram Dia da Unidade

O comandante adjunto do Corpo de Tropas Pára-quedistas, coronel Fernando Martins, presidiu ontem, em Monsanto, às cerimónias comemorativas do Dia da Unidade da Base Operacional de Tropas Pára-quedistas n.º 1. As cerimónias principiaram cerca das 11 horas com a formatura geral da unidade, integração do Estandarte Nacional, uma alocução, homenagem aos militares mortos e rendição dos porta-estandartes da unidade e Nacional. Seguiu-se, depois, o desfile em continência.

Da parte da tarde realizou-se um torneio quadrangular de futebol de cinco, após o qual foram atribuídos prémios às equipas participantes.

Indonésia confirma acções da guerrilha em Timor-Leste

A Indonésia admitiu a ocorrência de combates esporádicos entre as suas forças e os guerrilheiros da Fretilin em Timor-Leste, e que a pacificação da antiga colónia portuguesa deverá demorar ainda «algum tempo».

Na declaração oficial mais explícita jamais produzida por Jacarta, o chefe das Forças Arma-

das indonésias, general Benny Murdani, reconheceu as dificuldades com que se defrontam os mais de 7000 soldados que lutam contra uma força de 500 a 700 guerrilheiros timorenses.

«Não estou a dizer que não há solução à vista, mas que levará ainda algum tempo a conseguir», afirmou Murdani numa entrevista

exclusiva à agência Reuter, ontem divulgada.

Murdani avaliou as forças da Fretilin entre 500 e 700 homens e a presença militar indonésia em cerca de 7000 soldados e admitiu a ocorrência de combates ocasionais.

«Não podemos impedir emboscadas de vez em quando, durante

as quais algumas das nossas armas e munições são capturadas pela guerrilha» — disse.

Segundo o general, a Indonésia tem duas opções para conseguir a pacificação. A primeira é «levar a cabo uma operação convencional em grande escala, arriscando-nos a causar muitas baixas».

A segunda opção é uma «operação territorial», nas palavras do general norte-americano Westmoreland e que consiste na luta para ganhar os corações e as mentes das pessoas, afirmou Murdani.

«Não é qualquer coisa que se possa conseguir em um ou dois anos», considerou.

Intensa actividade política

PCP recebe visitas de delegações estrangeiras

A convite do Partido Comunista Português estiveram de visita a Portugal, no período compreendido entre 9 e 16 deste mês, delegações do Partido Socialista Progressista Libanês, da Frente Popular de Libertação da Palestina e da Frente Democrática da Libertação da Palestina. A delegação libanesa esteve em Lisboa entre os dias 11 e 16, enquanto a da FPLP fez a sua visita no período de 12 a 15. A Frente Democrática de Libertação da Palestina cumpriu um programa estabelecido entre 9 e 12.

Em notas distribuídas pela Secção de Informação e propaganda do Comité Central, o PCP

torna públicas informações acerca do modo como decorrerão os encontros entre delegações das organizações do Líbano e da Palestina e do Partido Comunista Português. Em todos os encontros efectuados, separadamente, procedeu-se a uma troca de pontos de vista sobre a luta e actividade das organizações respectivas, assim como aspectos sobre a situação internacional, particularmente sobre a situação no Próximo e Médio Oriente.

Segundo a SIP, todas as visitas decorreram em «ambiente de franca amizade e camaradagem».

Deputado comunista requer ao MJ

O deputado José Magalhães requereu ao Ministério da Justiça esclarecimentos sobre a construção das novas instalações do Tribunal da Praia da Vitória, Ilha Terceira. Segundo aquele deputado as actuais instalações do Tribunal da Comarca, que «ameaçam cair de podre» são «um exemplo da extrema degradação» em que se encontram dezenas de edifícios. O Tribunal da Praia da Vitória, é o terceiro mais movimentado do arquipélago.



Jardim diz-se vítima de campanha do PS e do PCP

CDS pede o seu afastamento

João Jardim considerou ontem, em Santa Cruz, existir uma campanha política contra Madeira orquestrada por parte do PC e PS.

O presidente do Governo regional, que falava à chegada ao aeroporto de Santa Catarina, apontou as afirmações de Carlos Laje (PS), no decurso de um congresso sobre regionalização, em Trás-os-Montes, como inseridas na «campanha».

«Se houve local onde se deu exemplo de aproveitamento de recursos foi a Madeira, enquanto no continente se esbanjaram os recursos» considerou Jardim que sublinhou não acreditar que o PS «alguma vez queira a regionalização».

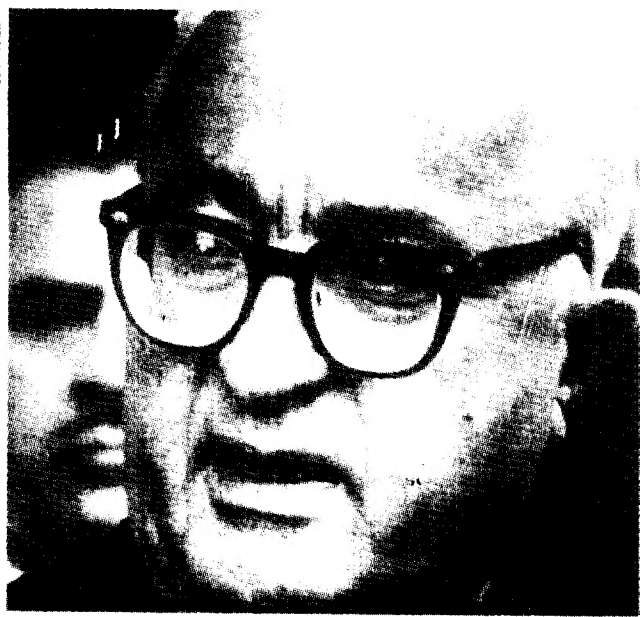
«Se houvesse regionalização no continente haveria melhor aproveitamento de recursos» disse o chefe do executivo regional. Em relação à verba de 1 milhão de contos canalizada para a região autónoma disse que a quantia foi adiantada por conta de verbas que o OE em 1985 deverá dar à Madeira e não por parte do orçamento regional como afirmou o porta-voz de Mário Soares.

«Com este milhão, mais as receitas próprias já vai dar para o que temos a fazer», acrescentou Jardim.

Considerou ainda que no Conselho Nacional do PSD «encontraram-se plataformas de entendimento entre as três tendências» e negou uma vez mais a sua candidatura às presidenciais de 1985.

CDS: fora com Jardim

Enquanto isto, o CDS regional pede o afastamento do chefe do governo madeirense como solução para a gravíssima crise financeira que a Madeira atravessa. Na perspectiva do CDS só uma nova política financeira e económica, «que inspire seriedade» e com base na substituição de Jardim «que perde toda a credibilidade e capacidade negocial com o Governo central» pode evitar a falência de empresas e perda de postos de trabalho.



O "caso" Viorel Trifa

MAI insiste no indifferimento do pedido de residência

O ministro da Administração Interna manteve a decisão de indeferir o pedido de autorização de residência formulado por Valerian Viorel Trifa, membro do episcopado ortodoxo dos Estados Unidos.

Em despacho ontem divulgado, o ministro sustenta na totalidade a anterior decisão de 8 de Novembro e decide remeter ao Supremo Tribunal Administrativo a petição do recurso, o processo administrativo e cópia do parecer que serve como meio de resposta ao recurso.

O despacho considera que o pedido de autorização de residência «não desencadeia um processo de natureza criminal nem sequer um processo administrativo de tipo sancionador».

«Ao peticionário incumbe alegar e provar os elementos factuais, respeitantes à sua personalidade, passado e situação, que tenham interesse para a apreciação do pedido», acrescenta.

Salienta ainda que «os interesses públicos tutelados pela legislação relativa à entrada e permanência em território português de estrangeiros e apátridas, respeitantes à dignidade do Estado, à segurança nacional, à ordem e tranquilidade públicas, à paz social, à normalidade e ao progresso da vida social e ao respeito pela lei e pelos valores dominantes na comunidade portuguesa».

O despacho considera que o pedido de autorização de residência do recorrente foi apresentado «sem qualquer argumento e sem qualquer elemento de prova que esclarecesse os seus fundamentos».

A decisão ministerial considera

«completamente destituída de sentido a alegação de usurpação de poderes, quando, como aconteceu no caso vertente, a administração activa pratica um acto da sua exclusiva competência como é, inequivocamente, o deferimento ou indeferimento de um pedido de autorização de residência».

«A suspensão da executoriedade do despacho recorrido não foi, nem pode ser, decretada porquanto aquele acto sendo inteiramente legal, válido e eficaz teve como fundamento o grave dano para os interesses e a dignidade do Estado», sublinha.

Para além disso, o despacho salienta que «a execução do referido acto administrativo nunca poderá provocar prejuízos irreparáveis ou de difícil reparação para o recorrente, pela simples razão de que permanece absolutamente intocada a esfera jurídica daquele que vê negada a autorização para exercer uma faculdade que nunca possuiu».

Assim, «nem o recorrente alguma vez adquiriu o direito ou a simples expectativa jurídica de fixar residência em território português, nem Portugal alguma vez assumiu a obrigação de, contra a sua dignidade e contra os seus interesses, ter de acolher qualquer estrangeiro ou apátrida cuja permanência considere indesejável».

O despacho considera ainda que «é de objecto impossível o pedido formulado pelo recorrente no sentido de a decisão administrativa de indeferimento, ora impugnada, ser substituída por uma decisão judicial de deferimento».

“Existe um plano para prejudicar as relações Portugal-Angola”

— afirma Jaime Gama em entrevista à “Africa Now”

O ministro dos Negócios Estrangeiros afirmou numa entrevista publicada no número de Dezembro da revista “Africa Now”, que há um plano com muitos interesses envolvidos, para prejudicar as relações entre Portugal e Angola. Jaime Gama citou especificamente os soviéticos como co-responsáveis por esse plano e frisou que o «decréscimo de intensidade nas relações luso-angolanas não é do interesse de Portugal, nem do interesse de Angola».

Por outro lado, o chefe da diplomacia portuguesa desmentiu a existência em Lisboa de actividades de grupos antigovernamentais de Angola, como a

UNITA e de Moçambique, como a Renamo.

«Não temos nenhum gabinete da UNITA em Portugal, não é permitido e não existe, o que não é o caso de muitos outros países com os quais Angola tem relações construtivas». «Posso assegurar — prosseguiu Jaime Gama — que o Governo português não está de maneira nenhuma envolvido no caso da UNITA e não apoiamos (este movimento) diplomática, logística e financeiramente ou até em armamento».

Para o titular dos Negócios Estrangeiros, «há uma conveniência internacional de algumas potências e interesses opo-

res de modo a salientar o que se designa de Lisbon Connection, mas isso é para disfarçar o que é a realidade e para pôr as coisas onde elas não existem, evitando o reconhecimento onde elas existem».

«Eu não responsabilizo, por isto, o povo angolano, mas sim a combinação da luta pela influência na área, que é muito activa», prosseguiu o ministro. Jaime Gama sublinhou que o seu Governo sempre condenou as violações contra a segurança de Angola, as agressões sul-africanas e sempre apoiou as posições de Angola a nível internacional. Temo-nos esforçado o mais possível para ter em Angola tecnologia portuguesa,

empresas portuguesas, trabalhadores portugueses, não como potência colonial, mas como parceiro».

O chefe da diplomacia portuguesa disse ainda não culpar o Governo de Luanda «por não conceder segurança aos milhares de portugueses que trabalham pacificamente em Angola, que contribuem para o seu desenvolvimento e que em muitos casos são vítimas de actos conduzidos pela UNITA».

Jaime Gama concluiu a entrevista, afirmando que «o Governo português tem um interesse global em manter relações normais, positivas e excelentes com Moçambique».

Manuel Beça Múrias

“Mundos e Fundos” ou a crónica como mudança

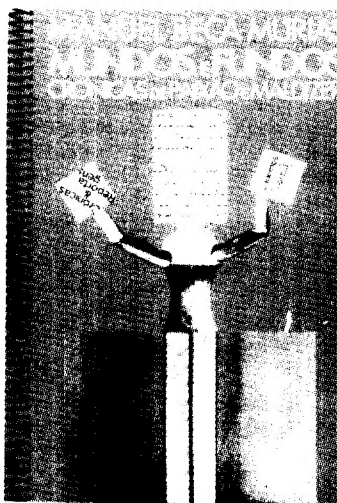
Quando um jornalista deixa de ser um mero espelho do que acontece ao seu redor, e sabe desmontar as muitas coisas de que o mundo é feito, prodigalizando aos leitores uma explicação do que começa, termina e continua sob outras formas, então talvez o termo jornalista possa ser substituído por um sinónimo que não figura nos dicionários. Que sinónimo...? Manuel Beça Múrias, por exemplo.

E a prova deste juízo é o livro que MBM acaba de lançar nos “Cadernos/O Jornal”, intitulado “Mundos e Fundos/Crónicas de Paixão e Maldizer”. Foi o livro lançado na última sexta-feira, numa tarde de chuva, no interior de um café acolhedor — e quem o recebeu, já em casa, viu-se, de uma crónica para outra crónica, no seio de um mundo desmontado pedagogicamente, de maneira humana, nunca o todo escurecendo as partes nunca as partes deixando de iluminar o todo.

Um jornalista nunca deve ser

uma simples máquina fotográfica, um simples caçador de factos em bruto, um autómato que, enfim, vai de encontro aos acontecimentos e deles só reflecte os primeiros aspectos. Aspectos esses que, quase sempre, não ultrapassam a fase embrionária de complexos fenómenos sociais, subjectivos, éticos, etc. Um jornalista, tal como um sociólogo, faz parte do meio que noticia ou lhe proporciona reportagens — e só assim, na verdade, se torna num elo entre aquilo que escreve e o que os outros dele lêem.

Perante estes “Mundos e Fundos”, tão multifacetados, tão de um ano para o outro ano, tão dando as mudanças de um país, tão passando de uma época para outra época, tão transitando entre uma figura e outra figura, ora fixando-se numa data, ora noutra data já não se fixando — eis que, realmente, não se encontra o leitor face a uma série de fotografias geladas, paradas, e sim perante um filme movimentado com o re-



lizador lá dentro.

É isso: com o realizador lá dentro. O realizador, o jornalista, o repórter, o comentarista e, por vezes até, o lírico dos pequenos nadados que são tudo (leia-se, por

exemplo, a crónica «Maria»). E porque as coisas são assim, ou porque este livro assim é, não será atrevidamente considerá-lo como um verdadeiro manual de jornalismo. Que se discorde deste ou daquele escrito, mais avulta o elogio a que o livro tem jus: significa isso que é um livro plural, um leque de muitos ventos, um rosto de muitos olhos, uma boca de muitas línguas. Sim, sim: só na diferença é que pode existir o diálogo.

E este livro (inserindo um prefácio de José Cardoso Pires, lúcido, seguro, sabedor) é, em resumo, um livro que, sob muitos e muitos aspectos, se exhibe como o País que nós somos, e que já foi outro, e que outro queremos que seja. Desfolhá-lo, e lê-lo, é uma fracção de história que se insere em nós — e Manuel Beça Múrias o cidadão que soube conjugar tempo, espaço, humanidade.

Pedro Alvim

comunicação social

Casa da Imprensa elege direcção

O jornalista Mário Branco foi reeleito com 31 votos presidente da Casa da Imprensa.

Com o mesmo número de votos, correspondente à totalidade das presenças no acto, foram ainda eleitos Fernando Soromenho, presidente da Assembleia Geral, e Manuela de Azevedo, presidente do Conselho Fiscal, qualquer deles elementos dos

anteriores corpos gerentes da Casa da Imprensa.

No acto, Mário Branco anunciou que a partir de 1 de Janeiro as portas daquela instituição passarão a estar abertas a todos os jornalistas, sem limite de idade, e ainda que o direito aos benefícios da acção médico-medicamentosa não poderá ser derrogado.

Também o subsídio de funeral deixará de ter um valor fixo, «passando a ser de valor crescente, uma vez que se constitui de importância igual à do salário mínimo nacional» — acrescentou Mário Branco.

A Casa da Imprensa, com cerca de 500 sócios, comemora em Abril próximo o seu 80.º aniversário e faz 50 anos que se

constituiu em Associação de Socorros Mútuos.

O orçamento para 1985 é de cerca de 15 200 contos, mas a direcção prevê que venha a ser necessário um reforço de 3120 contos, a obter através da realização de espectáculos e acções de cooperação, entre outras iniciativas.

Portugal consome menos papel que o Mercado Comum

O consumo «per capita» de papel em Portugal é de 50 quilogramas, duas vezes e meia mais baixo do que o da CEE, em que é de 125 quilogramas — refere um documento sindical.

O documento, da Federação Sindical da Celulose, Papel, Gráfica e Imprensa, debatido no II Congresso que decorreu sábado e domingo em Lisboa, prevê em contrapartida um crescimento anual no consumo de papel em 7 por cento em Portugal e em 2,5 por cento na CEE.

A Federação afirma que, a médio prazo, uma dificuldade

que se coloca é a de abastecimento em matérias-primas. Defende a reforestação do País, sem deixar de ter em conta aspectos ecológicos.

Preconiza também a reestruturação e redimensionamento das empresas do sector e o aumento das importações para assegurar a rentabilidade dos investimentos necessários, apontando para a diminuição das exportações de pasta de papel e aumento da exportação de produtos com maior riqueza nacional incorporada.

O documento revela a exis-

tência de cerca de 1200 estabelecimentos na Celulose, Papel, Gráficos e Imprensa, com mais de 43 mil trabalhadores, com uma produção de 70 milhões de contos em 1981 (6,3 por cento do total da indústria transformadora).

As exportações de pasta representaram mais de dois terços do total, as do papel e carta um quarto e as de artes gráficas (incluindo livros) 6,3 por cento.

Os livros e os outros impressos representaram cerca de três quartos das exportações de artes gráficas, tendo Angola

comprado mais de metade (57 por cento) daqueles artigos e o conjunto dos países de expressão portuguesa 61 por cento, no ano de 1981.

Relativamente às importações portuguesas — refere o documento — os países nórdicos e a Espanha são responsáveis por 43 por cento das compras portuguesas, percentagem idêntica à dos países da CEE. A Suécia (22 por cento), a Grã-Bretanha (14 por cento) e a Holanda (11 por cento) representam quase metade das importações do sector.



sul e açores

**sindicato
dos trabalhadores
da função pública
do sul e açores**

**AOS TÉCNICOS DE DIAGNÓSTICO
E TERAPÊUTICA**

CONVOCATÓRIA

Dia 20/12 às 15.30 h no Anfiteatro da Maternidade Alfredo da Costa, realiza-se um Plenário Geral com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS:

- Ponto único — Carreira dos Técnicos de Diagnóstico e Terapêutica
 - a) Análise da situação face ao parecer desfavorável da Administração Pública.
 - b) Medidas a tomar.

COMPARECE!

LUTA!

A UNIÃO É A NOSSA FORÇA!

A Direcção

Médico-Sociais universitários

Mantém-se a superlotação e incapacidade de resposta

As consultas do mês de Janeiro de Planeamento Familiar e Ginecologia dos Serviços Médico-Sociais Universitários de Lisboa estavam completamente esgotadas ao meio-dia do passado dia 3. Quer dizer: umas escassas horas do primeiro dia útil do mês de Dezembro bastaram para que ficassem preenchidas todas as vagas existentes nos meses de Janeiro. As universitárias que ficaram sem consulta depois do meio-dia só poderão voltar à «bicha» de marcações no próximo dia 3, candidatando-se a uma vaga em Fevereiro, seguinte...

A falta de resposta das consultas dos Serviços Médico-Sociais Universitários de Lisboa é generalizada, quando não é total: há consultas que pura e simplesmente deixaram de existir, como as de Oftalmologia, Estomatologia, Higiene Mental e Ortopedia, por falta de médicos que saíram e não foram substituídos. Se os alunos e utentes dos SMSUL precisarem de consultar uma daquelas especialistas têm de desembolsar 500 escudos para irem a um médico particular (o retante é subsidiado).

O caso mais grave, de consequências que não podem rigorosamente avaliar-se, é a anulação, há dois anos a esta parte, do rastreio cardiopulmonar, a quem os universitários devem obrigatoriamente sujeitar-se antes de efectuarem as matrículas. Anteriormente houve mesmo alunos que tiveram a matrícula anulada por não terem apresentado a microrradiografia resultante do rastreio.

As inundações do Outono passado deixaram a cave onde está instalado o equipamento do rastreio cardiopulmonar impraticável. Pedido um orçamento a uma empresa, a resposta foi 2000 contos. As obras, talvez por falta de verba, não se fizeram. Um segundo orçamento implicava a quantia de 2500 contos; o terceiro, para as obras continuarem por fazer, foi pedido recentemente, não se sabe ainda a quanto monta, mas, tudo indica, chegará pelo menos aos 3000 contos...

«Quantos de nós, estudantes universitários, estaremos tuberculosos?» pergunta uma aluna universitária em extensa carta em que descreve a situação. «É

uma pergunta que nos parece pertinente no início de mais um novo ano escolar, visto que no ano passado não houve rastreio pulmonar e cardiovascular e cada vez aumenta o número de estudantes afectados por esta doença, contraída nas cantinas, nos lares e até na própria faculdade, com o risco de prejudicar, como é óbvio, a população em geral.»

A situação é tanto mais grave quanto os utentes dos Serviços Médico-Sociais Universitários de Lisboa são, na sua maioria, estudantes bolseiros (sabe-se como são magras as bolsas), alojados em residências universitárias, que comem em regra uma só refeição por dia e que ao fim-de-semana nem isso comem porque as cantinas estão fechadas. Queixam-se em geral de problemas do aparelho digestivo, astenia física e psíquica.

Situação das enfermeiras dependente de assinaturas

Outra razão por que os rastreios não se fazem e há consultas que não funcionam como devem é a falta de pessoal de



Neste estado se encontra a cave onde até há dois anos se procedia ao rastreio cardiopulmonar dos estudantes universitários de Lisboa. Foram já pedidos três orçamentos para obras de recuperação mas a falta de verba impede a sua concretização

enfermagem e a situação profissional das enfermeiras que ainda se encontram nos Serviços.

Das 14 enfermeiras que inicialmente ali trabalhavam só restam 10. A sua situação é indefinida visto que nunca foi criada a lei orgânica dos Serviços Médico-Sociais Universitários de Lisboa. Durante anos a situação profissional dos seus trabalhadores foi regida pelo estatuto dos trabalhadores da Função Pública, mas em 1980 o então ministro da Educação, Vítor Crespo, determinou o congelamento dos aumentos dos salários das enfermeiras com o argumento de que tinham situação privilegiada em relação ao pessoal de enfermagem de Saúde Pública. Diligências várias para

reparar a injustiça não surtiram efeito. E as enfermeiras — as que ficaram — recorreram ao Supremo Tribunal Administrativo que deu razão às recorrentes. Diz o acórdão, datado de 5 de Julho último: «Os despachos ministeriais que determinaram o congelamento dos vencimentos das enfermeiras do SMSUL são ilegais (...)».

O ministro Seabra não toma, porém, conhecimento oficial deste resultado e as enfermeiras continuam sem receber, com efeitos retroactivos, os aumentos a que têm direito.

Entretanto, os médicos, que trabalham nos serviços a tempo parcial, foram aumentados e receberam já os seus retroactivos...

Poluição no centro de uma aldeia açoriana

Habitantes do Livramento contra ampliação de uma cimenteira

Os três mil e trezentos habitantes do Livramento, uma freguesia a cerca de cinco quilómetros de Ponta Delgada, opõem-se a que o executivo de Ponta Delgada amplie as instalações do Entrepósito de Cimento das Ilhas, devido à grande poluição que produz.

A junta e assembleia de freguesia vão tomar hoje público um comunicado em que demonstram a sua intenção de se demitirem ao Governo dos Açores continuar com a iniciativa de ampliar a fábrica mesmo no meio do Livramento.

Porque o Entrepósito de Cimento das Ilhas se encontra a cerca de duzentos metros de um estabelecimento de ensino, os professores da escola primária da freguesia estão na disposição de encerrarem as aulas, se, a nível governamental, permanecer a ideia de iniciar a ampliação da fábrica.

Os professores queixam-se de que têm de dar aulas com as janelas fechadas, mesmo no Verão, devido ao pó de cimento produzido pela fábrica que se estende num raio de mais de meio quilómetro.

Mais do que isso, cerca de três centenas de crianças, para se deslocarem à escola, têm de passar duas vezes por dia junto da fábrica em local de enorme poluição.

Nas residências não se pode estender roupa ao Sol, e nos campos de cultura dos arredores, existe já uma camada de cimento.

Mudança custa 650 mil contos

Para os habitantes do Livramento a ampliação do Entrepósito de Cimento das Ilhas vai aumentar o seu grau de poluição, com prejuízo para as crianças, para os vizinhos da fábrica e para os campos de cultivo que já foram férteis.

Toda a contestação à ampliação da fábrica surgiu quando, sem auscultar os órgãos autárquicos, o Governo dos Açores, a Cecil, e a Cimpor assinaram a escritura pública de constituição

da Cimentacor.

A empresa mista apareceu pela necessidade de se produzir nos Açores o cimento indispensável para a construção civil, sector em evolução ao longo dos últimos anos. Os grandes objectivos da nova empresa são a criação de armazéns na Ilha Terceira e a ampliação do actual entreposto de cimento em S. Miguel.

A população do Livramento está a mobilizar-se para não permitir a ampliação da fábrica na freguesia, contrapondo que o entreposto seja construído num parque industrial criado pelo Governo e localizado a cerca de cinco quilómetros.

Mas o Executivo açoriano não cede, alegando que a mudança da fábrica vai custar cerca de 650 mil contos, e que tanto a Cecil como a Cimpor não estão dispostas a dispendir tal verba.

Resta agora à população do Livramento saber se o Governo dos Açores, «vai trocar a saúde de cerca de 3.300 habitantes por 650 mil contos».

Contradições do Governo Regional

Carlos César, na intervenção que fez na Assembleia Regional pôs em destaque algumas posições curiosas, ao afirmar, nomeadamente, que o actual secretário do Comércio e Indústria, Costa Santos, apoia agora a ampliação da fábrica, quando há alguns meses, sendo presidente da Câmara de Ponta Delgada se havia oposto «vigorosamente» a que tal acontecesse. O deputado socialista considerou tal posição como «singularmente estranha» e «impressionante».

Entretanto, a movimentação popular no Livramento tem permitido a constituição de comissões de pais, moradores e agricultores para, em conjunto, se insurgirem contra a ampliação da fábrica.

A junta de freguesia e representantes de cada uma das comissões já pediram uma audiência ao presidente do Governo, Mota Amaral, para exporem as suas preocupações.

Prejuízos por proibição indiscriminada

Malveira produz queijo fresco a partir de leite tratado

«Temos uma quebra de oitenta por cento na venda de queijos frescos», disse-nos Carlos Duarte, um dos elementos do grupo de produtores de queijo saloio fresco da região da Malveira que desde há um mês são afectados pela proibição oficial de venda daquele produto.

Atinge cerca de 100 mil unidades diárias o consumo dos tradicionais queijinhos há muito entrados nos hábitos alimentares da população, em especial a alfacinha.

No entanto, há cerca de um mês, por força de uma disposição legal, foi proibida a fabricação a partir do leite cru, por nessas condições ser susceptível de comportar e transmitir bactérias nocivas ao homem. Ficava salvaguardada a produção com leite fervido ou pasteurizado e assim acautelada a saúde pública.

Em virtude da portaria reguladora da produção verificou-se um natural aumento da fiscalização com vista a detectar possíveis infractores e que viria, segundo se esperava, a promover uma maior confiança dos consumidores nos queijos oferecidos no mercado, produzidos nas condições legais e desse modo inocuos.

Efeito contrário foi o resultado. Algumas atitudes de fiscais menos esclarecidos proibiram a comercialização de todo ou qualquer queijo fresco, mesmo quando produzidos a partir de leite pasteurizado ou fervido, recusando-se a recorrer às respectivas análises facilmente determinantes da condição do leite utilizado.

A partir destas tomadas de

posição o público e, por vezes, a Comunicação Social foram levados a generalizar a ideia de perigo e do facto resultou um injustificado receio dos consumidores quanto ao queijo fresco.

Esta afirmação era a nota geral do grupo de produtores da Malveira reunidos no passado sábado numa pequena povoação onde se localizam alguns dos maiores fabricantes: Montemuros, próximo de Loures embora pertencente ao concelho de Mafra.

Convidados jornalistas de diferentes órgãos da Comunicação Social, estes tiveram ocasião de ouvir falar dos problemas que actualmente afectam aquela indústria bem como da esperança de se recuperar a situação anterior afectada apenas por equívoco. Na esperança também de salvarem o ganho-pão de 100 trabalhadores, tantos os que dedicam a sua actividade ao tratamento de 700 vacas, sua alimentação, ordenha e fabricação dos queijinhos.

No primeiro dia da aplicação do diploma legal, na confusão gerada no espírito de alguns fiscalizadores, todo o queijo fresco passou a ser rejeitado. Tal arbitrariedade provocou, só nessa ocasião, um prejuízo de 200 contos a um dos produtores, um jovem com pouco mais de 20 anos, em cujos estábulos se encontram mais de 100 vacas. Isto apesar de os seus produtos terem sido obtidos a partir de leite pasteurizado para o que possui máquina própria.

A redução de vendas levou os produtores queijeiros a vender o leite, agora excedente, à UCAL, com graves prejuízos inerentes

ao facto de todo o sistema de trabalho, mão-de-obra e investimentos se encontrarem orientados para a indústria queijeira e não para a simples produção e comercialização a granel do leite.

Os produtores queijeiros da região, 22 que se dedicam exclusivamente àquela indústria, produzem, diariamente, entre 100 a 200 dúzias cada um. Utilizam as condições impostas por lei, pasteurização ou fervura em instalações com os requisitos legais de operação e higiene, devidamente comprovadas pelos organismos competentes que o atestaram em documentos oficiais.

Esperam que esta fase de injustificado alarme seja ultrapassada, pois a prolongar-se por mais tempo, poucos estarão em condições de sobreviver. Terão de se desfazer do gado, alimentado apenas a ração e forragem, pois não possuem, nem há na região, espaços ou condições de pasto a não ser para ovinos.

Há assim o perigo de os alfacinhas perderem o hábito de se deliciarem com o saboroso queijinho saloio, integrante há muitos e muitos anos da sua alimentação.

Será toda uma tradição que se perderá em Lisboa e na região saloia a agravante do desaparecimento de uma actividade que implica grande investimento e utilização de apreciável mão-de-obra.

E, afinal, sem motivo justificado: o queijo fresco, desde que fabricado com leite fervido ou pasteurizado, oferece todas as garantias sanitárias.

Dias Brito

Tendo como centro a prevenção

Deficientes do Porto exigem funcionamento da «saúde»

Os deficientes do distrito do Porto reivindicam «o funcionamento efectivo do Serviço Nacional de Saúde, com preocupação dominante na prevenção».

A União Coordenadora Distrital dos Organismos de Deficientes (UCDOC), com sede no Porto, divulgou ontem as conclusões do encontro distrital que promoveu recentemente e que constitui um conjunto de reivindicações.

A criação de um Serviço Nacional de Sangue, «já programado, mas ainda não desenvolvido», é outra das reclamações dos deficientes.

Os deficientes pretendem «uma efectiva descentralização dos centros de hemodiálise por forma a obter-se uma diminuição de custos e uma mais correcta prestação de serviços aos que destes necessitam».

O caderno reivindicativo dos deficientes considera «urgente e imperiosa a realização de um censo nacional, há muito reclamado, tendo em vista a programação de uma política nacional de prevenção e reabilitação». Reclama «o funcionamento efectivo do Secretariado Nacional de Reabilitação (SNR), dentro das perspectivas para que foi criado».

Preconiza a criação de forma descentralizada, de centros de formação de técnicos e professores do ensino especial, com informação aos jovens da importância de que se revestem estas especialidades.

Os deficientes pretendem a instalação de centros de reabilitação principalmente no Norte, bem como a reestruturação dos já existentes.

A institucionalização do seguro social de acidentes de trabalho e doenças profissionais e a aplicação imediata do dDecreto-Lei 43/82, que estabelece a eliminação das barreiras arquitectónicas mas «vem sofrendo prorrogações sucessivas», são outras reivindicações dos deficientes.

Reclamam igualmente a aplicação urgente da lei sobre a garantia do direito do deficiente aos transportes, aprovada na Assembleia da República, em 1981 e a reformulação do esquema de pensões do regime geral e de acidentes e doenças profissionais. Os deficientes pedem a entrada em funcionamento no concelho do Porto de mini-autocarros adaptados ao transporte de deficientes, «cuja verba, dez milhões de escudos, foi para o efeito atribuída em 1981 ao Serviço de Transportes Colectivos do Porto».

Reivindicam a promulgação de legislação que reserve postos de trabalho para deficientes e que parte das receitas do jogo do bingo, no distrito do Porto, reverta para a sensibilização preventiva e reabilitação, «devendo as associações de deficientes intervir no processo da sua distribuição».

Demissões foram há um ano

Alpedrinha votará a 10 de Fevereiro

As eleições intercalares para a freguesia de Alpedrinha, concelho de Fundão, realizam-se em 10 de Fevereiro — anunciou a edilidade fundanense.

Os anteriores órgãos da freguesia demitiram-se na sequência do encerramento, em 11

de Fevereiro, da estação local do caminho-de-ferro.

Nas eleições marcadas para 17 de Junho deste ano não se apresentou qualquer formação política, como protesto pela atitude da administração dos Caminhos de Ferro Portugueses

(CP).

A anterior Junta de Freguesia era afectada ao Partido Socialista tendo a Câmara de Fundão, por falta de órgãos de freguesia resultante da demissão colectiva dos anteriores, nomeado uma comissão administrativa.

URGENTE

VENDE-SE

Lote de terreno em
Azeitão — 511 m²
T. 9875829

de ontem para hoje

Negociante de divisas
assassinado perto de Viseu

NO lugar de Touro, no concelho de Viseu, foi abatido a tiros de caçadeira, um indivíduo que, segundo as autoridades policiais, se dedicava a transaccionar divisas estrangeiras, tendo ainda ficado ferida a sua mulher. O crime teve lugar cerca das 21 horas de sábado quando Luciano Clara do Amaral, de 37 anos, e a mulher Belarmina do Carmo Paiva, de 41, procediam em sua casa à contagem de cerca de seiscentos contos provenientes da venda de divisas estrangeiras. Um filho do casal disse que o dinheiro desapareceu. Luciano Clara foi atingido na cabeça e Belarmina do Carmo no peito, tendo sido posteriormente sujeita a uma intervenção cirúrgica no Hospital de Viseu, onde já se encontra livre de perigo. Segundo a Polícia Judiciária de Coimbra, o autor dos disparos utilizou cartuchos de calibre 12 mm, semelhantes a zagalotes.

Apareceu morta numa pensão da Mouraria

A Polícia Judiciária investiga as circunstâncias em que ocorreu a morte, no domingo à tarde, de uma empregada doméstica da «Pensão Flor do Terreirinho», localizada na zona da Mouraria, em Lisboa. Segundo o testemunho de outras funcionárias do estabelecimento, lida de Oliveira (foto), de 57 anos, natural de S. João da Madeira, terá caído das escadas quando procedia à limpeza das mesmas. Recorde-se que naquela mesma pensão tal como então noticiámos, foi assassinada, em Novembro de 1983, uma hóspede, Maria Laurinda Maia Machado da Silva, de 36 anos. O autor do crime foi o homem com quem vivia maritalmente, José Pires, de 41 anos, estavador, que a agrediu selvaticamente a murro e a pontapé. Inicialmente, José Pires, neste momento a cumprir a pena a que foi condenado, tentou fazer acreditar que Maria Laurin-



da tinha sucumbido a doença súbita, mas a PJ acabaria por incriminá-lo mercê das diligências levadas a cabo.

Secção de Achados da PSP de Lisboa

Na Secção de Achados da PSP de Lisboa (Rua dos Anjos, 56-A) encontram-se depositados, para além de carteiras e documentos, um chapéu de chuva, uma mala de viagem com roupa, um par de óculos, um livro, um saco com vestuário e um cobertor, uma mala com medicamentos e ainda argolas com chaves.

«Voaram» para a Linha de Cascais

Ao descrever a curva existente na Estrada Marginal, próxima do Hotel Estoril-Sol, um automóvel «Lotus», que seguia em direcção a Cascais, despiçou-se, cerca de uma hora desta madrugada, destruindo a barreira de protecção e indo despenhar-se sobre a via férrea. Milagrosamente os

seus dois jovens ocupantes saíram ilesos. Trata-se de António Manuel Costa, de 21 anos e Carlos Jorge Dias, de 20, que segundo a PSP de Cascais, não apresentavam sintomas de ingestão excessiva de álcool. O acidente provocou a interrupção da circulação ferroviária até cerca das 2 e 30.

Fábrica destruída pelo fogo em Gaia

Cinco corporações de bombeiros combateram o incêndio que destruiu, na madrugada de ontem, uma fábrica de confecções, pertencente a António Correia Ramos, localizada na Rua Nossa Senhora do Calvário, em Segueira, no concelho de Vila Nova de Gaia. O fogo, cuja origem ainda não é conhecida, consumiu máquinas de costura e outras, bem como tecido e peças já feitas.

Cadáver por identificar em Coimbra

Continua por identificar, na morgue em Coimbra, o cadáver encontrado, no passado dia 12, a cerca de 800 metros do molhe sul do porto da Nazaré, de um indivíduo do sexo masculino, que aparenta entre 25 e 30 anos, com 1,67 metros de altura, cabelo preto ligeiramente encaracolado, dedo indicador direito com ciatriz antiga e com um defeito ao nível da falangeta, presumindo-se que fosse invisível. Vestia calças de

ganga azul da marca «Que-mor-s», camisa branca com riscas verticais, «pullover» em malha de cor branca, de mangas compridas e com losangos à frente de cores amarelo-torradado e preto e calças e botins pretos de meio cano e fecho «éclair». Usava um relógio de pulso digital da marca «Midas». Qualquer informação deverá ser dirigida para a Polícia Judiciária de Coimbra, através dos telefones 28134/5/6/7.

Vilar Formoso mais próximo

Uma curta estrada em construção por iniciativa dos concelhos de Meda e Pinhel irá aproximar aquelas duas vilas do distrito da Guarda ao posto fronteiriço de Vilar Formoso. A nova via, ligando as povoações de Gateira e de Juízo, na distância de quatro quilómetros, importará em dezoito mil contos e estará concluída nos primeiros meses de 1985.

Novo posto da PSP nos Açores

Um novo posto da PSP será inaugurado em Janeiro próximo na localidade da Maia, concelho da Ribeira Grande, ilha de S. Miguel, segundo revelou ontem a Junta de Freguesia local. A mesma fonte indicou que o novo posto policial, criado por diploma do «Diário da República» em Julho, terá um quadro de oito agentes e um sub-chefe.

A maior de sempre nas estradas portuguesas

GNR desencadeia operação de Natal e Ano Novo

A Guarda Nacional Republicana (GNR) vai realizar este ano, nos períodos de Natal e de Ano Novo, a «Operação Conduzir com Segurança/84», a maior de sempre nas estradas durante esta quadra festiva.

A operação, coordenada pela Sala de Operações do Comando-Geral daquela corporação, desenrola-se em dois períodos distintos, sendo o primeiro das 12 horas do dia 21 de Dezembro (sexta-feira) às 20 horas do dia 28 de Dezembro (sexta-feira) às 20 horas do dia 2 de Janeiro de 1985.

Segundo uma informação das

relações públicas da GNR, muitos milhares de homens vão estar empenhados no cumprimento da sua missão de segurança das populações e protecção da propriedade, e no patrulhamento efectivo e intenso das estradas nacionais.

Nesta acção, vão ser empenhados os efectivos de todas as unidades da Guarda Nacional Republicana, assim como as patrulhas das unidades territoriais, que com as suas 21 companhias, 70 secções e 490 postos, cobrem todo o território do Continente.

As patrulhas da Brigada de Trânsito da GNR irão estar nas

estradas, com incidência nas principais vias de acesso não só a Lisboa e Porto, mas também a todas as capitais de distrito e ainda nos acessos às fronteiras.

As patrulhas serão apoiadas por um dos quatro helicópteros do destacamento de helicópteros da Guarda Nacional Republicana.

Com o empenhamento máximo dos efectivos disponíveis, a GNR irá estar nas estradas no próximo período festivo, na fiscalização e regularização da circulação rodoviária, com especial incidência nas zonas tradicionalmente mais perigosas, cruzamentos e vias de maior circulação.

A presença de patrulhas na estrada visa minorar os acidentes de viação e suas trágicas consequências, auxiliar e socorrer os condutores, em qualquer avaria ou situação anormal e esclarecer e aconselhá-los no sentido do cumprimento das normas constantes no Código da estrada e dos melhores itinerários a utilizar.

Nas estradas do Continente, com cerca de 20 mil quilómetros, registaram-se em 1983 1013 mortos em 14.919 acidentes. No decorrer do mesmo período, registaram-se 8295 feridos ligeiros e 166 graves.



O «disco Jockey» quando ainda resistia ao sono

Desistiu à 246.ª hora...

«Disc-jockey» de Leiria
está no hospital... a dormir

Aníbal Roque, o «disc-jockey» de Marinheiros, Leiria, está desde as 7 horas da manhã de hoje no Hospital Distrital de Leiria, desistindo da entrada para o «Guinness» à 246.ª hora, quando estava cumprido mais de dois terços do tempo necessário para bater o «record» de 321 horas consecutivas a pôr discos do britânico John Sharples.

«O médico disse que não se responsabilizava pelo estado de saúde, dele informou esta manhã ao «DL» um membro dos Bombeiros de Leiria que, pouco depois das 7 horas da manhã, transportaram Aníbal Roque para o hospital onde, depois de submetido a alguns exames, o «disc-jockey» se encontra a des-

cansar.

Foram dez dias de actividade que Aníbal Roque cumpriu consecutivamente, tendo recebido o apoio de muitos milhares de pessoas — uma primeira estimativa refere nove mil — que se deslocaram à discoteca de Marinheiros. Assistido por quatro médicos, ingerindo 12 refeições por dia, Aníbal Roque não conseguiu, desta vez, inscrever o seu nome no livro dos recordes. Mas, dado o exemplo de outros leirões, é bem provável que, depois de retemperadas as forças, a discoteca de Marinheiros volte a conhecer uma animação pouco comum: dias ininterruptos de música, na conquista de um recorde.

Balanço trágico do último Verão

Setenta emigrantes portugueses morreram nas estradas de Espanha

Cerca de setenta emigrantes portugueses morreram este Verão em consequência de acidentes nas estradas de Espanha, segundo revelou José Andrade, presidente do núcleo da Cruz Vermelha Portuguesa (CVP) de Vilar Formoso. A mesma fonte referiu que os acidentes ocorreram principalmente na estrada entre Irun e Vilar Formoso, «conhecida pelos espanhóis como a entrada dos

portugueses».

José Andrade disse depois ser necessário realizar uma acção de informação a partir das associações de portugueses, consulados e departamentos oficiais e oficiosos, de forma a prevenir estes sinistros. Cansaço, sono e altas velocidades foram, para José Andrade, os factores que contribuíram para a ocorrência de tantas mortes.

Ao que afirmou, a Cruz Vermelha Espanhola (CVE) vai, no próximo ano, intensificar a co- operação com a CVP nas estradas de Espanha para promover uma maior assistência aos emigrantes em viagem. Este programa inclui a instalação de veículos com assistência médica, mentosa, médica, sanitária e social em parques de repouso a instalar no curso da estrada.

Notas e selos
fiscais falsos
apreendidos
em Tomar

Foi detido na área de Tomar pela Judiciária local um indivíduo de apelido Silva que tinha em seu poder 1 580.00 pesetas falsas em notas de 5 mil, bem como 13 500 dólares americanos (também falsos) em cédulas de 100 dólares.

Para além das referidas «notas» tinha ainda em seu poder vários selos fiscais portugueses do mesmo modo falsos, que devem pertencer aos impressos numa tipografia de Sacavém, onde há quatro anos se produziram perto de dois milhões de contos daqueles selos, muitos deles transaccionados como verdadeiros.

No entanto o referido indivíduo seria restituído a liberdade pelo juiz do Tribunal de Investigação Criminal de Tomar, por razões que justificarão tal decisão mas que não foram reveladas.

As vítimas eram tripulante da motora
«Arrais Palão»

Abalroamento de cargueiro italiano provoca
quatro mortos em Aveiro

Quatro pescadores morreram afogados quando a motora em que seguiam, como mais cinco companheiros, foi abalroada, ao fim da tarde de anteontem, na ria de Aveiro, pelo cargueiro italiano «Ana Rinascoto». A motora «Arrais Palão» regressava da apañha da amêijoia quando o acidente ocorreu frente ao porto industrial (antigas instalações da Sacor, na Gafanha da Nazaré). Profundamente emocionado, o comandante do navio italiano, Scoot Ciro de 33 anos, disse não encontrar, de momento, explicação para a tragédia. O «Ana Rinascoto» veio a Aveiro carregar pasta de papel.

Ao que apurámos a identidade

das vítimas é a seguinte: Paulo Ramalheira, de 20 anos, da Gafanha da Nazaré, Luís Simões Vieira, de 40, de Vagueira, António Fardoca Neno, de 55, da Costa Nova, e Joaquim Vieira Cascarejo, de 42, também da Costa Nova. Quanto aos tripulantes que se conseguiram salvar são Adelino Vieira, de 59 anos, conhecido pela alcunha de «O Palão» proprietário e mestre da motora, José Lopes Fidalgo, de 58, Messias dos Santos Pica, da mesma idade, João Lopes Simões, de 35, e José Lino.

As circunstâncias em que teve lugar o acidente estão a ser investigadas pela Capitania do porto de Aveiro.

E ontem desviaram
uma viatura...

Valadares
quer
autocarro
dos STCP
até à praia

Populares da freguesia de Valadares desviaram ontem, cerca das 18 horas, um autocarro da linha 91 dos serviços de Transportes Colectivos do Porto por distorcerem o itinerário habitual daquela carreira.

A população exige que a carreira 91 dos STCP, que diariamente faz o trajeto Porto/Madalenha/Valadares, passe a servir a zona da praia, terminando ali o seu itinerário e não em frente da estação dos caminhos-de-ferro.

Uma fonte da GNR de Matosinhos, que coordena aquela área, disse que a população local considera que a actual empresa (Agência Sequeira Lucas) que costuma fazer em determinadas horas aquele percurso não satisfaz as necessidades de muitos dos populares da freguesia.

O capitão Machado acrescentou que cerca de centena e meia de pessoas entraram no autocarro cerca das 18 horas, junto ao campo de futebol, e obrigaram o motorista da viatura a inverter o sentido de marcha e seguir em direcção à praia, onde o autocarro esteve parado cerca de duas horas.

A população deu um prazo à administração dos STCP até quarta-feira para resolver o problema, pois caso contrário «serão tomadas novas formas de luta».

Agressões a dirigente sindical aguardam sentença

Câmara recusa inquérito à Polícia Municipal

A Câmara Municipal de Lisboa rejeitou, ontem, em sessão pública, um requerimento da APU no sentido de que fosse aberto um inquérito à acção da Polícia Municipal e de um seu subchefe sobre um dirigente sindical que afixava propaganda na noite do dia 13.

A recusa por parte dos vereadores PS/PSD/CDS foi justificada pelo facto de não haver, ainda, decisão dos tribunais sobre os incidentes então verificados, razão por que o requerimento da APU foi considerado prematuro e descabido.

O caso que motivou o requerimento da APU envolveu elementos da PSP contra activistas sindicais, entre os quais o dirigente

que também afixava propaganda de rua relativa à manifestação de sábado. O dirigente sindical acabou por ser conduzido à esquadra da PSP junto ao MAI, onde terá sido agredido e retido sob a ameaça de armas, incluindo G-3.

A Câmara deliberou, ainda, por maioria, atribuir a medalha de honra da cidade ao Restaurante Tavares Rico por ocasião do seu bicentenário.

A reunião foi presidida por Nuno Abecasis, que deu a conhecer a proposta da adjudicação do segundo concurso de recuperação das áreas degradadas do vale de Chelas, que envolve uma área de 100 hectares.

Esta área abrange a Quinta da

Curraleira, Quinta Nova, Casal do Pinto, Quinta do Pinheiro, Quinta da Argolinha e Quinta do Ourives.

A Câmara decidiu, por outro lado, a partir de Janeiro deixar de ser possível aos autocarros da Rodoviária Nacional e dos operadores turísticos utilizarem, para estacionamento indevido, as faixas laterais e do topo do Parque Eduardo VII.

Na faixa lateral só será permitida a tomada e largada de passageiros das carreiras suburbanas, ficando a placa sul da entrada do parque interdita a viaturas.

Mercado abastecedor nas mãos do Governo

A comissão que estudou a localização do novo mercado abas-

tecador de Lisboa propôs que o Governo inscreva a verba para a sua criação no Orçamento do Estado de 1985, disse a presidente.

Por outro lado, a comissão — presidida por Fernanda Machete — pergunta-se qual será o «departamento ministerial juridicamente competente» para a decisão final.

A comissão levantou ainda a questão sobre quais serão «as relações entre as autarquias e o Governo», tendo em vista o funcionamento do mercado abastecedor.

O estudo será hoje entregue ao Governo, a que a comissão de 13 membros recomenda a inscrição de verba já do Orçamento do Es-

tado do próximo ano. Dos dez locais potencialmente aptos para a sua localização, a comissão seleccionou cinco e deu preferência a três: Beirólas, Alfragide (próximo dos Cabos Avila) e Infantado.

A comissão, contudo, não recomenda nenhum dos locais, por falta de elementos técnicos, nomeadamente estimativas de custos, de terrenos e infra-estruturas, equipamento e inserção na rede viária. Aconselha, entretanto, que não sejam sobrecarregados os circuitos de acesso a Lisboa.

Todos os elementos da comissão são favoráveis à ligação correcta do mercado de origem com o mercado abastecedor, factor que consideram de grande peso para a escolha da localização.

ARTIGO DE FUNDO



MÁRIO CASTRIM

RAIOS ma partam se percebo alguma coisa disto. Há tempos, em tempos de era uma vez, mon ami Mitram esteve em Lisboa. Pouco tempo, mas esteve. O bastante, ao que se disse, para dar uma «boa» notícia: a de que estava garantida a entrada do nosso país para a CEE.

Desculpem meus caríssimos leitores se lhes falo volta e meia deste assunto. Mas há o Governo que cai não cai, a coligação que vai não vai, a UGT que, sem consento, perdão!, que do concerto sai não sai. Para a CEE entramos não entramos, enfim: continuamos sujeitos ao complexo do «Tollan». Já ninguém duvida seriamente da preocupação política subjacente a este desejo por parte de algumas forças no nosso país.

Fossem outras as razões e apresentavam-se provas, números, lucros possíveis onde. Mas não. De duas coisas ouvi eu pela televisão (fonte, aliás, da minha vastíssima cultura) de cuja exportação tiraríamos proveito em caso de ceearmos: os nabos e os toiros para corridas de morte. Eu seja cego destes dois se não falo verdade. Só que, quanto aos nabos, por muitos que exportássemos, ainda cá ficavam bastantes, para nos moerem o juízo. Quanto aos toiros, não me pronuncio, embora saiba do incremento das touradas particularmente nas reuniões dos dez. Realmente aquilo com toiros portugueses tinha outro folclore...

Parece que os espanhóis já chegaram à conclusão de que a entrada para a CEE lhes traria problemas tramados, do género: aumento acelerado dos impostos, a inflação ainda mais elevada e um crescimento traumatizante do desemprego, que atingiria proporções altamente perigosas. São, pois, cada vez em maior número as vozes que se levantam contra a entrada da Espanha na CEE.

Mas, como se dizia nos romances do século passado, voltemos à nossa história. Depois de tudo quanto se disse que mon ami Mitram tinha dito cá, ouvimos ontem mesmo o próprio tal e qual ele mesmo dizer que o alargamento, por enquanto, nada feito ou, para empregar as suas palavras, que «o alargamento ainda não está no papo».

Alguém anda a mamar com a gente. Faça a Mitterrand a honra de acreditar que não é ele. Que alguém o faça e o faça impunemente é que me mete cá uma raiva...



Vendedores de pinheiros são unânimes

Natal: «a tradição qualquer dia acaba»

«Com a vida sempre assim a aumentar, a tradição qualquer dia acaba» — queixa-se uma mulher que, desde 1966, se instala em Dezembro junto às Amoreiras, em Lisboa, com uma camioneta cheia de árvores de Natal.

«O negócio está mau, mais um ano e isto acaba» — afirmou ela, lembrando-se que houve anos em que vendeu cerca de duas mil árvores e que este ano provavelmente não chegará a fazer metade daquela número.

Para José Sales, que há dez anos vende árvores de Natal em Algés, 1984 está a ser também «o pior ano».

«Este ano está fraco» — dizia, em Alcântara, um veterano do mesmo negócio.

E, em Belém, Entrecampos, no Cais do Sodré, ou em qualquer das escassas dezenas de sítios de Lisboa onde se vendem árvores de Natal, a conversa é mais ou menos a mesma: «o negócio está mau, vendem-se menos pinheiros do que no ano passado».

Ao contrário dos seus colegas da Alemanha Federal, onde «Os Verdes» lançaram este ano um boicote às árvores de Natal, em sinal de protesto contra a destruição das florestas, para os vendedores portugueses o obstáculo principal é a crise económica.

Ou, como dizia uma mulher já de 82 anos, que vende pinheiros

em Belém, o facto de «em Portugal», neste momento, haver muita gente sem dinheiro ou que não recebe».

O partido «Os Verdes»/ Movimento Ecológico Português limitou-se com efeito a alertar para os «perigos» de «um abate selvagem de pinheiros».

«Não somos contra a árvore de Natal: é uma tradição que respeitamos» — disse José Barata, militante daquele partido, que revelou ir também fazer uma árvore de Natal em sua casa.

António Eloy, da Associação Ecológica «Os Amigos da Terra», não fará árvore de Natal «porque há dez anos que lá em casa se deixou de fazer», mas reconhece que essa tradição «assenta em raízes culturais muito profundas».

Ele compreende, no entanto, a atitude dos «Verdes» da RFA e defende que o abate de pinheiros em Portugal deva ser «controlado».

O director-geral das Florestas, José Alberto Quinta, pensa, por seu turno, que «certo tipo de ecologistas são muito dados a alarmes».

Os pinheiros que se abatem no Natal «não constituem nenhuma calamidade» já que, segundo disse, «em Portugal cortam-se por ano, para produção, entre 20 a 25 milhões de pinheiros».

A partir de amanhã

Telefone vai ainda mais longe

A partir de quarta-feira vai ser possível efectuar chamadas telefónicas automáticas para mais 47 destinos, do principado de Oman a Tailândia, passando pelo Alasca e Hawaii, completando-se assim a automatização da rede telefónica.

De entre os novos destinos, que ficam ligados à rede com possibilidade de ligação directa e automática, contam-se vários países de expressão oficial portuguesa: Cabo Verde, Guiné-Bissau e S. Tomé e Príncipe.

Durante 1984 foram realizados investimentos, através dos CTT, TLP e Companhia Portuguesa de Rádio Marconi, no valor de cerca

de cinco milhões de contos. Aquando da tomada de posse deste Governo apenas era possível ligar directamente, fora do território europeu, para três países.

Em 1984, entraram em funcionamento novas infra-estruturas como a terceira antena da estação terrena de satélites de Sintra e a primeira central telefónica digital para serviço intercontinental.

Cuba, Filipinas, Índia, Irão, Jordânia, Líbano, Nicarágua, Nigéria, Quênia, Salvador, Sri Lanka, Tanzânia, Uruguai, Zâmbia e Zimbábue são alguns dos 47 novos destinos para onde será possível ligar directa e automaticamente a partir de amanhã.

Rui Guedes «arrecada» seis mil contos

Ministério da Cultura compra espólio de Florbela Espanca

O Ministério da Cultura adquiriu em Novembro por seis mil contos ao pianista Rui Guedes o espólio da poetisa Florbela Espanca — apurou a NP.

O Instituto Português do Património Cultural contribuiu com quatro mil contos e a Fundação Gulbenkian com dois mil contos — disse uma fonte do Ministério da Cultura.

Rui Guedes confirmou a venda do espólio, que — disse — é constituído por mais de 300 manuscritos da poetisa, compilados em cinco livros que «ela própria escreveu e dedicou aos seus maridos».

Provas tipográficas, três contos manuscritos, fotografias e o testamento da madrastra de Florbela Espanca a seu favor também fazem parte do espólio, que se encontra depositado na secção de espólios da Biblioteca Nacional — referiu Rui Guedes.

O pianista afirmou que comprou o espólio há cerca de dois anos a um neto de uma ex-cunhada de Florbela Espanca, casada com Manuel Guimarães, irmão de António Guimarães, segundo marido da poetisa.

Rui Guedes escusou-se a revelar o montante da compra, salientando ter tido uma oferta de cerca de 15 mil contos de uma universidade norte-americana.

«Recusei por uma questão de patriotismo, pensei ser mais sen-

sato vender o espólio ao Estado Português» — salientou.

Rui Guedes comprou o espólio da Florbela Espanca por «uma quantia ridícula» — disse à NP a mesma fonte do Ministério da Cultura.

Alterações estranhas

Rui Guedes afirmou que o espólio de Florbela Espanca «vem provar algumas alterações que mãos estranhas à da poetisa fizeram nos seus manuscritos».

«Nas provas tipográficas — adiantou — nota-se perfeitamente alterações com uma caligrafia estranha à dela».

«A maior parte dos sonetos que se conhecem de Florbela Espanca não correspondem aos manuscritos» — sublinhou.

«Um caso gritante — explicou Rui Guedes — acontece com Raul Proença responsável pela edição do «Livro de Mágicas», que emendou e alterou uma série de poesias».

O segundo livro de Florbela — «O Livro de Soror Saudade» — foi também alterado por Francisco Laje, fundador do Museu Etnográfico de Belém, que lhe tratou da edição — explicou ainda o pianista.

Também os sonetos dos livros «Charneca em Flor» e «Relíquias» foram «alterados por Guido Battelli, professor catedrático de italiano na Faculdade de letras

de Coimbra, que mexeu e alterou os poemas».

Nem só amor

«Florbela era uma adolescente e por humildade e necessidade tinha de baixar a crista a estas alterações» — considerou Rui Guedes.

O espólio — considerou Rui Guedes — vem «desfazer a ideia de que Florbela só fazia sonetos de amor».

A poetisa — adiantou — escreveu também quadras, quintilhas e sextilhas que «não falam só de amor».

No espólio incluem-se ainda cartas do irmão e do primeiro marido, Alberto Moutinho, dirigidas à poetisa e a seu pai, onde explica «as razões do seu divórcio» — referiu o pianista.

Rui Guedes deu um exemplo de alterações feitas num soneto do «Livro de Soror Saudade», referindo que, onde Florbela Espanca escreveu «como galopes infernais de vento», o autor das alterações optou por, «como soluços trágicos do vento».

O espólio — segundo Rui Guedes — foi mantido durante mais de 60 anos num sótão de S. João do Estoril.

Florbela Espanca ofereceu «alguns dos seus papéis» à cunhada, que os deu depois ao neto — explicou o pianista.

Defende responsável da Beira Interior

Preferível menos agricultores com melhores rendimentos

O director-regional da Agricultura da Beira Interior (DRABI), Luís Pires, afirmou em Ferro (Fundão) que é preferível haver em Portugal menos agricultores mas «com acesso a condições de trabalho e rendimento positivos».

Luís Pires falava no encerramento de um curso de formação de jovens agricultores integrado nas acções de extensão rural da DRABI.

Disse que «o Estado deve ser o motor das experiências de novas culturas e da criação de animais cada vez mais melhorados para obtenção de bons rendimentos».

Na ocasião perguntou «se existem possibilidades em Portugal porque o desenvolvimento agrícola não é a pedra fundamental no desenvolvimento do País».

Aquele responsável agrícola defendeu a existência de uma nova mentalidade na agricultura e o fomento associativo agrícola

«em defesa dos interesses da lavoura».

Sobre a Beira Interior, disse Luís Pires que é uma região rica em clima, no solo e em recursos hídricos.

Considerou que «quem produz determinado produto tem que vir a preocupar-se com o que lhe vai acontecer no futuro com ou sem a Comunidade Europeia (CEE)».

Anunciou também a existência de um programa no âmbito da DRABI para melhoramento animal em ovelhas e vacas leiteiras, na área dos cereais, fruticultura e culturas hortícolas adaptadas à situação da região.

Frisou que a região da Beira Interior se deve compatibilizar com as potencialidades de outras regiões e do País.

Luís Pires disse que a DRABI vai apoiar os jovens agricultores na fixação a empresas agrícolas que, na sua opinião, deve ser feita

em «condições dignas que assegurem o rendimento aceitável para que haja uma situação de progresso».

«Esse esforço em prol dos jovens agricultores deve ser feito pelo Ministério da Agricultura e pelos agricultores em geral que devem estar associados quanto possível» — disse.

Um representante dos jovens agricultores que frequentavam o curso disse que esta iniciativa «representa uma nova etapa na tão degradada Beira Interior».

Classificou o curso como a primeira pedra para a reconversão agro-económica da Cova da Beira e disse ser «inadmissível que um País que tem uma base económica agrícola esteja a importar produtos agrícolas no valor de milhares de contos».

Participaram no curso 26 jovens agricultores da área da Cova da Beira.

Caminhos de Ferro
Portugueses

Informação

FESTAS DE NATAL E ANO NOVO

ALTERAÇÕES
DE HORÁRIOS

Informam-se os Senhores Passageiros de que, no período do Natal e Ano Novo, serão efectuadas circulações especiais até ao dia 5 de Janeiro de 1985.

Entretanto, serão suprimidas algumas circulações nos dias 24, 25, 31 de Dezembro e 1 de Janeiro de 1985.

Para informações mais detalhadas, os Senhores Passageiros devem consultar as nossas Secções de Informação ou os avisos afixados nas estações.

TRIBUNAL CÍVEL
DA COMARCA
DE LISBOA
11.º JUÍZO
ANÚNCIO

Proc. 2184/1.ª secção

Por este Juízo correm editos de trinta dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando a executada OLÍMPIA DA SILVA PITORRO, casada, doméstica, com última residência conhecida na Quinta das Palmeiras, Póvoa da Isenta, Santarém, agora ausente em parte incerta, para no prazo de cinco dias, findo o dos editos, deduzir oposição, pagar ao exequente Banco Pinto & Sotto Mayor, E.P., ou nomear bens à penhora suficientes para garantia e pagamento da quantia exequenda de 184.260\$00, juros e custos, sob cominação de não o fazendo ser devolvido ao exequente o direito de nomeação de bens à penhora.

Lisboa, 11 de Dezembro de 1984

O JUÍZ DE DIREITO
a) João Alfredo Diniz NunesO ESCRIVÃO DE DIREITO
a) Joaquim Alves Filipe

D.L. 18/12/84 — 1.ª Pub.

ALHANDRA
TERRENO

Vende-se

Urbanizado com 300 m². Con-
tacte Tel. 982 67 46 (noite).COMARCA
DE LISBOA
4.º JUÍZO CÍVEL
2.ª SECÇÃO,
PROC. N.º 10175
ANÚNCIO

O Doutor FERNANDO JOSÉ MATOS PINTO MONTEIRO, Juiz de Direito do Quarto Juízo Cível da Comarca de Lisboa.

Faz saber que no dia 29 do próximo mês de Janeiro pelas dez horas, neste tribunal há de ser posto em praça para serem arrematados pelo maior lance oferecido, acima do indicado, os bens abaixo identificados, penhorados ao executado Odete Veiga de Oliveira na execução sumária que lhe move e a outros, o Banco Pinto & Sotto Mayor, E.P. e de que é depositário Artur José Eliseu Viegues Rego, residente na Av. Ressano Garcia, 43, 1.ª Esq., Lx.

BENS A ARREMATAR

— Um frigorífico, marca Kelvinator, em bom estado de conservação, que será posto em praça por sete mil e quinhentos escudos;

— Um televisor, marca Gelo, a preto e branco, em razoável estado de conservação, que será posto em praça por sete mil e quinhentos escudos;

— Um rádio, marca Philips, em razoável estado de conservação, que será posto em praça por dois mil e quinhentos escudos;

— Uma mesa com três cadeiras, que serão postos em praça por dois mil e quinhentos escudos;

— Um móvel estante, em bom estado de conservação, que será posto em praça por quinze mil escudos.

Lisboa, 13/12/84

O JUÍZ DE DIREITO
(Ilegível)

O ESCRIVÃO DE DIREITO

(Ilegível)

D.L. 18/12/84 — 1.ª PUB.

16.º — CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA
Av. Almirante Reis, 104-1.º

Notário: Lic. Fernando Lopes Correia Semedo

«URBIPLANO — PLANEAMENTO E
CONSTRUÇÃO, LIMITADA»

Faço publico que por escritura de doze de Julho corrente, exarada de folhas cinquenta e duas verso a folhas cinquenta e três verso do livro DUZENTOS E DEZASSEIS-F das notas deste cartório, foi constituída entre MANUEL JACINTO AMADOR CAEIRO, JOSÉ AUGUSTO GOMES DOMINGOS, e CARLOS MANUEL DE ALMEIDA DOMINGOS, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada que se rege pelas cláusulas constantes dos artigos seguintes:

PRIMEIRO

A sociedade adopta a denominação de «URBIPLANO-PLANEAMENTO E CONSTRUÇÃO, LIMITADA», fica com a sua sede na Rua Salvador Allende, número sete-A, em Vale de Figueira, freguesia de S. João da Talha, concelho de Loures, e a sua duração é por tempo indeterminado, contando-se o seu início a partir desta data:

SEGUNDO

O objecto da sociedade é urbanizações, estudos e projectos técnicos de construção civil, serviços de organização de empresas, construção industrial e de habitação.

TERCEIRO

O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de TREZENTOS MIL ESCUDOS e corresponde a soma das quotas dos sócios, que são três de cem mil escudos, pertencendo uma a cada sócio.

PARÁGRAFO ÚNICO: — A sociedade poderá exigir dos sócios as prestações suplementares de capital de que ela carecer, nos termos a fixar em assembleia geral.

QUARTO

A cessão de quotas entre sócios é livre. A cessão a favor de estranhos depende sempre do consentimento da sociedade.

QUINTO

A gerência, dispensada de caução e com ou sem remuneração, conforme o que for deliberado em assembleia geral, será exercida por todos os sócios, que desde já ficam nomeados gerentes.

PARÁGRAFO PRIMEIRO: — Para que a sociedade fique validamente obrigada, é suficiente a assinatura de qualquer dos gerentes.

PARÁGRAFO SEGUNDO: — A sociedade poderá constituir mandatários, nos termos e para os efeitos do disposto no artigo duzentos e cinquenta e seis do Código Comercial.

SEXTO

As assembleias gerais serão convocadas por cartas registadas, dirigidas aos sócios, com um mínimo de oito dias de antecedência, se outras formalidades não forem prescritas por lei.

Está conforme. Lisboa, aos vinte e três de Julho de mil novecentos oitenta e quatro.

O Escriturário Superior
Maria Beatriz Reis Costa

Jaime Ballesteros deixa o PCE

Comunistas espanhóis
mais divididos

Uma nova cisão no Partido Comunista de Espanha ocorreu ontem com a saída de Jaime Ballesteros, ex-secretário-geral do PCE e de outros quatro membros do Comité Central, soube-se em Madrid.

O grupo, integrado por uma centena de quadros e dirigentes comunistas, sobretudo das regiões de Castela e Cantábria, divulgou um comunicado em que anuncia a sua adesão ao Partido Comunista dos Povos de Espanha, criado há um ano pelo «histórico» do PCE, Ignacio Gallego, de tendência tida por pró-soviética.

Os dissidentes, que se reuniram em Madrid durante o último fim-de-semana, denunciaram o «liquidacionismo da actual direcção do PCE».

Na sua opinião, e contra a «divisão, a desagregação e o abandono de princípios da actual direcção, liderada por Gerardo Iglesias, existe agora um movimento que tende para a «unidade e a política de classe».

Jaime Ballesteros, que foi vice-secretário-geral do Partido Comunista de Espanha durante a última etapa de Santiago Carrillo e seu homem de confiança, disse em conferência de imprensa, que o «melhor representante deste movimento é o partido fundado por Ignacio Gallego».

Ignacio Gallego, um dos fundadores do PCE, abandonou o partido há pouco mais de um ano e fundou o Partido Comunista dos Povos de Espanha, cujo congresso constituinte se celebrou nos primeiros dias de Janeiro passado.

Entre os representantes mais conhecidos deste grupo, além do fundador e seu secretário-geral, estavam o bailarino António Gades e sua mulher, a actriz Marisol, agora conhecida como Pepa Flores.

No entanto, desde a sua voltação, há um ano que não se voltou a ouvir falar deste grupo, cuja incidência na vida política espanhola tem sido reduzida.

Além de Jaime Ballesteros, que pertencia à organização de Madrid, anunciaram a sua saída do PCE alguns dirigentes de Castela e da Cantábria. José António García Rubio, membro do Comité Central e líder do grupo dissidente de Castela, disse que com ele abandonarão o PCE outros 700 militantes comunistas.

Jaime Ballesteros anunciou que, além da centena de dirigentes que tomara a decisão no último fim-de-semana, se unirão «uns quantos milhares de militantes de toda a Espanha».

Esta passagem de militantes do PCE para o Partido Comunista dos Povos de Espanha, é a mais importante cisão que se verifica desde a saída de Ignacio Gallego e de um sector importante dos comunistas catalães.

Ballesteros acusou a actual direcção do PCE de «liquidacionista» e de «reformismo eleitoralista».

Em sua opinião, o sector dirigido por Gerardo Iglesias considera que «as decisões devem ser tomadas por sondagens eleitorais e não pela análise da luta de classes».

Os dirigentes do PCE não fizeram até agora qualquer comenta-

rio sobre a cisão, embora oficialmente lhe tenham retirado importância, acrescentando que «apesar disso, o partido está em recuperação».

O outro sector divergente está representado pelo ex-secretário-geral, Santiago Carrillo, que mantém divergências públicas com o actual secretário-geral, Gerardo Iglesias, que têm chegado aos insultos pessoais.

As tensões provocadas por Santiago Carrillo foram analisadas na reunião do Comité Executivo do PCE, na quinta-feira passada, a que assistiu o ex-secretário-geral, que não se pronunciou sobre o tema.

Gerardo Iglesias anunciou, no final, que Santiago Carrillo não seria punido, embora tenha sido advertido para que termine com declarações públicas contra a actual direcção do PCE, eleita no XI Congresso, em Dezembro do ano passado.

Apesar de Jaime Ballesteros ter sido um homem de confiança de Carrillo, a sua actual decisão não se relaciona com as posições do ex-secretário-geral.

Outro dirigente comunista, António Romero, que lidera o sector dos trabalhadores agrícolas comunistas de Andalúzia, também defende posições divergentes de Gerardo Iglesias e de Santiago Carrillo.

Estas divergências confirmam a continuação de tensões e divisões internas no comunismo espanhol, que não foram ultrapassadas com o XI Congresso, apesar de terem triunfado na altura as posições defendidas pela actual direcção.

A Espanha e a NATO

“Pravda” recorda
volte-face de Gonzalez

O jornal soviético «Pravda» publicou um extenso artigo, no qual procede a uma análise da situação em Espanha a respeito do problema da entrada daquele país para o bloco da NATO.

O jornal destaca, em particular, que, muito tempo antes do anterior Governo ter aprovado a decisão da entrada da Espanha na NATO, já existia no país um poderoso movimento de massas contra essa integração, no qual estava integrado o Partido Socialista Operário Espanhol, na oposição até Outubro de 1982.

O «Pravda» recorda, a este propósito, a promessa de Felipe Gonzalez de que, se os socialistas conquistassem o poder, aprovariam uma resolução para a saída do país da NATO.

«Actualmente», prossegue o jornal, «a posição mantida pela actual direcção socialista, modificou-se visivelmente» em relação a este assunto. Hoje em dia, as manifestações que se realizam em Espanha contra a NATO, têm lugar numa altura em que é o PSOE que governa o

país, e quando o seu chefe declara que o gabinete governamental que dirige se assume pela permanência da Espanha como membro da NATO.

O jornal «Pravda» considera que o início do processo de alteração da posição do Governo espanhol remonta a Outubro de 1982, pois foi desde essa data que os dirigentes do PSOE começaram a falar com frequência cada vez maior acerca da «necessidade do contributo da Espanha para a defesa da NATO», em vez de falarem da saída da mesma organização.

Sendo assim, o jornal chama a atenção para o facto da proposta de Felipe Gonzalez para se efectuarem consultas com os dirigentes de todos os partidos que estão representados no Parlamento a respeito dessa questão, ser dirigida, em primeiro lugar, às forças da direita, que apoiam a tese da direcção do PSOE de que há a necessidade de a Espanha permanecer na Aliança Ocidental.

Por outro lado, o jornal realça

que, na actualidade, surgiu em Espanha uma situação muito complicada, que se caracteriza pelo facto de as posições anti-NATO serem muito fortes.

O jornal «Pravda» recorda uma mensagem recentemente enviada pela Comissão Coordenadora das Organizações Antimilitaristas ao chefe do Governo espanhol, na qual lhe é feito um apelo para que organize uma discussão pública sobre a participação do país na NATO, a existência de bases militares norte-americanas em território espanhol e o perigo de deflagração duma guerra.

O jornal sublinha ainda uma parte da mensagem, em que os autores lançam um aviso em relação à possibilidade de se gerar uma situação absolutamente «paradoxal» no país, no contexto da qual a maioria do Parlamento espanhol chegue a um acordo favorável, a uma coisa, contra a qual se manifesta a maioria da população de Espanha, como de facto acontece.

Argentina

Congresso peronista acaba dividido

O outrora poderoso Partido Peronista argentino, orfão desde 1974 do seu líder histórico, Juan Domingo Peron, dividiu-se em duas facções rivais, após conturbado Congresso realizado no passado fim-de-semana.

Um grupo de dirigentes conduzidos pelo controverso líder provincial de Buenos Aires, Herminio Iglesias, afastou pela força os seus opositores do congresso,

reunido para eleger uma nova direcção.

A facção de Iglesias reelegeu a antiga presidente argentina Isabel Peron para a chefia do partido, apesar de a viúva de Juan Peron, que vive em Madrid desde 1981, não ter manifestado grande interesse em dirigir o movimento populista fundado pelo seu marido, nos anos 40.

Um governador providencial

peronista, José Maria Vernet, foi eleito primeiro vice-presidente do partido, enquanto o influente líder sindical Lorenzo Miguel foi nomeado segundo vice-presidente.

Contudo, os governadores peronistas de onze províncias do interior abandonaram o congresso, «indignados», pelo que descreveram como as «tácticas brutais» de Iglesias.

Presiden

Konstantin Tchernenko recebeu ontem no Kremlin, Mengistou Haile Mariam, secretário-geral do CC do Partido dos Trabalhadores Etipios e presidente do Conselho Militar Administrativo Provisório da Etiópia.

Durante o encontro, foram analisados os problemas relativos à cooperação soviético-etíope, a situação em África e no Mundo.

Tchernenko transmitiu a Haile Mariam a decisão do seu país de conceder à Etiópia toda a assistência e apoio possíveis, tendo em vista aliviar as consequências da seca que afecta duramente este país, e salientou a grande importância das relações económico-comerciais entre os dois Estados, alicerçadas no programa a longo prazo de cooperação económica, assinado no passado mês de Setembro.

Sobre a situação internacional, Tchernenko e Mengistou Haile Mariam reiteraram a sua identidade de pontos de vista, nomeadamente no campo da luta pela paz e na análise das causas da tensão. Sobre este assunto, ambas as partes se manifestaram da opinião que a proclamação da África

Gorbachev
defende
em Londres
proibição
de armas
no Espaço

O considerado «número dois» da liderança soviética, Mikhail Gorbachev, ao comentar pela primeira vez as superpotências, afirmou que as mesmas deviam visar a proibição de armas no Espaço.

Em comunicado distribuído à imprensa em Londres pela agência oficial soviética TASS, Gorbachev afirmou que sublinhou durante conversações «francas de domingo com o primeiro-ministro britânico Margaret Thatcher, a sua preocupação face às armas espaciais.

Ambos os lados destacaram que as conversações, que ontem se prolongaram durante o encontro que Gorbachev manteve com o ministro britânico dos Negócios Estrangeiros, «sir» Geoffrey Howe, tinham coincidido na necessidade de se chegar a um acordo para limitar a corrida às armas e impedir que estas chegassem ao Espaço.

«Gostaria de sublinhar que, durante o encontro, sublinhámos a posição da União Soviética sobre tais questões, tal como o evitar da ameaça de uma guerra nuclear restringindo a corrida às armas» — disse Gorbachev.

A menção repetida que Gorbachev fez sobre as armas espaciais poderá indicar que esta é a principal preocupação do Kremlin em relação às conversações a realizar, em Genebra, em Janeiro, entre o ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Andrei Gromyko, e o secretário de Estado norte-americano, George Shultz.

A primeiro-ministro Margaret Thatcher, que no domingo conferenciou durante mais de cinco horas com o homem considerado o «herdeiro aparente» da liderança soviética, disse em entrevista à Rádio: «Gosto do sr. Gorbachev; podemos entender-nos».

Margaret Thatcher avistar-se-á no próximo fim-de-semana com o presidente norte-americano, em Washington. Contrariamente ao que fora inicialmente indicado pelas agências noticiosas, a «dama de ferro» resolveu dar a volta ao mundo em seis dias, começando por Pequim, aonde assinará o tratado que vai devolver a colónia britânica de Hong-Kong à soberania chinesa. Depois sim, será o encontro com Reagan.

ente da Etiópia em Moscovo

como zona desnuclearizada se revestiria de maior importância para conjurar a guerra nuclear e consolidar a paz universal. O dirigente etíope manifestou igualmente o total apoio do seu país às iniciativas de paz avançadas pela URSS.

Analisando a situação no continente africano, os dois interlocutores declararam-se convictos de que a consolidação da unidade dos Estados africanos independentes é capaz de fazer fracassar os projectos de longo alcance do imperialismo para África. Nesta perspectiva, foram considerados como um acontecimento muito importante os resultados da 20.ª sessão da Assembleia da Organização da Unidade Africana em Addis-Abeba.

Honecker na Argélia

O presidente da República Democrática Alemã realçou ontem a necessidade de «realismo, bom senso e boa vontade» para a normalização das relações Leste-Oeste, no início de uma visita de três dias à Argélia.

«O diálogo e a cooperação são actualmente a palavra de ordem para a paz, o desarmamento e o desanuviamiento», disse Honecker à sua chegada a Argel.

O líder da RDA, que visita pela primeira vez este país do Norte de África, é acompanhado, entre outros, pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Oskar Fischer, pelo director do departamento de Relações Internacionais do Partido Socialista Unificado da RDA, Guenter Sieber, e pelo vice-ministro do Comércio Externo, Gerhard Beil.

A visita, que se realiza a convite do chefe de Estado argelino, Chadli Benjedid, destina-se a reforçar as relações diplomáticas e económicas entre os dois países.

Os dois estadistas debaterão a situação política internacional, em particular no continente africano.

Genscher na Checoslováquia

O ministro alemão-federal dos Negócios Estrangeiros, Hans-Dietrich Genscher, está em

Praga para uma visita oficial de três dias à Checoslováquia.

Genscher tenciona intensificar contactos regulares bilaterais Leste-Oeste, para o que manterá conversações com o seu homólogo, Bohuslav Chnoupek, o presidente checo, Gustav Husak, e o primeiro-ministro, Lubomir Strogan.

O ministro alemão-federal visitará o monumento de Lidice, uma aldeia arrasada pelos nazis durante a Segunda Guerra Mundial.

No último dia da visita, Genscher conversará com os refugiados da República Democrática Alemã que se encontram na Embaixada da Alemanha Federal em Praga, procurando aparentemente a sua saída para o Ocidente.

As autoridades da RDA anunciaram que «não tolerariam» autorizações de emigração sem que os refugiados regressassem primeiro ao seu país.

Mintoff em Moscovo

Dominic Mintoff, primeiro-

-ministro da República de Malta, chegou ontem a Moscovo para uma visita oficial, a convite do governo soviético.

As autoridades soviéticas atribuem a este acontecimento uma grande importância, tendo em vista o desenvolvimento das relações entre os dois países.

Uma convergência ou proximidade de pontos de vista dos dois países sobre os principais problemas internacionais concorreram para a aproximação entre a União Soviética e Malta.

Ambos os Estados se pronunciaram pela observância rigorosa da Carta da ONU, pela política activa de coexistência pacífica, pelo respeito, de facto, dos princípios da independência, soberania, integridade territorial, igualdade, respeito e não-ingrência mútua nos assuntos internos. A URSS, em particular, declarou que reconhece, respeita e apoia o estatuto de Estado neutro, proclamado por Malta, que aplica uma política de Não-Alinhamento.

Grécia: ameaça é a Turquia

O governo socialista grego tenciona recolocar as suas Forças Armadas de modo a reflectir a sua convicção de que a ameaça externa reside na Turquia, membro da NATO e não nos países do Pacto de Varsóvia.

O porta-voz governamental, Sotiris Kostopoulos, confirmou hoje uma notícia do jornal «Eleftherotypia», próximo do poder, segundo a qual «está em prepara-

ção uma recolocação das Forças Armadas pela convicção de que o perigo não vem do Norte, mas do Leste — da Turquia».

Kostopoulos não deu mais detalhes sobre a recolocação, limitando-se a anunciar que o primeiro-ministro, Andreas Papan-dreu, também ministro da Defesa, apresentará propostas nesse sentido ao governo, depois do Natal.

O governo socialista grego, aparentemente disposto a sair da NATO, tem repetido não sentir qualquer ameaça proveniente dos seus vizinhos comunistas, a Norte.

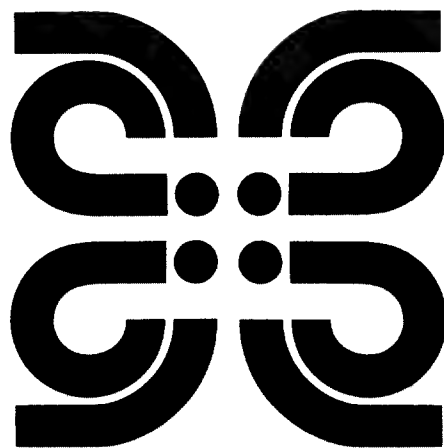
O «Eleftherotypia» disse que Papandreu anunciou a sua intenção de alterar o dispositivo de defesa do país numa reunião mantida com funcionários do Par-

tido Socialista Pana-Helénico (PASOK).

Segundo o jornal, o primeiro-ministro disse que, se o problema de Chipre for resolvido no encontro do próximo mês entre o presidente cipriota, Spiros Kyprianou, e o chefe da comunidade turca, Rauf Denktash, a Grécia centrará a sua atenção sobre as disputas com a Turquia relativas aos seus direitos no mar Egeu.

**mais informação, maior apoio
melhor comércio**

**NOVO "CERTIFICADO
DO COMERCIANTE"**

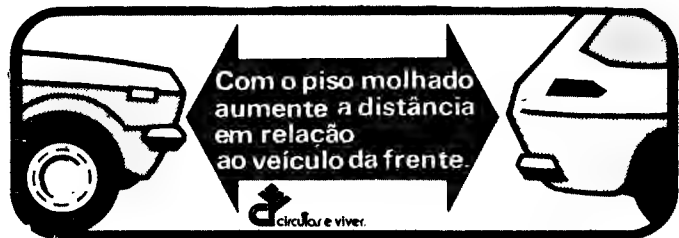


substituição obrigatória

DISTRITO DE BEJA

ATÉ 12/2/85

dirija-se à sua Associação de Comerciantes
ou à Direcção-Geral do Comércio Interno



NOTARIADO PORTUGUÊS
Primeiro Cartório Notarial de Lisboa
Rua dos Douradores, 135, 2.º
A cargo da Notária, Lic. Zulmira da Natavidade
Martins Neto Lino da Silva

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de vinte e três do corrente mês, lavrada de folha quarenta e seis a folha quarenta e oito, do livro numero doze-H, de escrituras diversas deste cartório, foi constituída uma sociedade comercial por quotas, de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

Lisboa, vinte e seis de Novembro de mil novecentos e oitenta e quatro.

O Ajudante
Maria Fernanda Igrejas Simões

ART.º 1.º — «MULTIQUIPA, ENGENHEIROS, LIMITADA», e tem a sua sede e domicílio em Lisboa, na Rua Professor Reinaldo dos Santos, número cinquenta, terceiro andar, direito, freguesia de S. Domingos de Benfica.

ART.º 2.º — A duração da sociedade é por tempo indeterminado, contando-se o seu início a partir de hoje.

ART.º 3.º — A sociedade tem por objecto específico a prestação de serviços de assistência e consultoria tecnológica.

ART.º 4.º — O capital social é de cinquenta mil escudos, esta integralmente realizado em dinheiro e corresponde à soma de duas quotas: uma, de trinta mil escudos, pertencente ao sócio José Manuel Gonçalves de Melo de Lucena, e outra, de vinte mil escudos, pertencente ao sócio José Afonso Nogueira e Silva.

ART.º 5.º — A sociedade poderá exigir dos sócios prestações suplementares de capital, mediante deliberação tomada em assembleia geral, por unanimidade.

ART.º 6.º — A cessão, total ou parcial, de quotas entre os sócios e livremente permitida, para o que ficam desde já autorizadas as necessárias divisões; na cessão de quotas a favor de estranhos, têm, a sociedade, em primeiro lugar, e os sócios, em segundo, direito de preferência na aquisição.

§ 1.º — O sócio que pretender ceder a sua quota, deve comunicar aos restantes sócios e à gerência, através de carta registada, com aviso de recepção, o nome do pretendo adquirente, o respectivo preço e as demais condições da cessão.

§ 2.º — A sociedade, no prazo de quinze dias, e os sócios, outros quinze dias, findos aqueles, deverão comunicar, também por carta registada, com aviso de recepção, pela ordem constante do corpo deste artigo, se pretendem preferir.

§ 3.º — O consentimento da sociedade e a renúncia ao direito de preferência, quer por parte da sociedade, quer por parte dos sócios, constará da deliberação tomada em assembleia geral.

ART.º 7.º — A administração da sociedade e a sua representação, em juízo e fora dele, activa e passivamente, serão exercidas por todos os sócios, que ficam nomeados gerentes, com dispensa de caução, e remunerados ou não, conforme for deliberado em assembleia geral.

§ 1.º — A sociedade considera-se representada e obrigada, em todos os seus actos, contratos e documentos, com a intervenção de qualquer dos seus sócios gerentes.

§ 2.º — A sociedade poderá constituir quaisquer mandatários, para determinados fins, designadamente nos termos e para os efeitos do disposto no artigo duzentos e cinquenta e seis do Código Comercial.

§ 3.º — Fica expressamente vedado aos gerentes e mandatários obrigar a sociedade em fianças, abonações, letras de favor e outros actos e documentos alheios aos negócios sociais, ficando pessoalmente responsáveis, perante a sociedade, quem assinar qualquer documento, ou praticar qualquer acto de administração com infracção ao preceituado neste parágrafo, ou às deliberações da assembleia geral.

ART.º 8.º — A amortização de quotas é permitida nos seguintes casos:

a) se o sócio exercer os seus direitos sociais de forma a exceder manifestamente os limites impostos pela boa-fé, pelos bons costumes ou pelo fim social ou económico desses direitos;

b) se qualquer quota for penhorada, arrestada ou objecto de diligência judicial que possa determinar o risco de a mesma ficar pertencendo a terceiros;

c) no caso de, por direito a partilha, em vida do sócio, seja por motivo de divórcio, separação judicial ou qualquer outro, a quota possa ser adjudicada a pessoa que não seja sócia.

§ único — A verificarem-se as condições referidas nas precedentes alíneas b) e c), o titular da quota amortizanda será ressarcido do valor nominal da quota, acrescido da parte que lhe corresponder nas reservas livres constituídas.

ART.º 9.º — Exceptuados os casos para que a lei exija formalidades especiais, as assembleias gerais serão convocadas por meio de cartas registadas, dirigidas aos sócios com a antecedência mínima de dez dias, nelas se indicando os assuntos a tratar, o local e a hora da reunião.

D.L. 18/12/1984

Faça também magia com os cartões Unicef

Peter Ustinov, que já criou centenas de personagens, aparece agora nos televisores de diversos países, no papel de mágico da UNICEF.

Ele, que conhece o drama de milhões de crianças carenciadas em mais de cem países, tem artes de transformar os cartões de Boas Festas Unicef em proteínas, vitaminas, vacinas, água, livros. Você também pode fazer o truque. É simples: basta comprar os cartões. Milhões de crianças vão aplaudir. A venda nos seguintes locais:

- Todos os balcões na Caixa Geral de Depósitos e do Banco Nacional Ultramarino.
- Supermercados Pão de Açúcar de Alcântara e Cascais.
- Boutique "A Gaiola".
- Papelerias Progresso, da Moda e Erasmo.
- Edições Europa-América (Estoril, Queluz e Av. Marquês de Tomar).

Para informações contacte
COMITÉ PORTUGUÊS PARA A UNICEF
Praça Dr. Fernando Amado Lote 568 - A
(Zona J de Chelas) 1900 LISBOA
Telefones 852478 • 852354

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA

É DITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/2934, arquivo 95, para o estabelecimento na freguesia de S. João Baptista, concelho de Castelo Branco, uma linha subterrânea a 6 KV com 323 metros, do ponto n.º 2-A, da linha para o PT da Empresa de Águas Alcaniniais de Castelo de Vide, ao PT do hotel Sol e Serra, sito em Castelo de Vide.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 6 de Dezembro de 1984

O ENGENHEIRO DIRECTOR,
João Carlos Quidinot Larcher Nunes

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA

É DITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Departamento Periférico Vale do Tejo, a que se refere o processo n.º PT/6238-1/1, arquivo 9, para o estabelecimento no concelho de Torres Vedras, de um novo troço da linha a 10KV n.º 1149/R-4, com 314 metros, entre os postes n.º 2 e n.º 4, e passando pelo PS n.º 6238, anexo ao PT n.º 3100-C, da Cooperativa Agrícola de Torres Vedras, sito em Vale de Rosas.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 6 de Dezembro de 1984

O ENGENHEIRO DIRECTOR,
João Carlos Quidinot Larcher Nunes

"Jornal do Comércio"

Trabalhadores impedem Tomás Rosa de entrar nas instalações

Os trabalhadores do «Jornal do Comércio» impediram ontem a entrada nas instalações de dois advogados da empresa e da secretária do administrador Tomás Rosa — afirmou um porta-voz da comissão de trabalhadores (CT).

A acrescentou que os trabalhadores apenas deixariam entrar os advogados se estes possuísem uma procuração da empresa.

Os trabalhadores afirmam ainda que não permitirão a entrada de Tomás Rosa nas instalações, aguardando que este «tente forçar a entrada com a ajuda das forças policiais» — referiu a mesma fonte.

Pelo contrato, o outro administrador, Álvaro Jordão Marques, esteve ontem no interior da empresa no «Jornal do Comércio».

Os trabalhadores acusam Tomás Rosa de pretender encerrar a empresa e exigem a anulação da resolução do Conselho de de Ministros de 22 de Agosto, que «permite levar a empresa a tribunal e o seu encerramento» — dis-

se o porta-voz da C.T.

Os trabalhadores — adiantou — consideram possível uma solução extra-judicial, com um acordo entre os accionistas e os credores.

Tomás Rosa, segundo informador sindical, «prometeu no dia 30 de Novembro aos trabalhadores que estes teriam garantido o Fundo de Desemprego se aceitassem suspender o trabalho».

Os trabalhadores referem ainda que se questão fosse decidida em tribunal, com a empresa fechada, «as máquinas e o material iriam degradar-se irremediavelmente».

A empresa do «Jornal do Comércio» conta actualmente com 142 trabalhadores, encontrando-se 25 de baixa e alguns a aguardar o processo de reforma» — disse o porta-voz da comissão de trabalhadores.

Os trabalhadores estão actualmente com seis meses de salários em atraso — concluiu.

Poder de compra desceu em mais de 50 por cento

— concluiu o Congresso da Gráfica e Imprensa

O poder de compra dos salários na celulose, papel, gráfica e Imprensa desceu entre 35 a 56 por cento de 1976 a 1983 — concluiu a Federação sindical do sector, que no último fim-de-semana se reuniu em congresso.

O programa de acção aprovado no primeiro Congresso da Federação dos Sindicatos da Celulose, Papel, Gráfica e Imprensa, afirma que a descida do poder de compra foi de 56 por cento para os trabalhadores da Imprensa, 50 por cento na Portu- cel, 46 por cento na indústria fotográfica e 44 por cento na Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Assinala que estes valores devem-se a aumentos salariais inferiores à inflação e ao aumento de impostos, atribuindo a situação a uma política governamental de rendimentos e preços «altamente lesiva dos interesses dos trabalhadores».

O programa reivindica a florestação de áreas apropriadas, para ultrapassar a situação de-

gradada do Parque Florestal Nacional, o fabrico interno dos produtos adequados às necessidades das indústrias portuguesas de papel e gráficas, para eliminar importações e a reestruturação e redimensionamento das indústrias de papel e cartão.

Reclama a produção de novos tipos de papel, para abastecimento do mercado interno e exportação, em unidades de dimensão competitiva e tecnologia apurada e a consolidação e alargamento dos mercados externos do sector.

Defende o aumento do mercado interno através da recuperação do salário real, da criação do salário real, da criação de empregos e do combate à economia paralela e à exportação de produtos acabados, pondo termo ao «rápido escoamento para o exterior das riquezas florestais portuguesas».

O programa de acção salienta que de 1975 a 1981 o emprego aumentou significativamente nas indústrias de celulose e transformação de papel,

mantendo-se na fabricação de papel e artes gráficas e diminuiu na Imprensa, assinalando que depois de 1981 o emprego diminuiu naqueles sectores.

O documento define como objectivo sindical no sector a **redução progressiva do horário de trabalho para 40 horas semanais**, sem diminuição salarial nem sobrecarga de trabalho, a progressiva redução da idade de reforma e a limitação do trabalho extraordinário.

No campo da organização sindical, defende a melhoria da organização das empresas e da estruturação das organizações sindicais, o «combate ao divisionismo», o aumento da sindicalização, a dinamização das estruturas de empresa e a garantia do exercício de direitos sindicais nas empresas.

Os novos estatutos também aprovados no Congresso contemplam o «direito de tendência», previsto na Constituição, remetendo para o plenário de sindicatos do sector a sua regulamentação.

Central Pasteurizadora de Leite de Lisboa "é viável" — garantem

os sindicatos

A Central Pasteurizadora de Leite (CPL) de Lisboa, localizada no Campo Grande, é viável e rentável — anunciou o Sindicato dos Trabalhadores da Câmara Municipal de Lisboa.

O anúncio foi ontem feito durante uma conferência de Imprensa realizada nas instalações de central, convocada pelos Sindicatos dos Trabalhadores da Câmara e das Indústrias Químicas do Centro e Ilhas.

Segundo os sindicatos, a Câmara de Lisboa decidiu encerrar a Central Pasteurizadora de Leite por não ser rentável, estando a trabalhar actualmente a 20 por cento da sua capacidade, ou seja, cerca de 30 mil litros de leite consumido em Lisboa.

Durante a conferência, os trabalhadores sublinharam que trabalham na empresa 150 pessoas ligadas à Câmara e 180 da UCAL, empresa que tinha contrato de exploração com a CPL.

Para o sindicato, a CPL poderia ser rentável se produzisse cerca de 80 mil litros de leite.

em duas palavras

● Um plenário de sindicatos do distrito de Braga decidiu marcar para o próximo dia 20 uma greve nos sectores em que se verificam salários em atraso. O plenário reafirmou a exigência da entrega do «dia de salário para a Nação», feito em 1975, a convite de Vasco Gonçalves, aos trabalhadores com salários em atraso.

● A Comissão Parlamentar de Trabalho elaborou um relatório de 31 páginas sobre a Metalurgia Duarte Ferreira (MDF), defendendo a aceleração dos processos relativos à empresa, de modo a que «o complexo industrial da MDF encete um novo rumo a partir do próximo ano. A comissão manifesta o seu apoio a qualquer solução de reestruturação da MDF que, «salvando a importante capacidade produtiva do seu património, salvaguarde o maior número possível de postos de trabalho».

● A possibilidade de viabilização de parte da indústria naval portuguesa, através de investimentos do Estado na renovação das frotas mercante e pesqueira foi defendida durante um seminário promovido pela UGT. O seminário, subordinado ao tema «Portugal: a reconversão industrial» contou com uma intervenção de Agostinho Roseta, que analisou o caso específico da indústria naval.

● A propósito da proposta governamental de 17 por cento de aumentos salariais para a Função Pública, o presidente do Sindicato dos Quadros Técnicos do Estado (STE) declarou que os quadros da administração pública perderam mais de metade do seu poder de compra entre 1973 e 1984. Acrescentou que, atendendo à evolução da inflação, um director de serviços auferia, actualmente, apenas 43,3 por cento do vencimento que tinha em 1973.

● A CGTP está a preparar um «livro-dossier» sobre «Miséria e fome em Portugal». Tem como base dezenas de respostas escritas e fotográficas, depoimentos e entrevistas colhidas em várias localidades do País. O livro finaliza com um texto sobre a «Política de empobrecimento» do Governo e um resumo de várias posições da Igreja assumidas ao longo do ano.

Congresso de Hotelaria condena política do Governo PS/PSD

O III Congresso da Federação dos Sindicatos de Hotelaria, que decorreu no último fim-de-semana em Lisboa, condenou unanimemente o Governo Soares/Mota Pinto, «em especial o conteúdo e objectivos do pacote laboral e da Lei da Segurança Interna», expressando essa condenação tanto nas intervenções dos delegados ao Congresso como através da realização da sua segunda sessão em manifestação entre o Marquês de Pombal e o Rossio, na jornada de luta organizada pela CGTP-IN.

O Congresso, que reuniu 220

delegados dos Sindicatos do Norte, Centro, Sul, Algarve e Madeira, aprovou, também por unanimidade, o relatório apresentado pelo Secretariado cessante, o programa de acção (com uma abstenção), o caderno reivindicativo e os estatutos.

Segundo a Federação, chegou ao conhecimento do Congresso a situação de trabalhadores de 33 empresas a quem são devidos 98 mil trezentos e cinquenta contos de salários em atraso e vieram ao de cima algumas contradições curiosas e significativas: na parte do sector ligado ao turismo, o ano de 1984

foi o melhor; dizêmo-lo nós, o patronato, o Governo e as estatísticas oficiais, as perspectivas para 1985 são as melhores de sempre, estamos todos de acordo quanto a esta questão.

Em face deste panorama, o Congresso concluiu que «grande parte da riqueza produzida pelos trabalhadores da hotelaria não os beneficia, pois os seus salários são baixíssimos, há salários em atraso, ameaça de encerramento de empresas, nem sequer beneficia a economia nacional».

«Contra estes males» o Congresso concluiu que «é preciso que seja estabelecida nova-

mente uma política de preços, mecanismos que garantam a entrada no País das divisas produzidas pelos trabalhadores da hotelaria, e seja dada segurança no emprego, um salário digno e que o patronato e Governo invistam mais e melhor em formação profissional».

Foram ainda aprovadas resoluções sobre a situação político-sindical, política internacional, «unidade e combate ao divisionismo», apresentada pelos delegados do Norte e uma moção de apoio e solidariedade nas lutas em curso no sector.

Seguros iniciam amanhã três dias de greve

Embora considerando que o processo tem sido conduzido «de forma incorrecta e oportunista» pelo Secretariado do Sindicato, o Movimento Alternativa anunciou que participará na greve do sector dos seguros

prevista para amanhã e para os dias 20 e 21.

O Movimento Alternativa afirma em comunicado, que «mercê de uns estatutos claramente antidemocráticos, a decisão da greve foi tomada por pouco mais de duas dezenas de membros do Sindicato e a classe foi marginalizada e colocada praticamente perante um facto consumado».

O documento salienta que

será inaceitável que a greve «sirva apenas para o Secretariado do Sindicato fugir ao isolamento em que se encontra e, uma vez mais, embora de forma mais sofisticada, através dos bastidores, negociar de forma desfavorável as nossas condições de trabalho».

O Movimento Alternativa considera ainda que o Sindicato «não pode abandonar a proposta inicial que apresentou aos trabalhadores de seguros — afinal a

mera reposição do poder de compra perdido — nem será legítimo o recurso a qualquer referendo que sirva para fugir às responsabilidades que lhe cabem».

Também os trabalhadores dos Seguros dos Açores anunciaram a sua adesão à greve nacional de duas horas do sector, a cumprir amanhã, quinta e sexta-feira e que naquela região autónoma decorrerá entre as 8 e 30 e as 10 e 30.

Casinos de Alvor e Montegordo não encerram

— informa um dirigente sindical

Um representante do Sindicato da Hotelaria do distrito de Faro disse que a administração dos casinos do Algarve não encerrou os casinos de Alvor e de Monte Gordo.

O encerramento daqueles dois estabelecimentos estava previsto para ontem, devido a uma alegada situação económica difícil da empresa exploradora — a Sointal.

Fernando Miguel, trabalhador de um daqueles casinos e membro da direcção do Sindicato da Hotelaria de Faro, disse

desconhecer a razão que levou a administração da Sointal a não encerrar os dois casinos tal como tinha anunciado.

O sindicalista reiterou a posição dos trabalhadores da hotelaria em não aceitarem o congelamento dos aumentos dos vencimentos como forma de viabilizar a gestão dos casinos.

«Não abdicamos das nossas regalias e direitos» disse Fernando Miguel, observando a propósito não saberem ainda os trabalhadores quando irão receber os ordenados de Novembro e

o subsídio de Natal.

Para aquele responsável do sindicato, o elevado défice da Sointal (cerca de dois milhões de contos) deve-se «a uma má gestão da empresa durante os últimos anos».

Nos casinos de Alvor e Monte Gordo trabalham cerca de 400 trabalhadores entre o sector da hotelaria e do jogo tendo já estes últimos efectuado uma proposta à administração no sentido de serem assegurados os seus postos de trabalho.



concurso

NOME
 Idade Profissão
 Morada
 Localidade Cod. Postal
 Telefone
 Freguesia Concelho
 Tem televisor? N.º Licença
 ACOMPANHANTE
 Idade Profissão

IMPORTANTE: Preencher em letras maiúsculas, recortar pelo tracejado, colar em postais dos Correios e enviar para Concurso Um, Dois, Três, Apartado 4315 - 1508 Lisboa Codex



Finalmente pescas e agricultura na mesa das negociações

Ernâni Lopes deve reunir esta tarde com o Conselho Ministerial da CEE

É bem possível que o Governo português, representado por Ernâni Lopes, consiga, finalmente, reunir-se esta tarde com os ministros dos Negócios Estrangeiros da Comunidade, depois de os negociadores espanhóis terem concluído a sua sessão de conversações com a Comissão Ministerial da CEE iniciada esta manhã.

Ernâni Lopes está, desde domingo passado, em Bruxelas, mas as expectativas de avanço nas negociações eram muito reduzidas. Na sessão anterior o ministro português não conseguiu ser recebido pelo Conselho, não se desenvolvendo qualquer negociação. Ontem mesmo, Lorenzo Manati, vice-presidente da

Comissão Europeia, encarregado das questões do alargamento, disse partir ao encontro de Ernâni Lopes de «mãos vazias». Natali foi mandado pelos ministros dos Estrangeiros para desenvolver contactos exploratórios com a delegação portuguesa acerca dos «dossiers» pescas e agricultura.

A situação desanuviou-se um tanto esta manhã ao saber-se que a Grécia levantara a sua reserva geral em relação às posições comunitárias sobre pescas e vinho, reserva essa que impediria o alargamento enquanto não fossem desbloqueadas as verbas para os PIM (Programas Integrados Mediterrânicos).

O levantamento das reservas gregas permite à Comunidade apresentar posições de negociação sobre aqueles domínios aos países candidatos, Espanha e Portugal.

A atitude grega confirma anteriores tomadas de posição de responsáveis segundo as quais a reserva geral da Grécia em relação ao alargamento, ligada à execução dos Programas Integrados Mediterrânicos, não impede a continuação das negociações.

As posições da Comunidade, agora formalmente adoptadas sobre vinho e pesca, deverão ser hoje apresentadas às delegações portuguesa e espanhola. Uma reunião a nível ministerial

pricipiou a meio da manhã com a Espanha.

Ernâni Lopes, responsável pela delegação portuguesa, deverá ainda hoje voltar a encontrar-se com o vice-presidente da Comissão Europeia, Lorenzo Natali, no prosseguimento dos contactos exploratórios no domínio da agricultura, e antes da sessão com os ministros que é, agora tida como provável.

Fontes da Comunidade disseram que, ao contrário do que sucedera com a Espanha, os contactos mantidos ontem entre Natali e Ernâni Lopes se tinham revelado «construtivos».

Buracos das empresas públicas devem-se à gestão partidarizada

O deputado socialista António Guterres afirmou ontem que é preciso ter coragem de fechar as empresas públicas inviáveis mas também a de fazer novos projectos que exigem empresas públicas.

«As empresas públicas não têm sido instrumento de políticas económicas definidas mas instrumentos de acções arbitrárias e atribuladas dos sucessivos governos», declarou aquele dirigente do PS num programa da Rádio Comercial.

Para António Guterres, não é a má gestão das empresas públicas que provoca o buraco no Orçamento do Estado mas a má política em relação às empresas públicas que cria um buraco financeiro dentro das próprias empresas.

A deficiência da gestão verificada em algumas empresas públicas deve-se ao entender deste dirigente socialista, à partidarização dos seus responsáveis e à excessiva burocratização da gestão praticada.

Preços subiram mais este ano no Porto do que em Lisboa

Os preços de produtos de consumo corrente subiram mais no último ano nos supermercados do Porto do que nos estabelecimentos concorrentes de Lisboa — segundo estudo da Direcção-Geral da Concorrência e Preços ontem divulgado.

O levantamento do preço dos bens de consumo corrente em supermercados de Lisboa e Porto revela que, no Porto, os preços subiram em 6,6 por cento de Julho a Outubro de 1984 e em 28,9 por cento do ano, considerando Outubro de 1983 até Outubro deste ano.

Relativamente a Lisboa, os preços subiram em 5,8 por cento de Julho a Outubro e em 27,9 por cento nos 12 meses terminados em Outubro.

Ano turístico foi dos melhores nos hotéis mais luxuosos

As receitas turísticas portuguesas até Novembro de 1984 subiram 63 por cento em escudos e 20 por cento em dólares, em relação a 1983 — disse o chefe do Gabinete de Estatística da Direcção-Geral de Turismo.

Sancho Silva referiu que as receitas em dólares tinham diminuído em 1983, cerca de 5,5 por cento, apesar de se ter registado um aumento das receitas em escudos, na ordem dos 32 por cento.

A taxa de ocupação de hotéis e unidades similares, disse Sacho Silva, aumentou generalizadamente em todo o País e sobretudo na Madeira, onde subiu 33,7 por cento.

O aumento da taxa de ocupação situa-se, sobretudo em hotéis de cinco estrelas e unidades hoteleiras de luxo — acrescentou.

Dirigentes sindicais da Federação dos Sindicatos da Hotelaria e Turismo disseram à ANOP que 1984 foi dos melhores anos turísticos dos últimos tempos, tudo indicando que em 1985 esta tendência de crescimento se manterá.

Um porta-voz da Federação afirmou que o aumento de receitas não se reflecte na balança turística, pois a maioria dos lucros é levada para fora do país por hoteleiros estrangeiros que investem em Portugal.

Contrato com a Texas Instruments é amanhã assinado em Lisboa

Três importantes responsáveis da Texas Instruments International estarão presentes na assinatura do contrato de investimento entre a empresa e o Governo português, representado pelo Instituto de Investimento Estrangeiro, informou ontem o IIE.

Bil George, vice-presidente da Texas em Dallas (Estados Unidos), Jacques Marconly, responsável pela filial francesa, e Bietmar Wolff, que dirige o ramo instalado na República Federal da Alemanha, participarão na cerimónia, no dia 19, em que será igualmente assinado um protocolo de colaboração entre a Texas Instruments e a Universidade do Porto.

Fontes empresariais disseram à ANOP que o projecto, que aponta para o aumento significativo da produção da empresa em Portugal, contempla um investimento em capital fixo corpóreo mínimo de 43 milhões de dólares, integralmente autofinanciado pela empresa e seus sócios, um acréscimo de 100 por cento no valor da produção anual de semicondutores, totalmente destinado ao mercado externo, e um saldo cambial de exploração acumulado de pelo menos 100 milhões de dólares, com um valor anual mínimo de 5 milhões de dólares.

O capital social da Texas Instruments será elevado nesta operação de 30 mil para 320 mil contos.

Em dez meses de 84

Importações: taxa de cobertura subiu para 66,5 por cento

De Janeiro a Outubro deste ano, Portugal poupou nas trocas comerciais, um terço das divisas (dólares) gastas em igual período de 1983 — revelam as estatísticas oficiais ontem divulgadas.

Os dados provisórios sobre o comércio externo divulgados pelo INE indicam que, em dólares, o défice da balança comercial portuguesa baixou nos primeiros 10 meses deste ano 32,3 por cento em dólares, relativamente ao mesmo período de 1983.

Em escudos, o défice comercial foi de 309,3 milhões de contos inferior em 9,36 por cento ao calculado para o período homó-

logo de 1983 (341,3 milhões de contos) e em 15,52 por cento se comparado com o de 1982 (266,1 milhões de contos).

O Instituto Nacional de Estatística revela ainda que, de Janeiro a Outubro deste ano, a taxa de cobertura das importações pelas exportações se situou em 66,52 por cento, superior às de idênticos períodos de 1983 e 1982, que se cifraram, respectivamente, em 54,27 e 41,68 por cento.

As exportações cresceram 51,7 por cento relativamente a igual período de 1983 (614,5 milhões de contos) e as importações registaram um aumento menos acentuado — 23,78 por

cento — que o do ano anterior (923,8 contra 746,3 milhões de contos).

Segundo o INE em dólares, as exportações aumentaram cerca de 13,1 por cento e as importações baixaram 7,8 por cento.

No período em análise verificou-se uma inversão do saldo das trocas comerciais entre Portugal e a Comunidade Económica Europeia (CEE) — simultaneamente o principal cliente e fonecedor de Portugal.

Assim, de um défice de 59 milhões de contos em 1983 passou-se para um saldo favorável a Portugal de cerca de 16,1 milhões de contos em 1984.

Cerca de 36 por cento das

compras de Portugal ao estrangeiro foram provenientes da CEE (334,9 milhões de contos) e 57,1 por cento das vendas ao exterior destinaram-se aos países da Comunidade.

Relativamente aos países da antiga zona do escudo, o saldo favorável a Portugal passou de 14,5 milhões de contos para 23,4 milhões este ano, o que representa um aumento de 61,8 por cento.

Este resultado deveu-se, principalmente, às exportações para Angola que, no período em análise de 1984, representam, cerca de 66,2 por cento do total das vendas portuguesas nas antigas colónias portuguesas de África.

4,5 milhões de contos pagos ao FMI

Uma promissória de mais de 4,5 milhões de contos, em substituição do pagamento daquela verba em escudos devido por Portugal ao FMI foi autorizada por um decreto-lei publicado hoje no «Diário da República».

No preâmbulo do diploma afirma-se que a adesão ao acordo com o Fundo Monetário Internacional foi assinada em 1960, tendo então o Governo sido autorizado a participar no Fundo com uma quota de 60 milhões de escudos.

Posteriormente, por decretos-leis de 1965, de 1978, de 1981, de Maio de 1984, o Governo foi autorizado a subir a quota de participação no Fundo Monetário Internacional para 276,6 milhões de Direitos de Saque Especiais — acrescenta.

Nos termos do acordo, Portugal pagou 25 por cento da quota em ouro, moeda estrangeira e Direitos de Saque Especiais e 75 por cento em moeda nacional.

Como o escudo se tem desvalorizado acentuadamente, desde o último ajustamento, em 29 de Julho de 1983, o Governo tem de proceder a uma nova actualização das dívidas ao FMI em escudos no montante de mais de 4,5 milhões de contos.

O Governo decreta, assim, que o pagamento daquela quantia seja feito total ou parcialmente em promissória no valor do que falta, se o pagamento não for logo feito integralmente.

82 milhões para as obras públicas

— defende a AECOPS

A Associação de Empresas de Construção e Obras Públicas (AECOPS) defendeu ontem «uma inversão clara» da política do sector seguida pelo Governo sem a qual Portugal não recuperará o atraso relativamente ao resto da Europa.

Em comunicado, a AECOPS considera fundamental que o Programa de Investimentos da Administração Pública-PIDDAC, do Ministério do Equipamento Social, atinja a verba de 82 milhões de contos em 1985.

«Este montante representa, apenas, um acréscimo de 7 por cento relativamente ao investimento realizado em 1980, o que equivaleria a um acréscimo anual médio de somente 1,4 por cento nos últimos 5 anos» — salienta a AECOPS.

«Seria um primeiro passo no sentido do desenvolvimento efectivo de Portugal e da satisfação de carências graves, que mais tarde ou mais cedo terão de suportar».

O documento assinala que Por-

tugal se encontra na cauda da Europa em termos de dotação de infra-estruturas, principalmente no que se refere a estradas, caminhos-de-ferro, camas de hospital ou produção de energia.

Os empresários de construção e Obras Públicas sublinham as dificuldades de ligações entre o litoral e o interior «inimagináveis num país tão pequeno», e afirmam que o «desenvolvimento económico do país depende da criação de infra-estruturas.

Escadinávia ligada ao Mediterrâneo por autoestrada

No final do século, as estações turísticas do Adriático e do Mediterrâneo irão ter ligações rodoviárias directas com a Europa do Norte, através de um vasto sistema de auto-estradas com portagem.

Pelo menos é este o objectivo de um projecto multinacional sob a supervisão da Comissão Económica das Nações Unidas para a Europa. O director da Divisão de Transportes da Comissão, Jean Duquesne, disse numa entrevista que as principais secções de uma gigantesca auto-estrada deveriam estar operacionais por volta de 1990.

Partindo da Escandinávia, os condutores atravessam o Báltico com as suas viaturas num «ferry-boat» para o porto polaco de Gdansk e podem então dirigir-se para Sul por um auto-estrada, para algumas horas

depois estarem nas praias do Adriático, do Egeu ou do Mar Negro.

A auto-estrada, que custará vários milhares de milhões de dólares, ficará completamente operacional por volta do ano 2.000, e atravessará a Áustria, Bulgária, Itália, Polónia, Roménia, Hungria e Jugoslávia, com uma extensão de 10400 quilómetros.

Duquesne disse que os parques nacionais e lagos da Polónia, a Costa do Báltico, os Cárpatos, as Montanhas Tatra, os Balcãs e os Alpes Dináricos ficarão mais acessíveis aos turistas.

Os camiões que transportam alimentos ou outros bens perecíveis estarão aptos a deixar as suas cargas ainda frescas nos mercados de toda a Europa.

Com início em Gdansk, a auto-estrada, disporá de quatro

faixas de rodagem, atravessará o Sul até à Grécia e para a Leste até à fronteira da Turquia com o Irão, o Iraque e a Síria.

Um dos braços da teia alcançará os Balcãs, atravessando a Hungria e a Jugoslávia, até Rijeka e Ploce, na Costa Adriática, e um outro chegará até Constança, no Mar Negro.

A parte da auto-estrada que atravessa a Áustria será a ligação principal com a rede de estradas da Europa Ocidental. Para Leste a auto-estrada ficará ligada com o sistema viário da Ásia e para Sul com o de África, através da ligação com os «ferries».

O traçado seguido tem reminiscências com a estrada do ambar usada na idade do bronze e durante a época dos gregos e romanos pelos comerciantes

que transportavam o precioso ambar das praias do Báltico até aos mares Adriáticos e Negro.

Lançada primeiro pela Suécia e apoiada pela Hungria, a ideia ganhou o apoio do Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas e da CEE, ainda na década de 70.

Os estudos do traçado foram encomendados a um centro técnico sediado em Varsóvia. O planeamento estava já em fase avançada quando a Checoslováquia, o último dos dez participantes se lhe juntou em 1980.

Cada um dos países financia a sua própria secção da via, cujo custo total está orçado em 27 mil milhões de dólares, disse Duquesne.

Na Turquia os cerca de 4 mil quilómetros que vão ser construídos custarão 10 mil milhões de dólares, o maior investimento

nacional feito naquele país.

Cerca de 1700 quilómetros do total já foram completados e o trabalho iniciou-se numa fase de mais 2500 quilómetros, disse. O trabalho na secção polaca, suspenso quando a lei marcial foi instaurada em 1981, já se reiniciou.

Por volta do ano 2000 calcula-se que os veículos que circularão diariamente entre a Europa e o Médio Oriente ascenderão a cerca de 2822 de Norte a Sul, e 1475 na outra direcção.

Duquesne disse que as nações envolvidas estavam a tentar harmonizar as burocracias alfandegárias, a segurança do transporte e da via e a regulamentação sobre o sistema viário, que está a ser traçado para uma velocidade máxima de 120 quilómetros à hora.

DESPORTO

ponta esquerda

Presidência do clube



Eram 16.45 horas do passado sábado e jogava-se futebol no Bessa. Lá no alto os dois presidentes sofredores viviam em angústia pelo derradeiro silvo do apito de Raul Nazaré. João Rocha certificava-se da posição dos ponteiros, enquanto Valentim Loureiro soltava vigoroso grito: «está na hora!». Não restam questões: presidente colhe prestígio mas semeia algum sofrimento.

Jorge Figueiredo: fusão é a sua luta

Jorge Figueiredo, desde sexta-feira à noite presidente da junta directiva do Dramático de Cascais, afirmou estar convencido de que a direcção do Estoril-Praia vai cair em breve.

Jorge Figueiredo, líder da junta directiva de cinco elementos eleita sábado por aclamação, e unanimidade na assembleia do Dramático, após demissão da direcção anterior, reafirmou o desejo de ficar também à frente do Estoril-Praia, com o propósito de unificar as duas colectividades. «É minha convicção, já manifestada, de que um clube forte na linha é melhor do que dois pequenos», assinalou. O dirigente do Dramático referiu que, no seu entender, a direcção do Estoril «vai cair mais mês menos mês».

A sua entrada no Estoril — sublinhou — só pode ser, «com grande apoio da massa associativa, com ela a pedir-me, como aconteceu no Dramático, ao ver o clube a cair».

Jorge Figueiredo adiantou que está posta de parte a hipótese de contactos com a actual direcção do Estoril-Praia, por o seu presidente, Júlio Graça, «não me merecer a menor credibilidade».

Nené: força, amigo!



O «Record» deu a notícia na sua edição de hoje. «Nené esteve às portas da morte». Notícia preocupante e a provocar natural alarmismo entre todos nós. Um ataque de anginas determinou que lhe fossem ministrada uma injeção de penicilina que terá provocado um choque anafilático com remessa para Santa Maria, onde, durante três horas, sofreu e fez sofrer os familiares e amigos informados do acontecimento. Nené melhorou e, dando mais uma inquestionável demonstração da sua dignidade profissional, fez questão de comparecer no seu posto de trabalho. Em contacto que esta manhã estabelecemos com os serviços do Benfica fomos agradavelmente informados de que Nené se encontra livre de qualquer perigo. O nosso voto é este: força, amigo!

Interline Clube of Portugal: amizade e desporto de mão junta

«Instituição de Utilidade Pública», o «Interline Club of Portugal» é uma colectividade verdadeiramente «su»-genérica, conseguindo reunir nas suas fileiras a maioria dos trabalhadores das companhias de navegação aérea e realizando, anualmente, apaixonantes competições desportivas, como agora aconteceu em Tróia, cenário de disputas em ténis e ténis de mesa. Demonstrando uma relevante capacidade de organização, o Interline levou a cabo o I Torneio Internacional de Ténis (denominado «Passarola Cup») e o II Torneio Internacional de Ténis de Mesa, ambos com a participação de equipas masculinas e femininas. Participaram 130 atletas provenientes de nove países estrangeiros representando várias companhias aéreas e interline clubs, a que se juntaram equipas nacionais do Interline Club of Portugal, Avis, Boeing e Sociedade Portuguesa de Seguros. Ambos os torneios se disputaram simultaneamente: o ténis contou com 20 equipas masculinas e oito femininas e o ténis de mesa com oito equipas, sendo de realçar a presença da equipa feminina da S.P.S. que teve comportamento meritório, competindo de igual para igual com as equipas mas-

culinas e classificando-se em 7.º lugar, à frente da formação amadora da TWA. A classificação final de ambos os torneios ficou assim ordenada:

Classificação final em Ténis, Senhoras: 1.º Belgium Interline Club; 2.º S.A.S. (Oslo); 3.º Lufthansa (Hamburgo); 4.º Lufthansa (Frankfurt); 5.º British Airways A; 6.º British Airways B; 7.º S.A.S. (Copenhague); 8.º Interline Club of Zimbabwe.

Homens: 1.º L.S.G. A (Frankfurt); 2.º British Airways A; 3.º Air India; 4.º Sociedade Portuguesa de Seguros; 5.º S.A.S. (Copenhague); 6.º Boeing A; 7.º Interline Club of Portugal; 8.º L.S.G. B (Frankfurt); 9.º Interline Club Zimbabwe; 10.º Belgium Interline Club B; 11.º S.A.S. A (Oslo); 12.º British Airways B; 13.º Boeing B; 14.º Avis; 15.º Lot Airlines; 16.º TWA (S. Francisco); 17.º Belgium Interline Club A; 18.º Lufthansa (Frankfurt); 19.º S.A.S. B (Oslo) e 20.º Lufthansa (Hamburgo).

Classificação final em Ténis de Mesa: 1.º Interline Club of Portugal B; 2.º S.A.S.; 3.º Air India; 4.º Interline Club of Portugal A; 5.º Interline Club da Grécia; 6.º Sociedade Portuguesa de Seguros A; 7.º Sociedade Portuguesa de Seguros B; 8.º TWA.

Com um número de participantes que deve ter sido dos maiores até agora registados em Portugal, e embora com jogadores ligados à aviação comercial como profissão normal, assistiu-se a algumas partidas de ténis de muito bom nível, mesmo de plano internacional. Como exemplo desta afirmação lembramos a participação de um jogador da «Air India» que já fez parte da equipa representativa daquele país na «Taça Davis». Com a impecável direcção técnica do juiz árbitro da F.P.Ténis (António Flores Marques) e a colaboração do Clube de Ténis de Setúbal (onde se realizou a 1.ª fase feminina) foi possível levar a bom termo todo um vasto quadro de jogos.

No ténis de mesa as partidas desenrolaram-se também com muito agrado e, sob o olhar do seccionista Rogério de Almeida, é de salientar a excelente equipa representativa do I.C.P./B — que ficou classificada em 1.º lugar. Apesar do elevado número de praticantes foi possível realizar diversas séries de jogos o que, para além do aspecto competitivo, veio estreitar ainda mais os laços de amizade e união que são sempre a meta principal dos Interlines.

Para esta jornada desportiva contou o I.C.P. com excelentes apoios, e excelente colaboração da Torralta e de toda a sua organização em Tróia, que desenvolveram os melhores esforços no sentido de tornar a estadia dos participantes o mais agradável possível. Para além de outras entidades estiveram presentes o presidente da Federação Portuguesa de Ténis e o director-regional dos Desportos.

Estando já na forja todo um programa de realizações para 1985, oportunamente será divulgado com todos os pormenores, afim de que se venham a tornar também em sucessos para o I.C.P. e para a promoção turística e desportiva do nosso país.

Uma nota de registo que é imprescindível: a óptima colaboração que os representantes dos órgãos de Comunicação Social receberam de Carlos Maia Marques, representante do Interline Club of Portugal para as relações públicas, a colectividade com cinco anos de actividade, compreendendo 1200 associados, promove torneios que vão desde futebol a xadrez.

J.M.N. de S.

Ténis de mesa

Macaístas e muito público nas Caldas da Rainha

O XVI Torneio Internacional das Caldas da Rainha, disputado no fim-de-semana último, cotou-se como um dos melhores dos últimos anos e atraiu ao óptimo pavilhão municipal muitas centenas de espectadores que seguiram com entusiasmo as diversas provas.

Como nota saliente deste torneio ficou o domínio dos atletas componentes da selecção de Macau (orientados pelos ex-atleta do Benfica José Kong), que venceram os torneios de equipas, bem como os individuais de seniores. De realçar também a excelente prova de José Barroso (Estrela da Amadora) que prendeu a atenção de todo o público presente, especialmente nos jogos em que derrotou (e venceu) José Viegas e José Alvoeiro, sendo no final longamente ovacionado.

O campeão búlgaro Ivan Stojanov não compareceu e a equipa de juniores da Caja de Aforros de Granada, embora vencendo a prova na classe, não mostrou nível superior aos melhores conjuntos portugueses.

Eis as classificações:

PROVA DE EQUIPAS: Feminina — 1.º Selecção de Macau;

2.º Casa Pia; 3.º Sporting. **Masculina** — 1.º Selecção de Macau; 2.º CPN; 3.º Sporting; 4.º Caja Aforros de Granada.

PROVAS INDIVIDUAIS: Seniores masculinos — 1.º Wong Kit U (Macau); 2.º João Portela (Sporting); 3.º Pedro Miguel (Sporting); 4.º José Barroso (Estrela da Amadora). Por equipas: 1.º Sporting, 2.º Estrela da Amadora.

Juniores masculinos — 1.º Hernandes Gonzalez (Granada); 2.º Folgado Gimenez (Granada); 3.º Pedro Tojal (Arrudense); 4.º Paulo Alexandre (FC Porto). Por equipas: 1.º Granada, 2.º Arrudense.

Cadetes masculinos — 1.º Ricardo Sedas (Kapas); 2.º Luís Dias (Kapas); 3.º Pedro Moreira (Sporting); 4.º Miguel Ribeiro (Camarinha). Por equipas: 1.º Kapas, 2.º Sporting.

Veteranos — 1.º Jorge Catarina (Casa Pia); 2.º Eduardo Moura (Sporting das Caldas); 3.º Luís Moreira (Sporting); 4.º Fátima Gonçalves (Sporting). Por equipas: 1.º Casa Pia, 2.º Sporting.

Seniores femininos — 1.ª Lai Kit Leng (Macau); 2.ª Ip Hong Kit (Macau); 3.ª Cristina Aleixo

(Ramiro José); 4.ª Anabela Fernandes (Sporting). Por equipas: 1.º Ramiro José, 2.º Sporting.

Juniores femininos — 1.ª Luisa Lopes (Sporting das Caldas); 2.ª Paula Canhão (Palmeiras do Montijo); 3.ª Lígia Reis (Palmeiras do Montijo); 4.ª Maria Adelina (CPN). Por equipas: 1.º Palmeiras do Montijo, 2.º Sporting das Caldas.

Cadetes femininos — 1.ª Margarida Lopes (Sporting); 2.ª Maria João Godinho (Casa Pia); 3.ª Natividade Sedas (Sporting); 4.ª Sandra Alves (FC Porto). Por equipas: 1.º Sporting, 2.º Casa Pia.

IX Torneio Aberto do Casa Pia A.C.

A Secção de Ténis de Mesa do Casa Pia vai levar a efeito o seu IX Torneio, que conta para a classificação nacional dos atletas federados.

O mesmo decorrerá no pavilhão do Estádio de Alvalade nos próximos dias 12 e 13 de Janeiro, podendo as inscrições ser efectuadas até logo à noite, na sede daquele clube, Largo do Conde Barão, 50-2.º, em Lisboa.

Ténis: portugueses perdem na Flórida

Os tenistas portugueses Francisco Tavares e Susana Silva perderam domingo em Miami Beach (Flórida) as respectivas partidas da primeira eliminatória do torneio «Orange Bowl» de ténis, para jogadores com menos de 16 anos.

Francisco Tavares perdeu com o australiano Horst Skopf, cabeça de série número dois do torneio, pelos parciais de 6-0 e 6-1, na segunda partida de singulares homens e Susana Silva foi derrotada pela francesa Cecile Bourdais, na partida de singulares-senhoras mais demorada da primeira eliminatória

que terminou com os parciais de 6-3 e 6-2.

Suécia vence Taça Davis

A Suécia conquistou a Taça Davis quando a dupla Anders Jarryd-Stefan Edberg venceu os norte-americanos John McEnroe e Peter Fleming, assegurando o decisivo 3-0.

O duo ganhou a partida com os parciais de 7-5, 5-7, 6-2, 7-5, pondo termo à série de 14 vitórias consecutivas do par McEnroe - Fleming na Taça Davis. No domingo os suecos Mats Wilander

de e Henrik Sunstroem obtiveram as primeiras vitórias sobre os norte-americanos e os singulares de hoje não impedem já o triunfo sueco.

Connors pede desculpa

Jimmy Connors apresentou desculpas pelo seu comportamento incorrecto durante o primeiro jogo da final da Taça Davis contra a Suécia, em Gotemburgo. A apresentação formal de desculpas de Connors aos responsáveis da prova valeu-lhe não ser desclassificado da mesma.

Atletismo

Espinho irá reunir “superstars”?

O Sporting de Espinho organiza a 6 de Janeiro o primeiro Grande Prémio Internacional de Atletismo dos Reis, anunciou o «Jornal de Espinho».

A secção de atletismo do Sporting de Espinho, que sofreu recentemente uma reestruturação, pretende integrar na prova atletas de nomeada tanto nacionais como estrangeiros.

Entre os mais credenciados que os «leões» de Espinho querem apresentar, conta-se Carlos Lopes, António Leitão, Rosa Mota, Ezequiel Canário, João Campos, Cidália Caetano, Fernando Mamede, Aurora Cunha, Albertina Machado, Rita Borralho, os espanhóis António Abascal e António Prieto, o suíço Pietro Deeleze e possivelmente atletas da Alemanha Federal.

Este é o teor da notícia que nos é remetida pela ANOP. Pensamos, no entanto, que não será muito fácil ao clube de Espinho conseguir juntar o vasto número de grandes vedetas nacionais e internacionais tanto mais que de Faro nos chega a notícia de que está prevista a presença de Lopes, Canário, Campos e Aurora em prova marcada para o mesmo dia.

Farauto regressa

O Grupo Desportivo da Farauto, que tinha abandonado a prática do atletismo, voltou agora a inscrever-se na Associação de Atletismo de Faro.

Além da Farauto, estão inscritas para a próxima temporada mais 19 equipas, em representação das principais colectividades desportivas da região algarvia, designadamente o Olhanense, Portimonense, Olinhanense, Lagos, Imortal, Penha, Boa Esperança, Algoz e Benfica, Jograis António Aleixo e Farense.

DESPORTO

Futebol internacional

Bélgica: ano de escândalos

A série de escândalos económicos que conduziram à suspensão de vários jogadores afectaram este ano o futebol belga, e repercutiram-se não só nas equipas mas também nos adeptos.

O juiz Guido Bellemans, de Bruxelas, foi encarregado das investigações e instruiu os processos que implicaram sucessivamente o Antuérpia, o Standard de Liège, o Waterschei, o Seraing e, por último, a própria federação belga.

O último escândalo anunciado atingiu a Federação de Futebol da Bélgica, acusada de esconder do fisco recibos referentes ao mundial de 1982 na Espanha.

Louis Wouters, presidente federativo, desmentiu que o seu organismo esteja implicado numa fraude fiscal, enquanto agentes do tribunal iniciaram as investigações na própria sede da federação, apesar das cifras não declaradas serem pequenas (cerca de 1500 dólares por cada jogador). Este escândalo, pequeno na sua dimensão económica, fez no entanto lembrar os anteriores, com menos de um ano, bastante mais elevados. Em Fevereiro, foi descoberta uma «caixa negra», ou contabilidade dupla, no Antuérpia, clube da primeira divisão, que obrigou Eddy Wauters a demitir-se de presidente do clube, posto que desempenhava simultaneamente com o cargo de membro do conselho de administração do Kredietbank, o terceiro maior banco da Bélgica.

A seguir, descobriu-se que o

Standard de Liège havia subornado jogadores do Waterschei, para que estes perdessem na temporada 1981-82, quando o Standard foi campeão.

Neste caso ficou demonstrado que os culpados eram os próprios jogadores e assim Gerets, credenciado defesa internacional, «emigrante» no Inter de Milão, foi suspenso da actividade, tal como outros nomes famosos do futebol belga: Daerden, Plessers, Vandersmissen, Meeuws, Prudhomme, etc.

A Federação Internacional de Futebol (FIFA) apoiou a federação belga nas sanções aplicadas.

Em Maio, o escândalo prosseguiu. Henry D'Hont, presidente do Seraing, foi acusado de actuação fraudulenta e ocultação de documentos públicos. Foi detido com Guy Mathot, presidente do clube e vereador do município de Seraing. D'Hont foi libertado, mas a justiça continua a investigar a escrita do clube.

Depois dos escândalos já tornados públicos no campo económico, o futebol belga encerrou o ano com a humilhante derrota da equipa mais popular do país, o Anderlecht, afastado da Taça UEFA pelo Real Madrid com um demolidor e inesperado 6-1 em Santiago Bernabeu, após a vitória por 3-0 em bruxelas.

Como vão os campeonatos

A animação futebolística continua Europa fora. Aqui ao lado, o Barcelona, que continua a assumir a liderança do campe-

onato espanhol, não conseguiu regressar de Bilbao com os dois pontos do confronto com o Atlético, já que os bilbaínos triunfaram por um golo solitário.

Vejam os resultados da 16.ª jornada: Real Madrid - Valência, 1-0; Saragoça - Atlético de Madrid, 1-1; Santander - Hércules, 2-0; Osasuna - Bétis, 1-2; Espanhol - Real Sociedad, 1-3; Elche - Múrcia, 0-0; Málaga - Valladolid, 3-1; Sevilha - Gijón, 0-1; e Atlético de Bilbao - Barcelona, 1-0. Classificação: 1.º, Barcelona 25 pontos; 2.º, Real Madrid, 22; 3.ºs, Real Sociedad e Bétis, 19; 5.ºs, Valência, Atlético de Madrid e Gijón, 18; 8.º, Atlético de Bilbao, 17; 9.ºs, Málaga e Sevilha, 16; 11.ºs, Santander e Saragoça, 15; 13.º, Valladolid, 14; 14.ºs, Osasuna e Hércules, 13; 16.º, Espanhol, 12; 17.º, Elche, 10; 18.º, Múrcia, 8.

Itália: Verona não cede

A 12.ª jornada do «calcio», em que foram marcados 18 golos, forneceu os seguintes resultados: Torino - Como, 3-1; Udinese - Ascoli, 1-1; Cremonese - Inter, 1-2; Fiorentina - Juventus, 0-0; Nápoles - Roma, 1-2; Lazio - Verona, 0-1; Milão - Atalanta, 2-2; e Sampdoria - Avellino, 1-0.

Classificação: Verona, 20 pontos; Torino, 18; Inter e Sampdoria, 17; Roma, 14; Milão, 13; Fiorentina, Juventus e Atalanta, 12; Avellino e Como, 10; Nápoles e Lazio, 9; Udinese, 8; Ascoli, 7; e Cremonese, 4.

França: Nantes e Bordéus separados por dois pontos

O Nantes, que venceu por 2-0 na deslocação a Maïselha, continua no comando após a 20.ª jornada.

O Bordéus, que continua na segunda posição a dois pontos do guia, recebeu e venceu o Nancy por 3-1, enquanto o Bastia e o Sochaux obtinham os resultados mais expressivos, vencendo os respectivos adversários por 4-0.

Na primeira jornada da segunda volta só duas equipas conseguiram pontuar fora dos seus estádios: o Toulon e o Lille, que ganharam em Brest e em Paris, respectivamente.

Resultados da jornada: Brest - Toulon, 0-1; Paris St. Germain - Lille, 2-3; Girondins de Bordéus - Nancy, 3-1; Bastia - Toulouse, 4-0; Tours - Mónaco, 2-1; Auxerre - Laval, 2-1; Metz - Estrasburgo, 1-0; Lens - Racing de Paris, 1-0; Marselha - Nantes, 0-2; e Sochaux - Rouen, 4-0.

Classificação: 1.º Nantes, 33 pontos; 2.º Girondins Bordéus, 31; 3.º Auxerre, 26; 4.ºs, Lens, Toulon e Metz, 23; 7.ºs, Paris St. Germain e Bastia, 22; 9.º Brest, 21; 10.ºs, Mónaco e Laval, 19; 12.º Sochaux, 18; 13.º Lille, 17; 14.ºs, Tours e Marselha, 16; 16.ºs, Estrasburgo, Toulouse e Nancy, 15; 19.º Rouen, 14; 20.º Racing Paris, 12.

Um Recado

Futebolista é uma actividade profissional face às leis laborais. É legítimo que assim tenha sucedido porquanto o jogador de futebol é um trabalhador, ainda que disponha de um «estatuto» bem diferenciado dos demais, gozando de prerrogativas inaccessíveis a outras classes e situando-se com privilégios bem distanciados das reduzidas regalias e outros consagrações. A contrariar os argumentos acusatórios do «escandaloso» desnível de rendimentos vêm os artistas do «chuto na bola» — o tom pejorativo não cabe na definição — alegar que a durabilidade da sua actividade cessa um pouco depois dos 30 anos e acrescentam serem artistas dum espectáculo e a estes o preço é aferido pelo talento.

Quanto à primeira tese não atinamos com o eventual rigor nem lhe deciframos acerto, já que nos recusamos aceitar que um qualquer indivíduo reclame «reforma» quando atinge a plenitude das suas múltiplas capacidades humanas e, no que se refere à outra questão, todas as actividades são desempenhadas por «artistas». É artista o serralheiro e o médico, o carpinteiro e o advogado, o pedreiro e o jornalista, o electricista e o futebolista e por aí adiante. Ante isto, pensamos que pelo Mundo fora — e não apenas para cá de Badajoz — a classe dos artistas do futebol está obter condições que contrariam a mais elementar regra de equilíbrio social e alteram o movimento da esfera onde giram as bolas que determinam a contrapartida de cada trabalhador ante a tarefa prestada ao serviço do bem comum. É esta a nossa firme convicção que, podendo ser considerada extremista ou classificada de invulgar radicalismo (não mais do que isso, pensamos), não acolhe sem surpresa a ideia posta em marcha na recente reunião de Sangalhos através da qual, os presidentes (alguns já de mala aviada e cadeira à espera de outro titular) pretendem encontrar acordo para eliminar (ou reduzir) a concorrência na contratação de trabalhadores-futebolistas. A ideia foi lançada, mas os futebolistas sabem bem que não vingará e para tal basta saber-se que os clubes são dirigidos (na sua maioria) por experimentados «homens de negócios» que bem conhecem os «buracos» que permitem a fuga aos acordos.

E saberão os signatários de tal intenção que a liberdade de circulação das pessoas está consubstanciada em direitos intocáveis?

Ora pensem lá bem! Fica o recado.

Alves Henriques

— 10%

«C'EST DANS LA POCHE»

OS LIVROS DE BOLSO FRANCESES CUSTAM MENOS 10% NAS LIVRARIAS

esta medida é também aplicada aos livros científicos e técnicos franceses

(Iniciativa tornada possível na sequência de um subsídio suportado pelo Governo Francês no âmbito da Cooperação Cultural entre Portugal e a França).

Os Passageiros do Vento 39

por F. Bourgeon



Glenat/Meribérica

continua

Programa da Unicef Camponeses dos Himalaias fabricam Cartões de Boas-Festas

A vida de milhares de montanheses pobres do Nepal está em vias de melhoria, graças à produção de cartões de boas-festas inteiramente fabricados à mão sob encomenda da Unicef.

Com efeito, a Unicef comprou este ano ao Nepal 500 mil cartões de boas-festas e respectivos envelopes para serem vendidos no mundo inteiro.

Os objectos são produzidos através de duas artes milenárias nos altos vales do Himalaia (fabrico de papel e impressão com a ajuda de blocos de madeira).

Em três anos serão fabricados à mão 1,25 milhões de cartões por montanheses nepaleses de três comunidades rurais pobres de Bhaktapur, o que significa, em termos de trabalho, um rendimento suplementar, a criação de jardins de infância, água potável mais acessível, melhoria da sua alimentação e saúde, melhores possibilidades de educação e de formação para os filhos e mulheres.

Significa também outras vantagens e prestações de serviços, considerados como já adquiridos nas sociedades industrializadas.

Estes projectos são, em parte, financiados pelos benefícios provenientes da operação em si e por uma contribuição, inferior a 300 mil dólares, da parte da Unicef.

Pelo facto do fabrico de papel ser uma arte nepalesa que data do século XI, período em que os chineses o importavam através dos Himalaias, as mulheres e as crianças têm participado na impressão com ajuda de blocos de madeira para enfeitar os saris, xales e chapéus.

Modernizando esta arte rural e garantindo-lhe um vasto mercado de exportação, a Unicef agiu em conformidade com a sua política que consiste em satisfazer os desejos das crianças e melhorar as oportunidades das mulheres.

Por outras palavras, a Unicef procura ajudar as populações dos países em vias de desenvolvimento a alcançar o estado de auto-assistência.

O que distingue este projecto de cartões de boas-festas de tantos outros projectos de desenvolvimento é a rede mundial de vendas que a Unicef pôs à sua disposição para colocar o produto final.

As mulheres e as crianças serão os principais beneficiários, e o impacto do projecto será medido por uma posterior estatística de alfabetização e mortalidade infantil.

Para uma população nepalesa de 15 milhões de pessoas, somente entre um quarto e um terço dos homens são alfabetizados, enquanto nas mulheres a proporção é muito menor, cerca de 4 por cento.

Cada mulher, em média, dá à luz seis ou sete crianças e uma em cada cinco morre antes de ter atingido os cinco anos.

Por cada criança bem nutrida, quase duas sofrem de malnutrição proteíno-energética.

Foi em 1980 que o conselho de administração da UNICEF decidiu encorajar a produção de cartões de boas-festas UNICEF nos países em vias de desenvolvimento.

Nesse mesmo ano, o sexto plano nacional do Nepal (1980-1985) traçava medidas visando desenvolver o artesanato nos meios rurais e urbanos e melhorar a qualidade dos artigos artesanais tradicionais destinados a um mercado internacional em expansão.

A matéria-prima dos cartões provém da casca, ou «lokta», do Dafne, um arbusto que cresce nas florestas Himalaias a altitudes compreendidas entre os 1700 e os 2500 metros.

Cortado todos os três anos, este arbusto constitui uma fonte de receitas renovável, produzindo uma maior quantidade de casca ao segundo corte.

Os fabricantes de papel, que vivem entre os 600 e os 1900 metros de altitude, começam por secar a Lokta para de seguida a molhar.

A parte interior da casca é cozida numa solução de cinza de madeira, limpa e cozida de novo.

A polpa assim obtida é então esmagada com a ajuda de um martelo de madeira e, uma vez adicionada água, transforma-se numa pasta lisa estendida sobre uma toalha de linho sobre um quadro de bambu.

Uma vez secado ao sol como o linho, o papel é retirado do quadro e enviado a um centro urbano de acabamento onde os cartões são impressos com a ajuda de blocos de madeira.

São precisos dois quilos de Lokta para fabricar um quilo de papel.

Este robusto «pergaminho» fabricado à mão tem a reputação de se conservar mais de 200 anos e de conter um insecticida natural que o protege das formigas e das térmitas.

Os artesãos nepaleses vendem algumas vezes o seu papel aos tibetanos que o utilizam para transcrever os textos budistas sagrados, para pintar e para fabricar máscaras e papagaios.

O projecto UNICEF «desenvolvimento comunitário para o fabrico de papel» parece pois destinado a ter um arranque encorajador.

ACADEMIA
DE MASSAGENS
E ESTÉTICA
PROFISSIONAL

CURSOS DIURNOS
E NOCTURNOS

Massagens e Fisioterapia - Esteticismo - Cabeleireiro
Auxiliar de Clínica - Calista - Manicure - Depilação e Puericultura

LISBOA - Av. Miguel Bombarda, 147, 2.º, Dt.º - Tel. 55 40 87 - 56 12 53

LEIRIA - Rua Paulo VI, 14, 1.º - Tel. 2 26 33

COIMBRA - Rua do Brasil, Casa A - Tel. 2 32 09

TOMAR - Centro Comercial Templários, Loja 108

MAGDALENA LÊ
UMA CARTA

De Jaime Salazar Sampaio com Glicínia Quartim
Direcção de Rogério de Carvalho

na SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES

Dias 17, 18, 19 e 21 às 18.30 h

Descontos de 50% aos sócios da SPA e Estudantes

Em BUARCOS o **Diário de Lisboa**
vende-se na PAPELARIA SATÉLITE



NÃO FUME

EM RECINTOS
FECHADOS



crítica de cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

"Frances" de Graeme Clifford

Apesar de ser uma arte que se fabrica colectivamente, o cinema é sempre, em cada filme, o resultado de uma personalidade forte. Quando assim não é, teremos ainda um filme, é claro, mas sentir-se-á uma lassidão qualquer. Procurar-se-ão, nesse caso, motivos que justifiquem o sentimento de carência que se gera, em geral encontram-se, mas a soma dos argumentos não é igual ao défice constatado. É que, acima de tudo, um filme será a expressão forte de um olhar ou não será filme que baste.

Frances é um desses casos. Tem uma história portentosa e terrível, trabalhada num argumento com magro sentido de medida e de timing, filmada com aplicação e correcção mas sem individualidade. Tem uma actriz (Jessica Lange) que enche o ecrã de fio a pavio: pode-se constatar certos aspectos do seu trabalho, algum frenesim, não muita subtilidade, não se pode negar que é ela quem aguenta **Frances** e faz dele um filme, apesar de tudo, interessante. Afirmar-se que o filme dura demais é um modo de dizer que tem urdidura de menos, que o muito tempo nunca fez mal a uma ficção. Mas, voltemos ao início, o que é muito nítido é que Graeme Clifford (que se estreia como



Jessica Lange é Frances Farmer neste filme onde a realização não tem tanto fôlego como a espantosa história que narra

realizador) preferiu ser certo a enganar-se redondamente: não sai de uma mediania escurita, deixa tentar-se pelo televisal, **Frances** respira sem desenvoltura, deixa tentar-se pelo televisal, **Frances** respira sem desenvoltura.

Já estou a ver muito boa gente para quem o conteúdo é essencial, a indignar-se por este texto estar sobretudo a levantar reservas: e então a vigorosa denúncia, que o filme faz, de uma sociedade que levou Frances Farmer à normalização pela violência psiquiátrica inumana e totali-

tária?

E então a denúncia está lá, é bem vinda, nenhuma indiferença ou rodeio a podem obliterar. Mas porque será que, durante todo o filme, eu me senti espectador sem empatia? Porque Frances Farmer não consegue ser meu igual antes de ser a vítima de uma acção deliberada de destruição da sua personalidade? Ou, dizendo de outro modo, não faltará ao personagem a trivialidade que a tornasse menos exemplar e, portanto, menos excepção? Chamem intimismo, chamem arquitectura psico-

lógica, o que quiserem, solidamente com o seu corpo torturado e a sua mente a ser esbofada por um mundo que não quer saber dela. Mas que a história não seja uma mera denúncia, expondo servilmente violado a não ser um conceito - inconformismo - que é vago e de frágil estrutura? **Frances** pode ser um filme memorável. Pena é que se quede pela denúncia.

FICHA:

Realização: Graeme Clifford (USA-1982)

Argumento: Eric Bergren, Christopher DeVore, Nicholas Kazan.

Fotografia: Laszlo Kovács.

Cenários: Richard Sylbert (production designer), Ida Random (art director), Emad Helmei (set designer).

Música: John BARRY.

Montagem: John Wright.

Produção: Jonathan Sanger.

Interpretação: Jessica Lange (Frances Farmer), Sam Shepard (Harry York), Kim Stanley (Lillian Farmer), Bart Burns (Ernest Farmer), Allan Rich (Mr. Bebe), etc.

Distribuição em Portugal: SIF.

Cinemas: Alfa 1 e Tivoli.

Classificação: Para maiores de 12 anos.

crítica de teatro

CARLOS PORTO

Comuna: para onde fomos?

PARA ONDE IS - sobre «Auto da Alma» e «Auto da Barca do Inferno», de Gil Vicente. **Dramaturgia e Encenação:** João Mota. **Direcção musical:** José Pedro Caiado. **Figurinos:** Carlos Paulo. **Interpretação:** Carmen Marques, André Nuno, Marques Arede, Almeno Gonçalves, António Melo, Isabel Medina, Jorge Loureiro, Maria Marília, Paulo Ferreira, Carlos Paulo, João Mota, José Pedro Gomes, Amélia Videira, Abel Neves. **Músicos:** Abílio Apolinário, Cecília Sousa, Carlos Delgado e António Melo. **Grupo Comuna - Teatro de Pesquisa.** (Re)estrela: 15-11-1984 (25-11-84).

Em 25-10-72 o «DL» publicava a minha crítica ao primeiro espectáculo do grupo Comuna (Teatro de Pesquisa) que se instalara num espaço da José Fontana alugado pelo empresário Vasco Morgado. (Sobre as origens do grupo ver «DL-Cartaz» desta semana.)

Ao escrever, doze anos depois, uma outra crítica ao espectáculo agora reposto pelo grupo, que ocupa uma outra sala e se prepara para inaugurar um novo espaço teatral, substitui o título de então que propunha interrogar o projecto do grupo através do próprio título do espectáculo (Comuna: Para Onde Is?) por um outro em que me envolvo, vos envolvo, nessa trajetória que é um pouco a trajetória do teatro português nestes doze anos. Assumo pois a responsabilidade que me cabe, por menos significativa que seja, não só nessa trajetória como em relação à parte do teatro desde então produzido em Portugal pelos chamados grupos independentes.

Um dos fenómenos caracterizadores do teatro como prática eminentemente social é esse: o de implicar nessa prática não apenas aqueles que o fazem mas também aqueles fazem/com quem é feito, os espectadores, e em primeiro lugar: ou se se quiser em último, os críticos, espectadores privilegiados queaju-

dam a estabelecer a opinião, criando-a, apoiando-a, contraditando-a, esvaziando-a ou tornando-a fecunda.

Para onde fomos, portanto? Vocês, aqueles que fazem o teatro, e nós, aqueles que o vemos e sobre ele, mal ou bem, nos exprimimos. Mais do que rever o espectáculo da Comuna interessou-me ver o que ele significa nesta tomada de posição que se quer activa.

Não penso que o grupo dirigido por João Mota tivesse recuperado o seu primeiro trabalho numa atitude revivalista ou com intuitos meramente comemorativos. Se assim foi, nesse caso não valeu a pena. Mas, de facto, também não vejo que essa reconstituição tivesse pretextado uma reflexão minimamente interessante sobre a carreira do grupo e, com ele, sobre o que tem sido o teatro português, reflexão que deveria situar-se a dois níveis: a nível do próprio espectáculo, e a nível de textos escritos e ditos. Aliás, é mesmo fácil afirmar que, pelo menos a nível do espectáculo, essa reflexão não foi feita e, sob esse aspecto, este «Para Onde Is?» não deixa de ser uma desilusão.

É um altruísmo que não se pode deixar de repetir: a passagem deste tempo da Comuna, e como a do teatro português, e a da sociedade portuguesa na sua totalidade, foi marcada pela mudança de um regime de ditadura para um regime de liberdade (conceito aqui variável de acordo com as posições de cada um). Mas esse facto incontroverso não esgota os vectores em que se situou a prática teatral antes do 25 de Abril (com os vários matizes censórios; os tipos de apoio estatal e privado; os públicos e os seus componentes sociológicos), e depois do 25 de Abril acompanhando e até pretendendo (como de resto anteriormente) as complexas e por vezes revolucionárias situações em que a sociedade portuguesa se agitou em períodos que tiveram a ver

com determinadas posições políticas e com o intenso movimento social que então se viveu. Que o teatro tenha sido contaminado por esses acontecimentos mas que também os tenha influenciado parece ser um outro cliché que não se pode dispensar. Mas como? Em que segmentos da sociedade se reflectiu o seu empenhamento? Como correspondeu a sociedade em ebulição ao papel que o teatro nela desempenhava? Que estruturas se criaram, ou não? Que tipos de apoio? Que política, numa palavra, tendo em conta o que nela seria fundamental: a abertura a novas ou renovadas públicas?

Demasiadas interrogações que aqui deixo como pistas possíveis, entre outras, para um debate a fazer.

No quadro desta crónica interessa, e não se pode fazer mais do que apontar alguns marcos. Neles a Comuna surge como um grupo que se coloca numa atitude de contestação do regime através de processos teatrais que têm a ver com experiências cénicas que eram então de relativa vanguarda (um entendimento mais lato e profundo do papel do corpo do actor, por exemplo), e nesse primeiro período tem em «A Ceia» o seu primeiro grande espectáculo, aquele em que sintetiza, clarifica, o seu projecto estético-ideológico, que nele representa um salto qualitativo, para usar ainda uma expressão comum.

Não é igualmente homogéneo o trajecto do grupo pós-25 de Abril, e dificilmente poderia sê-lo. O grupo reflecte, microcosmicamente, os sobressaltos da sociedade em que se insere e absorve-os de tal maneira que eles se tornam os seus próprios sobressaltos. Entre uns e outros, situam-se as repetidas alterações do elenco (que João Mota justifica numa forma que me parece idealizante) mas também o levantamento de espectáculos importantes que marcaram

alguns dos momentos mais fortes do teatro português em liberdade.

Mas a análise que se deveria fazer da trajetória da Comuna teria que ser articulada com a trajetória dos outros grupos independentes para se poder verificar qual o papel que o teatro português, no que teve de mais significativo, desempenhou na trajetória da sociedade portuguesa. E nessa dupla análise verificar como a prática crítica, admitindo que o trabalho dos críticos de teatro foi suficientemente interessante para merecer a designação, serviu como elemento catapultador ou obstaculizante, de como foi um elemento de intermediação activo e correcto (eficaz ou não). Demasiados problemas para uma crónica jornalística que ainda por cima tem que fazer a cobertura crítica de um espectáculo. Em resumo, poderá dizer-se que ao longo destes doze anos, e em especial dos dez que se seguiram ao fim a Censura, não houve grande desfazimento entre o teatro que se fez e a leitura que dele foi feita (não se trata aqui de uma referência qualitativa), e é exactamente por isso que me sinto à vontade para (me) interrogar: Para onde fomos?

Interrogações, mais do que respostas, são talvez a matéria de que o teatro é feito, e com ele a crítica que o (in)justifica. Apece de resto responder como o faria o sr. de La Palisse. Fomos para onde agora estamos: neste lugar incómodo em que a democracia pós-25 de Novembro nos meteu, com a cumplicidade, e mais do que isso, do socialismo soarista. Neste lugar em que fazer teatro começa a ser outra vez uma forma de resistir. No entanto, são outros os problemas, outras terão que ser as formas de resistência e avanço. É isso que o espectáculo da Comuna dolorosamente comprova. Dolorosamente porque, doze anos depois, nos perguntamos onde estão as esperanças por uma sociedade justa (embora saibamos que não morreu), mas também nos interro-

Continua na pág. 16



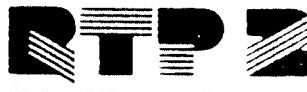
A MELHOR ASSISTÊNCIA AO SEU TELEVISOR E VÍDEO
GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
ESTAÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE
88 27 86 - 89 98 26
Av. S. João de Deus, 13 - R. de Macau, 8-1.º LISBOA

Hoje



Danças e Cantares, no 3.º programa

- | | | |
|-------|--|---|
| 17.52 | Notícias | |
| 17.57 | «Contos de Andersen» | |
| 18.20 | «Yakari» - «O Colar» | |
| 18.30 | Teleregiões | |
| 18.50 | Portugal Contemporâneo - «O Espaço Urbano» | arte Possível - 11.º episódio: «O Planeamento». |
| 19.40 | Gestão de Empresas - «O Plano» | episódio: «O Planeamento». |
| 20.00 | Teletexto - e Boletim Meteorológico | |
| 20.30 | Direito de Antena - Sindicato dos Médicos do Sul | |
| 20.35 | Danças e Cantares | |
| 21.05 | «Que Será dos Meus Filhos?» | - último episódio. |
| 22.00 | Grande Informação - «Onda da Póvoa de Varzim» | |
| 22.50 | Últimas Notícias | |
| 23.05 | Sinais | |



Exibe-se na RTP-2 o 6.º episódio da série «Escândalos Vitorianos»

- Notícias
Desenhos Animados - «Serafim Agente Secreto»
«Amor em Tempo de Guerra»
Encontro Com... - prof. dr. Pinho Brojo.
21.30
«Guerra dos Sexos» - episódio n.º 173.
22.15 Jornal da Noite
22.40 «Escândalos Vitorianos»

Amanhã



16.00: «O Trovão»; 16.50: «Yakari»; 17.00: «O Conde de Monte Cristo»; 17.50: Notícias; 17.55: Pare, Escute, Olhe; 18.30: Teleregiões; 18.55: «O Barco do Amor»; 19.45: Vamos Jogar no Tómbola; 20.00: Teletexto - e Boletim Meteorológico; 20.35: Folclore; 21.00: Cinema Lumiar - «Descalços no Parque»; 23.00: Últimas Notícias; 23.10: Sinais.

19.30: Notícias; 19.35: Desenhos Animados; 20.00: «Contos Fantásticos»; 21.00: Caminhos do Eterno; 21.25: «Guerra dos Sexos»; 22.15: Jornal da Noite; 22.40: «História da Marinha».

GRUNDIG

a segurança de um grande nome seleccionou para si...

«Que Será dos Meus Filhos?»
(21.05)

«Escândalos Vitorianos»
(22.40)

RTP2

Felipe que entra nesse momento na delegacia fica chocado com a coragem de Carolina enquanto esta muito segura assume todas as responsabilidades. Muito agitada, Juliana aproveita a presença de Fábio para fazer ciúmes a Nando. Sem conseguir dilger a notícia sozinha, Nando recusa a Juliana que Manoela não morreu. Vânia recusa o pedido de casamento de Ulisses afirmando que gosta muito dele mas que casar não está nos seus planos. Arrazado, o «boxeur» vai-se embora sem conseguir compreender as mulheres independentes. Charlô exige que Felipe lhe entregue a parte de Octávio visto que houve sabotagem.

Assistência Técnica Grundig NACIONAL RÁDIO

Rua Bento Jesus Caraça 17 Cruz Quebrada - Telef. 2112871

Comuna: para onde fomos?

Continuação da pag. 17

gamos porque um espectáculo que serviu essas esperanças nos parecia agora impotente para o fazer. E pior do que isso, impotente para se justificar como fator dessas esperanças, e como razão de ser dele próprio.

Uma razão explica, em termos teatrais, a decepção: a Comuna é doze anos depois um grupo novo; ao elenco de grandes actores e de grandes esperanças de 1972, sucede um elenco, em parte, ainda demasiado incipiente para poder responder ao que este trabalho exige (embora essas exigências também se coloquem a um nível bastante menos produtivo), já que se trata exactamente de um trabalho que tem no actor o seu principal elemento de energia cénica. Para entendê-lo melhor vou transcrever a lista dos primeiros intérpretes, assim homenageando aqueles que fizeram desse primeiro espectáculo da Comuna o sinal de uma aventura tão importante no teatro português dos nossos dias.

Ei-la pela mesma ordem: Maria Emília Correia, Manuela de Freitas, Maria João Galope, Madalena Pestana, Eduardo Pimenta, Francisco Pestana, Fernando Heitor, Melim Teixeira, António Rama, João Guedes, João Mota, Luís Lucas, Carlos Paulo, Fernando Loureiro. Num tipo de espectáculo como este o entrosamento entre actor/texto/encenação é fundamental. Por isso se compreende como a ruptura provocada pela substituição

do primeiro desses elementos prejudicou o resultado final.

Se os elementos cénicos e os sinais que com eles são criados nos parecem hoje relativamente esvaziados e por isso insignificativos, se o trabalho dramático, mesmo já então insuficiente, foi superado por outros trabalhos posteriores, se o relacionamento do espectáculo com o público nos parece agora demasiado débil, é porém no trabalho do actor que essa debilidade se acentua. Isto apesar das contribuições de Carlos Paulo, João Mota, Amélia Videira, Isabel Medina, José Pedro Gomes. Porém, o problema maior do espectáculo situa-se a outro nível, como escrevi acima: a sociedade de hoje, e por isso o teatro de hoje, exige outros instrumentos de combate para a sua transformação, embora possa ser o mesmo o processo dialéctico de a analisar. Aqueles de que o grupo se serviu em 1972 parecem demasiado inócuos. E revisitar este espectáculo não pode ser a visita a uma reconstituição arqueológica.

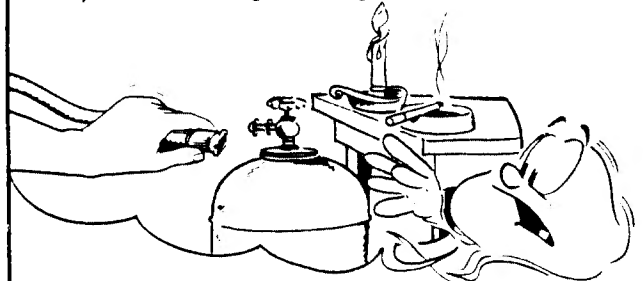
Doze anos da Comuna e do teatro em Portugal ensinaram-nos a ser exigentes, mas nem por isso nos tornam indiferentes: essa é uma das lições que recebemos do grupo. Por isso ver ou rever este espectáculo é importante; ele ajuda-nos a compreender o que foi o teatro em Portugal e o que não interessa que seja, e o que entre um e outro ficou ou se perdeu.

JOSÉ ANTÓNIO MARCHÃ MENDES RIPADO

FALECEU

A família participa que será rezada missa de corpo presente amanhã às 9.30 h na Igreja de Santa Isabel (ao Rato) saindo o funeral às 10 h para o Cemitério de Benfica.

Faca a substituição de garrafas longe de qualquer chama. Cumpra as minhas regras de segurança.



DGE / CAMPANHA DE SEGURANÇA NA UTILIZAÇÃO DE COMBUSTÍVEIS GASOSOS

rádio

Antena Um

16.00: Musicomania; 18.00: A gaita dos sete foles; 19.00: Informação e música; 20.00: Musical; 20.20: No estúdio e no estúdio; 20.30: A voz da solidariedade; 21.00: Movimento; 21.30: Noites de luar. Notícias intercalares às 16.00, 17.00, 18.00, 21.00 e 22.00 horas.

Programa 2

15.30: Obras do período barroco; 16.30: Música do século XX; 17.30: Uma obra de Wolfgang Amadeus Mozart; 18.05: Música coral sinfónica; 19.00: Os olhos férteis; 19.30: Música de câmara; 20.10: Música de Chopin; 21.00: Uma obra de João Sebastião Bach; 21.40: Música religiosa; 22.20: «Concerto a Sete», n.º 10, em ré menor, op. 3, de Festing; 22.30: O gosto pela música; 23.00: Tribuna internacional dos compositores; 23.45: Música sinfónica; 01.00: Fecho. Notícias de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Matinée; 17.00: Rápido das cinco; 19.00: Futebol Clube do Porto; 20.00: Conta corrente; 21.00: Quando o telefone toca; 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Programas religiosos; 22.30: Tempo de desporto; 23.00: 24.ª hora; 01.00: O passageiro da noite; 02.00: No calor da noite. Notícias de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; 16.00: O som da frente; 17.00: Ondas lusitanas; 18.00: Circulo em FM; 19.00: Em órbita; 20.00: Nova geração; 21.00: Jazzofone; 22.00: Café concerto; 24.00: Dois pontos; 02.00: No calor da noite. Notícias de hora a hora.

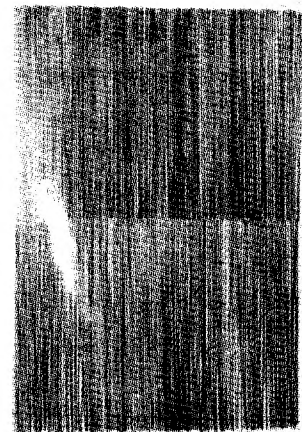
RÁDIO RENASCENÇA
Onda Média

16.00: Rua Capelo; 18.00: Jornal das regiões; 18.30: Transmissão do tempo; 19.30: Memorando; 20.00: Horizonte; 21.00: Programa da LAR; 21.30: Máquinas ao vivo; 22.00: Quando o telefone toca; 22.30: Desporto; 23.00: Sessão da meia-noite; 23.55: Meditando; 02.00: Estação de serviço.

FM-Estéreo

16.00: A cor do som; 18.00: O estamínio do ritmo; 19.30: Memorando; 20.00: Transmissão do tempo; 20.30: A Universidade na Rádio; 21.00: Paju; 21.30: Pentagrama; 22.00: Oceano Pacífico; 24.00: Contracapas; 02.00: Estação de serviço. Notícias a todas as horas.

roteiro cultural



Um desenho de Pires Vieira patente na Galeria Quadrum

cina 50, à R. S. João da Mata, 59.

● Uma mostra colectiva pode ser vista na Galeria de S. Francisco, à R. Ivens, em Lisboa.

● Uma retrospectiva de Mestre Jorge Barradas está patente ao público na Galeria de S. Mamede, à R. da Escola Politécnica.

● Pintura e desenho de Vieira da Silva e Arpad Szenes está patente na Galeria EMI-Valentim de Carvalho, ao Palácio das Alcáçovas, na R. Cruz dos Poiares.

● Dada a afluência de visitantes a Exposição «1 ano de desenho - 4 poetas no Metropolitano» de Júlio Pomar vê o seu prazo de exibição prolongado até ao dia 6 de Janeiro, no Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian.

● Homenagem dos Artistas Portugueses a Almada Negreiros é o tema de uma mostra que se encontra presente ao público na Galeria Almada Negreiros (piso 1 e 2)

do Ministério da Cultura, à Av. da República.

● Pintura e desenho de Rui Aguiar está patente ao público no Espaço A - Clube 50, à R. S. Mamede, ao Caldas.

● Pintura de Luís Camacho pode ser vista na Galeria Leo, à Travessa da Queimada, ao Bairro Alto.

● Quarenta pintores, ceramistas, gravadores e escultores expõem no Atrium da Imprensa, à Casa da Imprensa, na R. da Horta Seca. Com esta mostra, o Atrium da Imprensa encerra a sua primeira temporada.

● «Kutta, Kutta, Kutta» é o tema de uma exposição de pintura de Pedro Proença que pode ser vista até ao próximo dia 29 no Cómicos Espaço Inter-Média, à R. Tenente Raul Cascais, a S. Mamede.

● Uma exposição itinerante sobre a vida e a obra de Maria Lamas está a percorrer diversas localidades do concelho de Almada.

● Na Galeria de Arte do Casino do Estoril Neves e Sousa expõe pintura a óleo, aguarela e guache.

● Pintura de Maria José Abrunhosa está patente ao público na Galeria Diagonal, ao Hotel Cidadela, em Cascais.

● Trabalhos de Laurinda Silvério e Olívia Fletcher podem ser vistos na Galeria de Exposições Temporárias do Museu de Setúbal - Convento de Jesus.

● O Soldadinho de Chumbo, brinquedo de guerra? é o tema de uma exposição que estará patente ao público até ao próximo dia 23 de Dezembro no Palácio D. Manuel. A mostra abrange diversas peças de épocas, esti-

los e marcas abrangendo o período de 1860 até aos nossos dias - pertencentes à colecção do eng.º Arbués Moreira. A companhia esta iniciativa, promovida pela Associação dos Amigos da Ludoteca de Évora, terá lugar no próximo dia 21 um colóquio em que intervirá o pedagogo Sérgio Niza: pelas 18h30m, será abordado o tema «A criança e a agressividade».

● Z.L. Darocha expõe temperas e desenhos na Galeria Dois, à Avenida da Boavista, no Porto. A mostra pode ser vista até ao próximo dia 20.

Cinema

● Na sala dr. Félix Ribeiro da Cinemateca Nacional, prossegue o Ciclo de Ficção Científica. Assim, esta tarde, pelas 18h30m, será exibido o filme «A Terra em Perigo» de Don Siegel. Ainda no mesmo Ciclo, mas no Grande Auditório da Fundação Calouste Gulbenkian, às 21h30m, será a vez de poder ver «Os Passaros» de Hitchcock.

Livros

● Esta tarde, pelas 18h30m, no espaço do Terraço, à R. Luciano Cordeiro, será apresentado o livro «Lua Lenta», de Cecília Barreira. Seguir-se-á um debate sobre Poesia Contemporânea, com a participação de Ana Mafalda Leite, António Mega Ferreira, António Bento Vintém e Luís Fagundes Duarte. Estará patente ao público uma exposição de desenhos de Ana Machado.

Ilusionismo

● Pedro Lacerda Machado estará esta noite na Ocarina para apresentar um espectáculo de ilusionismo, denominado «Magia Close/Up».

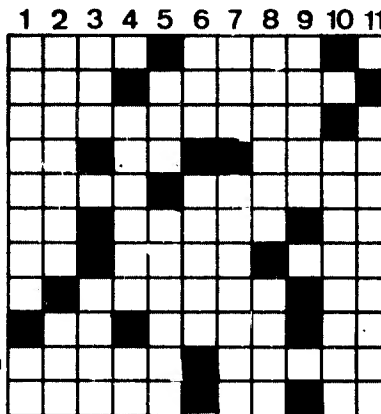
palavras cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 14 207

HORIZONTAIS:

- 1 Pronome indefinido. Pronome relativo.
- 2 Vasilha de vinho. Transpiraram.
- 3 Armação em que as videiras se apoiam.
- 4 Espera Deferimento. Género de palmeiras do Brasil. Mil cento e dois em romano.
- 5 Versos em Louvor dos santos. Avivara (o lume).
- 6 Iridio (s.q.). Cesto comprido de vimes para a pesca (pl). Reis.
- 7 Em a. Região do Oriente, aonde Salomão mandava buscar ouro. Cabelos brancos.
- 8 Estabelecimento de caridade (pl). Preposição.
- 9 Erbio (s.q.). Cidade da Galileia. Prefixo de negação.
- 10 Mulher israelita que no tempo dos Juizes habitava Belém. Pedaco de lenha queimada.
- 11 Relativo aos ossos. Ósmio (s.q). Reis.

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.



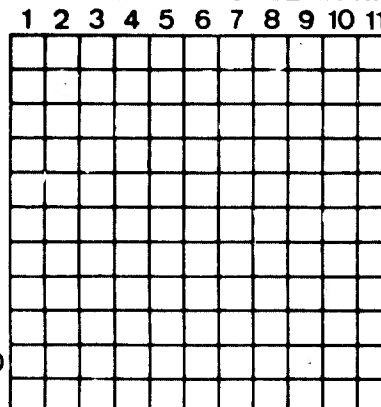
VERTICAIS:

- 1 Freguesia do concelho de Alandroal. Em o.
- 2 Freguesia do concelho de Oeiras. Ecoe (inv).
- 3 Conceder. Pernadas de sobreiro.
- 4 Perigos. Pronome pessoal.
- 5 Pronome possessivo. Profissão.
- 6 Letra grega. Cidade de Espanha.
- 7 Título honorífico na Índia. Cidade do Canadá.
- 8 Fios metálicos. Vais para fora.
- 9 Fragmento.
- 10 Difundir.
- 11 Vendêsemos sem dinheiro.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 057

HORIZONTAIS:

- 1 Antiga cidade da Frigia, na Ásia Menor, destruída por um terramoto no século I. Apelido.
- 2 Narcótico (fig). Árvores de flores roseas que aparecem antes das folhas na Primavera.
- 3 Patna. Rebaixas.
- 4 O céu (fig). Anel.
- 5 Punhado. Utensílio doméstico.
- 6 palácio Real do sultão na antiga Turquia.
- 7 Ondas curtas. Feixe de luz do Sol.
- 8 Verbal. Cantiga para acalantar.
- 9 Para barlavento. Freguesia do concelho de Montalegre.
- 10 Verso. Homem indolente, calaceiro. Basta.
- 11 Arejara. (Bras). Árvore do Brasil de onde se extrai o curare.



VERTICAIS:

- 1 Celebre navegador que descobriu a América. Freguesia do concelho de Oliveira do Hospital.
- 2 Espécie de tecido de algodão. Moeda asiática.
- 3 Nome de flores. Letra grega.
- 4 O sono das crianças. Época. Centiare.
- 5 Preparar.
- 6 Bato a massa. Reis. Nota musical.
- 7 Naquele lugar. Moeda antiga de prata que valia 320 reis.
- 8 Chiste. Dispõe em linha recta.
- 9 Sufixo que designa pequenez. Cidade dos Países Baixos.
- 10 Rio da França e da Alemanha. O mesmo que até.
- 11 Esmonca. Remedeai.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 206

Horizontais:

- 1 Lamas. Saras.
- 2 Tua. Tudo.
- 3 Ain. Fel. Mor.
- 4 Adoemecera.
- 5 Oia. Gama.
- 6 NS. Aspas. NO.
- 7 Es. Cora. DI.
- 8 Acaba. Arcos.
- 9 Lama. lo.
- 10 Il. Gritavam.
- 11 Asma. Mesada.

PROVÉRBO Tudo no mundo tem fim

Verticais:

- 1 SN. Alia.
- 2 Átia. Secais.
- 3 MUNDO. Sam.
- 4 Aa. Aio. Baga.
- 5 Frasca.
- 6 TEM. Pó. FIM.
- 7 Legara. Te.
- 8 At. Casarias.
- 9 Rumem. Cova.
- 10 Adorando. Ad.
- 11 Sora. Ois. Má.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 056

Horizontais:

- 1 Orangotango.
- 2 Párias. Ai.
- 3 Ima. Sacudis.
- 4 Ocos. Caria.
- 5 Mo. Acalenta.
- 6 Asoto. Aal.
- 7 Notários.
- 8 Osa. Amparos.
- 9 Ad. Ili.
- 10 Sarcófagos.
- 11 Mio. Sarasse.

Verticais:

- 1 Opiomano. SM.
- 2 Rançosos. Ai.
- 3 Arão. Ota. Ro.
- 4 Ni. Satã. Ac.
- 5 Gas. Corados.
- 6 Osaca. Im. Fa.
- 7 Cal. Opiar.
- 8 Ature. Salga.
- 9 Dima. Rios.
- 10 Gaiata. SS.
- 11 Ois. Aliso.

COTAÇÕES DE NOTAS

	(Por unidade)	
	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	78\$00	84\$00
ALEMANHA FED (marco)	53\$05	54\$15
AUSTRIA (xelim)	7\$50	7\$70
BÉLGICA (franco)	2\$479	2\$679
BRASIL (cruzeiro)	\$036	\$066
CANADÁ (dólar - notas de 1 a 2)	124\$60	126\$60
(notas de 5 a 1000)	125\$10	127\$10
DINAMARCA (coroa)	14\$80	15\$20
ESPAÑA (peseta)	\$909	\$929
EUA (dólar - notas de 1 a 2)	164\$70	166\$70
(notas de 5 a 1000)	165\$20	167\$20
FINLÂNDIA (marka)	25\$50	26\$10
FRANÇA (franco)	17\$30	18\$00
HOLANDA (florim)	46\$95	47\$95
IRLÂNDIA (libra)	166\$35	170\$35
ITALIA (lira)	\$078	\$088
JAPÃO (iene)	\$637	\$672
NORUEGA (coroa)	18\$25	18\$75
REINO UNIDO (libra)	196\$60	200\$60
SUECIA (coroa)	18\$50	19\$10
SUIÇA (franco)	64\$35	65\$45
VENEZUELA (bolivar)	10\$25	11\$25

Observações:

- 1 - No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

cartaz de cinemas e teatros

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
OS SALTEADORES DO TEMPLO SAGRADO

ÁVILA 539930

Av. Duque d'Ávila, 92A

Às 15, 17, 19.10, 21.45 e 23.45
- M. 12 a.
A ACADEMIA DA POLÍCIA

AVIS 547153

Av. Duque de Ávila, 45

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- M. 6 a.
QUATRO PUNHOS CONTRA RIO

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 16 a.
ZONA DE PERIGO

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
INDIANA JONES E O TEMPLO PERDIDO

CASTIL 530194

R. Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 12 a.
O LUGAR DO MORTO

CINE BLOCO 55682

R. Pinheiro Chagas, 10

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- M. 16 a.
A BALADA DE NARAYAMA
Às 24 - N. ac. men. 13 a.
TRINITY VAI À GUERRA

CINE CAMÕES 324194

R. do Loreto, 15

Às 14.15, 16.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
O SUPERDINÂMICO

CINE 222 579460

Av. P. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
MEUS PROBLEMAS COM AS MULHERES

CINESTÚDIO LIDO 936593

P. D. João I, Amadora

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 12 a.
HAMMETT, DETECTIVE PRIVADO

CINE-PLAZA 930119

Av. Santos Matos, 2 - Amadora

Às 15.30 e 21.30 - M. 16 a.
O FIM-DE-SEMANA DE OSTERMAN

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
Finalmente! O filme! A música!
Canções de Stevie Wonder
A MULHER DE VERMELHO
O filme de Gene Wilder

2000 2100055

Av. B. Voluntários, lts. 113/4

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 13 a.
BALBÚRDIA NO OESTE

EDEN 320766

P. Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
AO SERVIÇO DE SUA MAJESTADE

ESTUDIO 555134

Al. Alfonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS

ESTUDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15, 17, 19 e 21.30
- M. 12 a.
AS ASAS DA POMBA

HOLLYWOOD 802859

Centro Comercial Alvalade

SALA 1

Às 14.30, 16.45, 19, 21.30 e 24
- M. 12 a.
A MULHER DE VERMELHO

SALA 2

Às 14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45
- M. 6 a.
EM BUSCA DA ESMERALDA PERDIDA

IMPÉRIO 555134/5

Al. Alfonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
- M. 6 a.
OS CAÇA-FANTASMAS

LIDO 936593

P. D. João I, Amadora

Às 21.30 - Int. men. 13 a.
VINGANÇA FORÇADA

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 14.15, 16.30 e 21.30
- M. 12 a.
AS BELDADES SELVAGENS VOLTA-AM A IBIZA

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 16 a.
OS AMIGOS DE ALEX

ODEON 326283

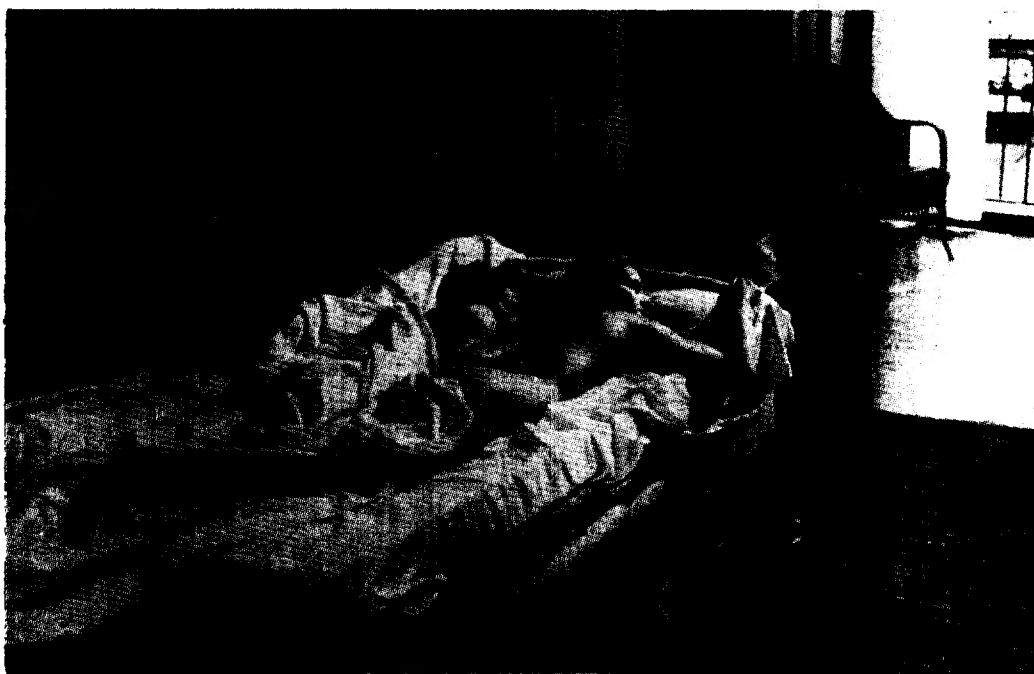
R. dos Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
- M. 18 a.
A ÚLTIMA ORGIA DO III REICH

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 17.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
SOLDADO AZUL



Uma cena do filme «As Asas da Pomba» realizado por Benoit Jacquot com Dominique Sanda e Michèle Placido. Em exibição no Estúdio 444

POLITEAMA 326716

R. Portas S. Antão, 109

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
QUATRO PUNHOS CONTRA RIO

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
- M. 12 a.
DIÁRIO ÍNTIMO

SALA 2
Às 14.30, 16.45, 19, 21.30 e 23.30
- M. 12 a.
GREMLINS
Às 23.30 - N. ac. men. 13 a.
1941, ANO LOUCO EM HOLLYWOOD

SALA 3
Às 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
- M. 12 a.
HAMMETT
Às 23.30 - N. ac. men. 18 a.
O AMIGO AMERICANO

SALA 4
Às 14, 16.45, 19.30 e 22.15
- M. 12 a.
O HOMEM DE FERRO

QUINTETO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

Às 14.30, 17.45, 19 e 21.30
- M. 12 a.
GREMLINS
Às 24 - M. 16 a.
A RAPARIGA DE TRIESTE

ROMA TEL. 727778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
GREMLINS, O PEQUENO MONSTRO

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 12 a.
SABATA CHEGA E MATA

SÃO JORGE 579144/579344

Av. da Liberdade, 175

SALA 1
Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 6 a.
OS CAÇA-FANTASMAS

SALA 2
Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15
- M. 12 a.
VIDAS EM JOGO
25.ª Semana

SALA 3

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.45
OS BATOTEIROS

7.ª ARTE 730715

Av. República, 4 E Entre Campos, junto ao n.º 63

Às 14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.45
- M. 16 a.
O ELEVADOR

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 15, 18.15 e 21.30
- M. 12 a.
GENTE GIRA
Preço único: 125\$00

TURIM 706666

E. de Benfca, 723-A

Às 15, 17.30 e 21.45
- M. 6 a.
A ESPADA ERA A LEI

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, lote 8/9

Às 15, 18.15 e 21.30
- M. 12 a.
O LUGAR DO MORTO
4.ª Semana

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
O ELEVADOR

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 - «A Corrida Mais Louca do Mundo», às 21.30 (6 anos)

ALFA-2 - «A Balada de Narayama», às 21.30 (16 anos)

ALFA-3 - «Ao Serviço de Sua Majestade», às 21.30 (12 anos)

ALFA-CLUBE - «Indiana Jones e o Templo Perdido», às 21.15 (12 anos)

ZODIACO - «Vidas», às 21.30 (18 anos)

APOLO 70 - «Ao Serviço de Sua Majestade», às 21.30 (12 anos)

MUNDIAL - «A Corrida Mais Louca do Mundo», às 21.30 (6 anos)

LONDRES - «Paris, Texas», às 21.30 (12 anos)

TERMINAL - «Gremlins, o Pequeno Monstro», às 21.30 (12 anos)

CITY-CINE - «O Momento da Verdade», às 21.30 (12 anos)

TIVOLI - «Frances», às 21.45 (12 anos)

OLIMPIA - «As Orgias de Mata-Hari», sessões permanentes (18 anos)

CAPITOLIO - «Sexo Fraco Joga Forte», às 21.00 e 23.00 (18 anos)

RETELO - «Fúria de Vingança», às 21.30 (16 anos)

PROMOTORA - «Mulher Deputada... Marido Faltado», às 21.30 (16 anos)

ESTUDIO ACS - «Fúria de Vingança», às 21.30 (16 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS - Stadium - «Outono Escaldante», às 21.30 (16 anos)

CASCAIS - Impala - «Outono Escaldante», às 21.30 (16 anos)

ESTORIL - Casino - «Indiana Jones e o Templo Perdido», às 21.30 (16 anos)

CASCAIS - Oxford - «Indiana Jones e o Templo Perdido», às 21.30 (16 anos)

Linha de Sintra

CACÉM - Estúdio Flores - «Footloose», às 21.30 (12 anos)

SINTRA - Carlos Manuel - «O Forte Apache de Bronx», às 21.30 (18 anos)

Outra Banda

ALMADA - Cine-Estúdio - «Gremlins, o Pequeno Monstro», às 21.15 (12 anos)

COSTA DE CAPARICA - Oceano - Sala 1 - «Uma Cama Para Três», às 21.30 (12 anos)

COSTA DE CAPARICA - Oceano - Sala 2 - «Os Ricos e os Pobres», às 21.45 (12 anos)

ALMADA - Incrível - «Fronteira USA», às 21.30 (13 anos)

ALMADA - Academia - «Pappilon», às 21.15 (13 anos)

Porto

BATALHA - «Os Caça-Fantasmas», às 21.30 (6 anos)

PASSOS MANUEL - «A Corrida Mais Louca do Mundo», às 21.45 (12 anos)

CHAPLIN - «O Presente», às 21.30 (13 anos)

OLIMPIA - «O Último Tango em Zagreb», às 21.30 (18 anos)

TERÇO - «Um Assassino Dentro de Mim», às 21.45 (13 anos)

BEBÉ - «Identificação de uma Mulher», às 21.30 (16 anos)

SÃO JOÃO - «Ao Serviço de Sua Majestade», às 21.45 (12 anos)

CHARLOT - «Making Love», às 21.30 (18 anos)

ÁGUA - «Robin dos Bosques», às 21.30 (13 anos)

RIVOLI - «Fugitivos do Inferno», às 21.30 (13 anos)

COLISEU - «Ao Serviço de Sua Majestade», às 21.30 (12 anos)

FOCO - «A Corrida Mais Louca do Mundo», às 21.30 (6 anos)

VALE FORMOSO - «O Templo de Shaolin», às 21.30 (16 anos)

PEDRO CEM - «Gente Gira», às 21.30 (12 anos)

LUMIÈRE - Sala A - «O Lugar do Morto», às 21.30 (13 anos)

LUMIÈRE - Sala L - «Vidas», às 21.45 (18 anos)

Lisboa**PERMANENTE**

BAIXA: Durão, R. Garrett, 92 (T. 324166); CAMPO D'OURIQUE: Condestável, R. Coelho da Rocha, 119 (T. 666206); CHILE - ALTO DE SÃO JOÃO: Vitalia, R. Morais Soares, 69-C (T. 841779); ESTEFÂNIA: Morgado Lourenço, L. D. Estefânia, 4-5 (T. 554809); ESTRELA: Martins, C. da Estrela, 165-167 (T. 660823); JOÃO XXI: Onilda, Av. João XXI, 13-A (T. 886848); LUMIAR: Alameda, Al. das Linhas de Torres, 201-B (T. 790942); MARQUÊS DE POMBAL - PICOAS: Correia Almeida, Av. Fontes Pereira de Melo, 21-B-C (T. 547385); OLIVAIS NORTE: Central dos Olivais, R. Alfere Barilario Ruas, 7-C (T. 315539); PALHAVA: Aguiar, Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A (T. 720934); SANTO AMARO: Correia de Azevedo, R. Luís de Camões, 42-B (T. 638625); VALE DE SANTO ANTÓNIO: Costa Ferreira, R. Fernão de Magalhães, 33 (T. 849448); ODIVELAS: Catela Tava-

teatros

Lisboa

TEATRO DA ESTRELA - «Make Me a Window», às 20.00 (13 anos)

VILLARET - «O Super-Silva», às 21.30 (12 anos)

CASA DA IMPRENSA - «Aurora da Minha Vida», às 21.45 (13 anos)

COLISEU - Circo do Natal, às 16.50 e 21.30 (6 anos)

CAMPO PEQUENO - Circo Chen, às 21.30 (6 anos)

PRAÇA DE ESPANHA - Circo Cardinal, às 21.30 (6 anos)

A BARRACA - «Santa Joana dos Matadouros», às 21.30 (13 anos)

MARIA VITÓRIA - «O Bom Tramado», às 21.45 (16 anos)

TEATRO ABERTO - «Ubu Português, 2002, Odisseia no Terreiro do Paço», às 21.30 (13 anos)

TEATRO IBERICO - «A Celestina», às 21.30 (13 anos)

res. R. Prof. Dr. Augusto Abreu Lopes, 29-A (T. 9815446); PONTINHA: Pontinha, E. de Santo Elói, 4, lote SE (T. 990220).

REFORÇO

AJUDA: Lidia Almeida, C. da Ajuda, 170 (T. 637318); ALVALADE: Cartaxo, Av. da Igreja, 21-C (T. 897958); AVE-

NIDAS NOVAS: Valle, Av. Marquês de Tomar, 47 (T. 773043); BENFICA - IGREJA: Marques, E. de Benfca, 648 (T. 700096); CAMPOLIDE: Pátria, C. dos Mestres, 30-A (T. 680627); HOSPI-

TAL DE SÃO JOSÉ - DESTERRO: Simmar, R. de São Lázaro, 128 (T. 542829); INFANTE SANTO - PAMPULHA: Infante Santo, R. do Olival, 290 (T. 661003); PALACIO DE SÃO BENTO: Micael, R. de São Bento, 380-382 (T. 662162); PENHA DE FRANÇA: Central da Penha, R. da Penha de França, 58-60 (T. 849245); PICHELEIRA: Mar-

luz, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); VALE FORMOSO - POÇO DO BISPO: Barros Gouveia, R. Vale Formoso de Cima, 79-B (T. 855180); BRANDOIA - AMADORA: Tavares de Matos, R. 6, lote 308 (T. 993220); BURCA - AMADORA: Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); OLIVAL BASTO: Nova, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); PRIOR VELHO: Matos, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda

ALMADA: Reis, R. Comandante António Felo, 19 (T. 2750504). Permanente;

COVA DA PIEDADE: Rainha Santa, R. Sociedade Rua Piedade, 50-A (T. 2294182). Permanente; COSTA DE CAPARICA: Higienica, Av. da República, 23 (T. 2400020). Até às 19 horas;

LARANJEIRO: Moderna, R. Dr. António Elvas, 8-A (T. 2290305). Até às 22 horas; SEMBRAL: Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028); LAVRADIO: J. Consolado, Av. Joaquim J. Fernan-

des, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas;

BARREIRO: Santa Marta, R. Dr. Manuel P. Nobre, 44-B (T. 2072141). Permanente; BAIXA DA BANHEIRA: Teixeira, B. de Moçambique, 84-B (T. 2040946). Até às 19 horas; COR-

ROIOS: Abreu Cardoso, B. Cidade de Setúbal, 1-B (T. 2291192). Até às 19 horas; AMORA: Fonseca, R. do Ribe-

tejo, 2-A, Cruz de Pau (T. 2211131). Até às 22 horas; TORRE DA MARINHA: Alves Velho, L. de Camões, 27 (T. 221132). Até às 22 horas; MONTIJO: Higienic, R. José Joaquim Marques, 142 (T. 2310370). Até às 22 horas; MOITA: Silva Rocha, P. da República, 16 (T. 239029). Até às 19 horas; ALHOS VEDROS: Guarnio, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 204020). Até às 19 horas; ALCO-

CHETE: Gamaleiro, L. António Santos Jorge, 15 (T. 234100). Até às 19 horas.

Linha de Cascais

ALGÉS: Almeida Nifo, Av. Combatentes da Grande Guerra, 64 (T. 22112070). Permanente; LINDA-A-VELHA: Pinto, R. Antero de Quental, 9 (T. 2190610). Até às 19 horas; TIRES: Guimarães, L. Duartes, lote A (T. 2441616). Até às 22 horas; ALCAB-

DECHE: Carvalho, B.



DL

Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos:
RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
TELEFONES: 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade: 368740
Serviço de noite (depois das 21):
Porto: 321154 - Redacção: 320271/2/3
Preço do «DL» na Madeira: 40000

Depósito Legal n.º 1426/82

Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGALDELEGAÇÃO DO PORTO
Rua do Almada, 30-2.º - 4000 PORTO
Telefones: 20954/5Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte, 115-1.º - 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784

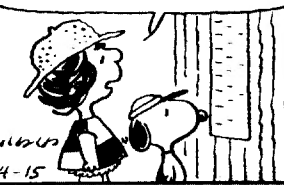
MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR BAIXA-MAR
11.30 3,8 m 4.59 1,5 m
17.34 1,3 m
Dia 19
0.08 3,8 m 5.58 1,4 m
12.31 3,9 m 18.27 1,2 m

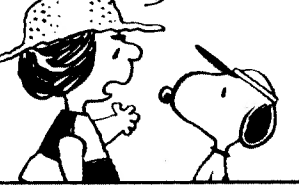
TEMPERATURAS DO AR
AS 6 HORAS:

VIANA DO CASTELO 9°
BRAGANÇA 6°
VILA REAL 9°
PORTO 10°
COIMBRA 11°
CABO CARVOEIRO 15°
PORTALEGRE 7°
LISBOA 12°
ÉVORA 9°
BEJA 9°
FARO 11°
SAGRES 15°
PONTA DELGADA 12°
FUNCHAL 17°

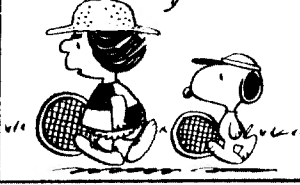
OLHA COM QUEM
JOGAMOS PRIMEIRO...
CONTRA O BOOBIE
"CHORÃO" E O BENNY
"SEMPRE FORA".



O BOOBIE ESTÁ
SEMPRE A QUEIXAR-SE
DE TUDO, E O BENNY
GRITA SEMPRE "FORA".



LEMBRO-ME
DA ÚLTIMA VEZ
QUE JOGUEI
CONTRA ELE...



MAL ABRI A CAIXA
DAS BOLAS, ELE
DISSE QUE "ELAS"
ESTAVAM "FORA".



Shakespeare censurado nos EUA

A Junta de Educação da Virgínia (EUA) está a reexaminar dois livros escolares dos quais o editor cortou 420 linhas de duas peças de Shakespeare, por pensar que as passagens era sexualmente demasiado explícitas.

O editor, Scottman S. C., de Glenview, Illinois, cortou cem linhas de «Hamlet» e 320 linhas de «Romeu e Julieta».

A parte retirada de Hamlet diz respeito à altura em que o príncipe dinamarquês mostra tristeza sobre o casamento irrefletido de sua mãe com o seu tio, após a morte do pai, argumentando que ela nunca mais deve dormir com ele.

Na versão de «Romeu e Julieta» falta o excerto no qual a jovem heróina sonha com o último encontro com o seu amante exilado.

Oposição prepara proposta

Presidente da Câmara de Pinhel pode vir a ser afastado

O presidente da Câmara Municipal de Pinhel (Guarda), Alfeu Campos, abandonou a reunião que convocara extraordinariamente para análise e debates de questões relativas ao inquérito administrativo às actividades municipais.

O facto ocorreu quando o autarca foi derrotado na votação de uma proposta sua sobre a perda de mandato do vereador do PSD, Marques dos Santos.

Alfeu Campos queria que esta proposta fosse discutida antes da matéria relativa ao inquérito

realizado pela Inspeção do Ministério da Administração Interna (MAI).

Acompanharam o presidente do Município, afecto ao CDS, no abandono da reunião, os vereadores do seu partido.

A Câmara continuou a funcionar com os quatro vereadores da oposição à presidência e ao CDS, que no executivo possui três elementos.

Os vereadores do PSD, PS e APU aprovaram já a deliberação de não ratificar os pagamentos

feitos por Alfeu Campos.

Baseiam-se no facto de que o autarca teria concedido subsídios e procedido a pagamentos sem deliberação do executivo municipal.

«Não se tratava de obras de carácter excepcional, pelo que era impossível dar cobertura a esta acção», disse José Augusto Almeida, vereador do PS.

Na reunião camarária em que foi analisado o conteúdo do relatório do inquérito, a Câmara Municipal de Pinhel, «é vítima principalmente do seu presidente, por

actos que ultrapassou os seus poderes».

Outra deliberação já aprovada foi a de notificar uma empresa que fornecia à edilidade para proceder à devolução, segundo o relatório do MAI, de mais de 2.213 milhões de escudos.

O referido documento afirma que aquela empresa recebeu a verba «indevidamente».

A ANOP apurou, entretanto, que a auditoria jurídica do Porto solicitou ao município de Pinhel fotocópia dos documentos que constam do processo de inqué-

rito. Vereadores da oposição, que têm a maioria no executivo da Câmara face ao partido da presidência, disseram que em próxima sessão de trabalhos vão propor a perda de mandato do presidente da Câmara «após a análise ponderada, ponto a ponto, do relatório de inspecção do MAI».

A Câmara de Pinhel é constituída por três elementos do CDS, dois do PSD, um do PS e um da APU.

Apreendido contrabando

Os Serviços Alfandegários apreenderam em todo o País, nos últimos dias, mercadorias de contrabando, no valor de 57.420 contos, provenientes de Nova Iorque, Zurique, Milão, Rio de Janeiro, Londres, França e Espanha.

De acordo com um comunicado hoje difundido pelo Ministério das Finanças e do Plano é o seguinte o rol das mercadorias apreendidas, chegadas a Portugal por via marítima, aérea e terrestre: computadores e respectivos acessórios, material de som, vídeo e televisão e ainda uma motoretta.



Simenon regressa a casa

Vítima de um acidente cardiovascular, Georges Simenon, que já ultrapassou os oitenta anos e é considerado como um dos mais prolíficos escritores franceses, resistiu, e abandonou já o hospital suíço onde foi tratado. Simenon está de volta a sua casa, onde certamente continuará a publicação de suas «Memórias», passadas que estão as aventuras policiais do comissário Maigret, que, no entanto, continuam a entreter milhares de seus milhões de leitores. Mas de seus muitos títulos publicados.

Ludotecas voltam a debate

“O brinquedo está para a criança como a ferramenta está para o adulto”

— foi afirmado ontem na Gulbenkian

«O brinquedo está para a criança assim como o instrumento de trabalho está para o adulto», assim foi justificado, na noite passada, na Fundação Calouste Gulbenkian, o porquê das ludotecas, durante uma sessão de esclarecimento organizada pelo conselho coordenador do Instituto de Apoio à Criança.

Os participantes nesse encontro estiveram de acordo quanto à importância da acção das crianças «na procura do maravilhoso do brinquedo» que as ludotecas possibilitam «no âmbito do gran-

de jogo que é o convívio infantil em criatividade».

A dr.ª Manuela Eanes, presidente do conselho coordenador do Instituto, informou que o IAC está a preparar, para a segunda quinzena de Janeiro, o arranque de uma acção de dinamização dos serviços de pediatria do Hospital de Santa Maria, a alargar posteriormente a outros estabelecimentos hospitalares. A psicoterapeuta Teresa Soeiro, realçou depois esta ideia, sublinhando que, num hospital, uma criança à espera de uma consulta está inactiva, debaixo de uma grande

tensão que só contribui em seu desfavor, bem como dos seus familiares e do próprio médico que a vai assistir. «Assim, uma ludoteca de brinquedos num hospital — acrescentou — pode contribuir para suavizar o tempo de espera à criança desde que acompanhada por monitores devidamente preparados».

Entre as várias comunicações é de realçar, ainda, a do dr. Carlos Neto, que falou do espaço lúdico e de todo o caminho novo que é preciso percorrer para que as crianças possam beneficiar de

condições exteriores às suas casas que, de modo amplo, lhe permitam brincar em liberdade e exteriorizar a prática do seu próprio espaço lúdico infantil.

Nesta sessão de esclarecimento do IAC participaram, além de vários técnicos educadores, representantes do Ministério da Educação e das juntas de Freguesia de Carnaxide, Carnide, Marvila e Odivelas, que falaram das suas experiências e do seu interesse em avançarem próximas.

Assembleia

Distrital de Faro

“expulsa”

órgãos do Governo

Órgãos periféricos do Governo devem abandonar as instalações que ocupam no edifício da Assembleia Distrital de Faro, decidiu ontem este órgão autárquico.

A deliberação fixa o último dia de 1984 como data limite para a concretização da evacuação daquelas instalações pelas Direcções-Gerais do Equipamento Regional e Urbano e do Planeamento Urbanístico e pela Universidade do Algarve.

A Assembleia Distrital de Faro debruçou-se sobre este assunto a solicitação da Comissão Coordenadora Regional do Algarve (CCRA).

Obstruindo acesso ao mercado municipal

Camionistas contra presidente da Câmara de Braga

O acesso ao mercado municipal de Braga está a ser impedido desde as 5 horas de hoje por cerca de 50 camionistas.

A PSP de Braga, disse à ANOP que se a desobstrução do acesso «não se verificar em termo útil terá de recorrer-se a um serviço de ruas».

A decisão dos camionistas surge na sequência de uma deliberação camarária ratificada pela Assembleia Municipal, segundo a qual os camionistas devem proceder ao seu serviço habitual de abastecimento ao novo mercado de Granada.

Para os camionistas surge na sequência de uma deliberação camarária ratificada pela Assembleia Municipal, segundo a qual os camionistas devem proceder ao seu serviço habitual de abastecimento ao novo mercado de Granada.

Para os camionistas a decisão camarária tem objectivos pessoais do presidente da Câmara, pelo facto de o mercado de Carandá ser ainda recente e não registar a afluência considerável que tem o velho.

O município havia também, limitado o espaço de abastecimento dos camiões ao velho mercado, devido à excessiva aglomeração daqueles veículos, causando perturbação aos moradores da zona, os quais, desde há muito, vinham protestando contra o barulho.

No interior do mercado municipal a venda dos produtos apenas está a ser efectuada por lavradores, enquanto que as vendedeiras que se abastecem dos camiões se recusam a vender mesmo produtos não frescos.

Inter analisa “dieta pobre”

Alimentos de base aumentaram 67%

Desde que o Governo PS/PSD subiu ao poder, em Junho de 1983 os preços dos bens alimentares essenciais sofreram um aumento médio de 67 por cento. Este cálculo é feito pela CGTP, que afirma ter feito as contas com base em dados do Instituto Nacional de Estatística e tomado como comparação o período entre Maio de 1983 e Novembro de 1984.

Para estes cálculos a CGTP tomou como base os preços da batata, frango, fiambre, chouriço,

chispe, carapau, ovos, pão e leite, produtos que aquela central considerou praticamente invariáveis numa alimentação diuturna.

A verificarem-se os aumentos previstos dos preços dos combustíveis, energia e diversos produtos essenciais, poderá gerar-se uma cadeia de aumentos que em breve traduzirá os resultados da presença do PS e PSD no Governo, na duplicação do custo de vida.